

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologias e Arquitetura
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
Mestrado Integrado em Arquitetura

João Miguel da Mota Cerveira Duarte Ramalho

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

Casos de Estudo e análise de Sines

ORIENTADOR:

Professora Doutora Arquiteta Soraya de Fátima Mira Godinho Monteiro Genin, Professor auxiliar convidado, ISCTE-IUL

CENTRO NÁUTICO DE SINES

TUTOR:

Professor Pedro Viana Botelho, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2016

INDICE DE CONTEÚDOS

Agradecimientos

7 Parte I - Vertente Teórica

175 Parte II - Vertente Projectual



Eis que chegou o momento tão desejado! Um muito obrigado a todos os que, direta ou indiretamente, fizeram parte do meu percurso.

A professora Soraya Genin pela sua paciência, segurança e contribuição para alcançar o objetivo a que me propus. Ao professor Pedro Botelho, por todos os momentos de aprendizagem que me proporcionou na procura por uma melhor arquitetura. Ao professor Sérgio Fazenda Rodrigues pelo papel fundamental no início deste processo.

À Dra. Sandra Patrício pela sua disponibilidade e contributo ao longo deste moroso processo.

À minha família que amo e que foi incansável, permitindo que pudesse seguir os meus sonhos e alcançar os meus objetivos.

Ao Ricardo, Vasconcelos, Botelho, Zé Pedro, Estrelo, Ornelas, Pinto, Mendonça, Urbino e ao Rúben Zé, à Carolina, Sofia, Nádia, ao João Morais, à Susana e a Ana, pela partilha deste percurso, pelas aventuras ao longo destes anos e pela amizade que fica.

À Jennifer, uma luz que apareceu no momento mais escuro. Por partilhar o gosto e a procura pela arquitetura e, também, por ser quem é. Acima de tudo, por me permitir ser quem sou...

À minha nova família, o Sr. João Martins, a Sra. Manuela Martins, ao João, à Tânia e ao Ruben, porque me receberam de braços abertos.

À Patrícia e a Débora pelo esforço de última hora, fico a dever uma!

Um muito obrigado a todos!

VERTENTE TEÓRICA



REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL
Casos de Estudo e análise de Sines

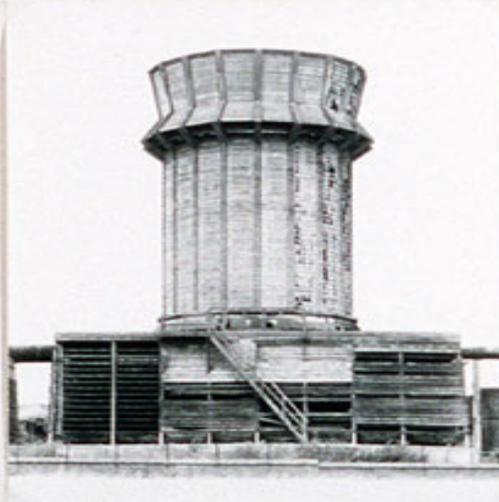
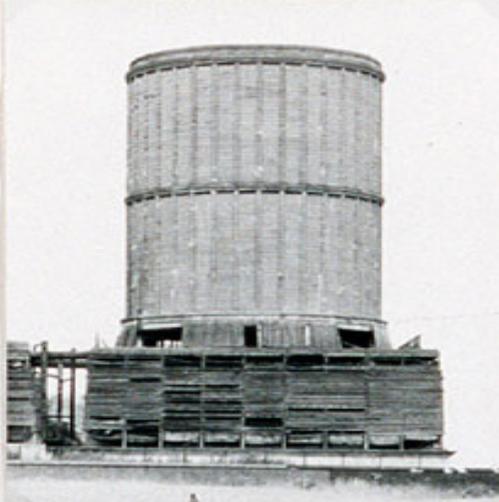
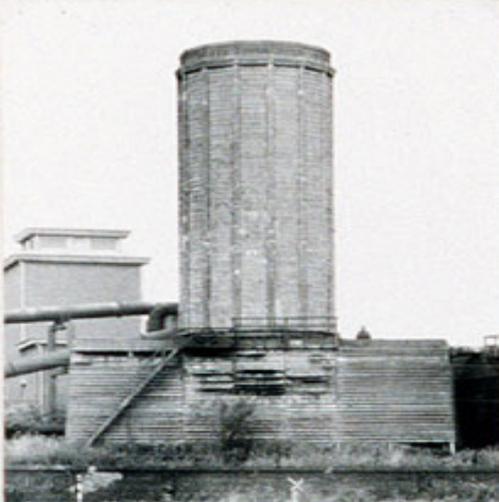
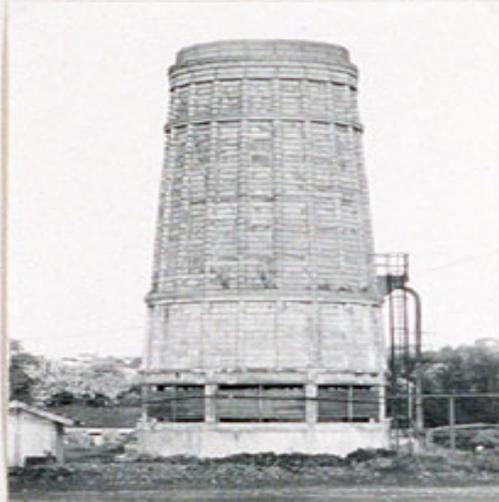
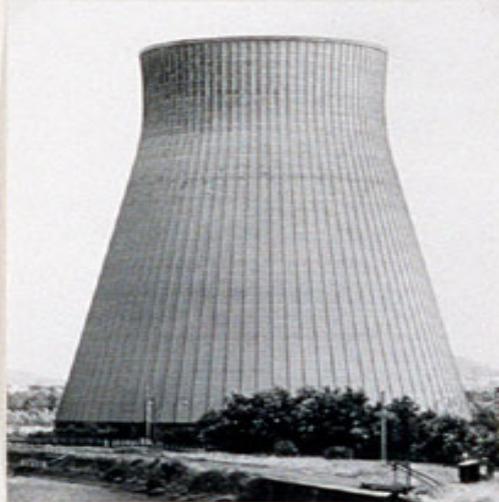
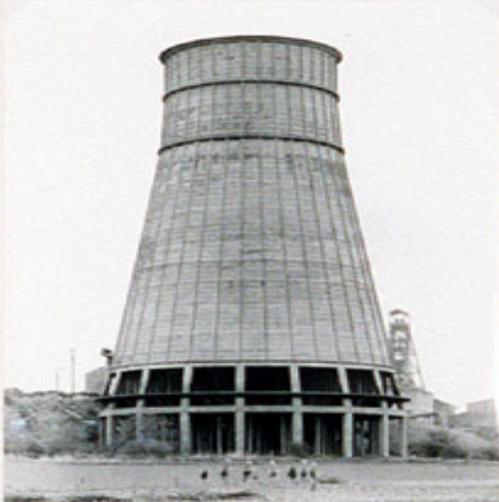
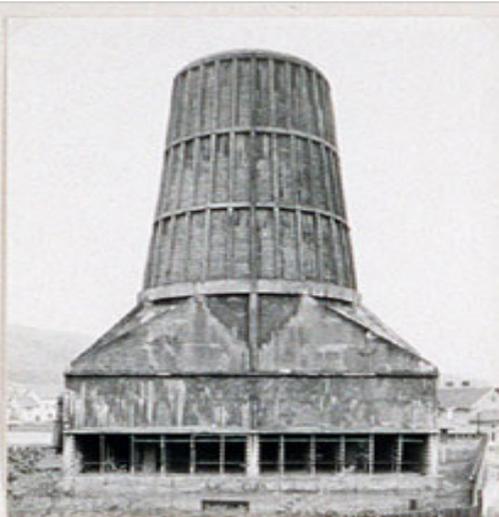


ÍNDICE

RESUMO	15
ABSTRACT	17
INTRODUÇÃO	19
1. PATRIMÓNIO INDUSTRIAL	
1.1– Quadro Internacional	25
1.2 – Quadro Português	26
1.3 – Pertinência programática das reabilitações	28
1.4– De fábrica a museu	31
1.5 – Crescimento do tecido urbano Pré e Pós-Industrial	36
2. TURISMO INDUSTRIAL	
2.1 – Origem do Turismo Industrial	41
2.2 – Situação europeia e em Portugal	43
2.3 – Casos de estudo	45
IBA EMSHER PARK	45
Complexo Industrial de Minas de Carvão Zollverein (1847)	50
Marinha Grande	
Real Fábrica dos Vidros da Marinha Grande	55
Edifício da Resinagem da Marinha Grande	64

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Guimarães	
Fábrica ASA	68
São João da Madeira	
Empresa Industrial de Chapelaria	71
Complexo Industrial da OLIVA	
Torre da Oliva	78
Armazéns da Fundição e Fabricos Gerais	82
Covilhã	
Real Fábrica de Panos (1764)	88
Real Fábrica Veiga (1784)	91
3. CASO DE SINES: CIDADE E INDUSTRIA	
3.1 Porto Romano, e Vila Medieval (Séc. I a Séc. XIX)	97
3.2 - A Industria Corticeira e Conserveira em Sines: A ascensão e o declínio (Séc. XIX a 1970)	102
3.2.1 – A Pequena e a Média escala	107
3.4 – Complexo Industrial: 1971	117
3.5 – Perspetivas Futuras	122
3.3 - Análise de dados	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
BLOGRAFIA	151
ANEXO DE FOTOGRAFIAS DAS UNIDADES FABRIS ENTRE 1850 E 1974	160



Torres de arrefecimento (Bernd e Hilda Becher, 1972)



RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo a análise dos programas de reabilitação do património industrial, e a inventariação do Património industrial de Sines, particularmente as indústrias corticeira e conserveira, do período de 1850 a 1974, coligindo o trabalho iniciado por Sandra Patrício do Arquivo de Sines. Pretende-se também refletir sobre a tendência corrente de reabilitação para fins museológicos.

O primeiro capítulo analisa a situação internacional e nacional do património industrial, tendo por base a pesquisa bibliográfica. Reflete ainda sobre o programa adequado para reabilitação do património fabril.

O segundo capítulo analisa a reabilitação do património industrial na sua vertente económica de turismo industrial. Estuda o tema e apresenta projetos bem-sucedidos, que fizeram face ao problema de sazonalidade e da rentabilidade, características do turismo.

O terceiro e último capítulo é dedicado inteiramente a Sines. Numa ordem cronológica é apresentada a evolução da indústria na cidade de Sines, desde as fábricas da salga romanas ao aparecimento do Complexo Industrial, assim como os projetos previstos para a indústria de Sines.

Apresenta-se um inventário e mapeamento das fábricas de cortiça e conservas, possíveis localizar, que permitem conhecer um importante período industrial de Sines, património praticamente inexistente atualmente.

Palavras-chave: Sines; Património industrial; Indústria Corticeira; Indústria Conserveira; Museu; Turismo Industrial



ABSTACT

The present work has, as purpose, the analysis and inventory of the industrial patrimony of Sines, particularly the cork and canning industry, from the 1850's to 1974, compiling the work started by Sandra Patrício at the Sines Archive. It will also ponder on the current tendency of rehabilitation with museum purposes.

The first chapter analyses what is the international and national situation of the industrial patrimony, through the reflection and study of the bibliographical documents. It is also contemplated the adequate programme for industrial patrimony restoration.

The second chapter analyses the restauration of the industrial patrimony in its economic component of industrial tourism. It study's the theme and presents successful projects that have solved the seasonality and profitability issues associated to tourism.

The third chapter is dedicated entirely to Sines. The town's industry is presented in chronological order throughout history, since salting roman factories through the Industrial Complex and future related projects.

Palavras-chave: Sines; Industrial Heritage; Cork Industry; Canning Industry; Museum; Industrial Tourism

“No fim de contas, são destroços, silenciosos mas dignos, que desafiam o tempo e que, quase sempre, se conformam com um destino traçado, que é o desaparecimento puro e simples.” (Serrão, 2014, p.16)

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar o património industrial de Sines, nomeadamente a indústria corticeira e conserveira, do período balizado entre 1850 e 1974. Pretende-se, através da recolha de dados, inventariar e localizar em mapa essas indústrias.

Fez-se a análise histórica, desde os primeiros industriais até à entrada do complexo industrial. Primeiro foi analisado o parque industrial alentejano, para contextualizar a indústria na região, bem como perceber a tipologia de indústria da vila de Sines nesse período. Por fim, foi efetuado um inventário da indústria conserveira e corticeira da cidade de Sines, avaliando o que persiste e o que está previsto em projeto.

Um dos objetivos deste trabalho é questionar a reabilitação de imóveis industriais para museus. Como veremos no primeiro capítulo, através de dois exemplos, estes tipos de projetos não têm sido bem-sucedidos.

Estuda-se o património industrial, no quadro internacional e nacional. Analisa-se os princípios de reabilitação e valorização do património através de documentos como a Carta de Atenas (1931), a Carta de Veneza (1934), a Carta da Burra (1999), a Carta de Cracóvia (2000) e a Carta de Nizhny Tagil (2003).

Sendo a musealização considerada uma importante ferramenta de divulgação do património, considerou-se pertinente analisar o turismo industrial, no segundo capítulo. Para tal, foram estudados casos de sucesso a nível internacional, um caso na Alemanha e a nível nacional, oito casos.

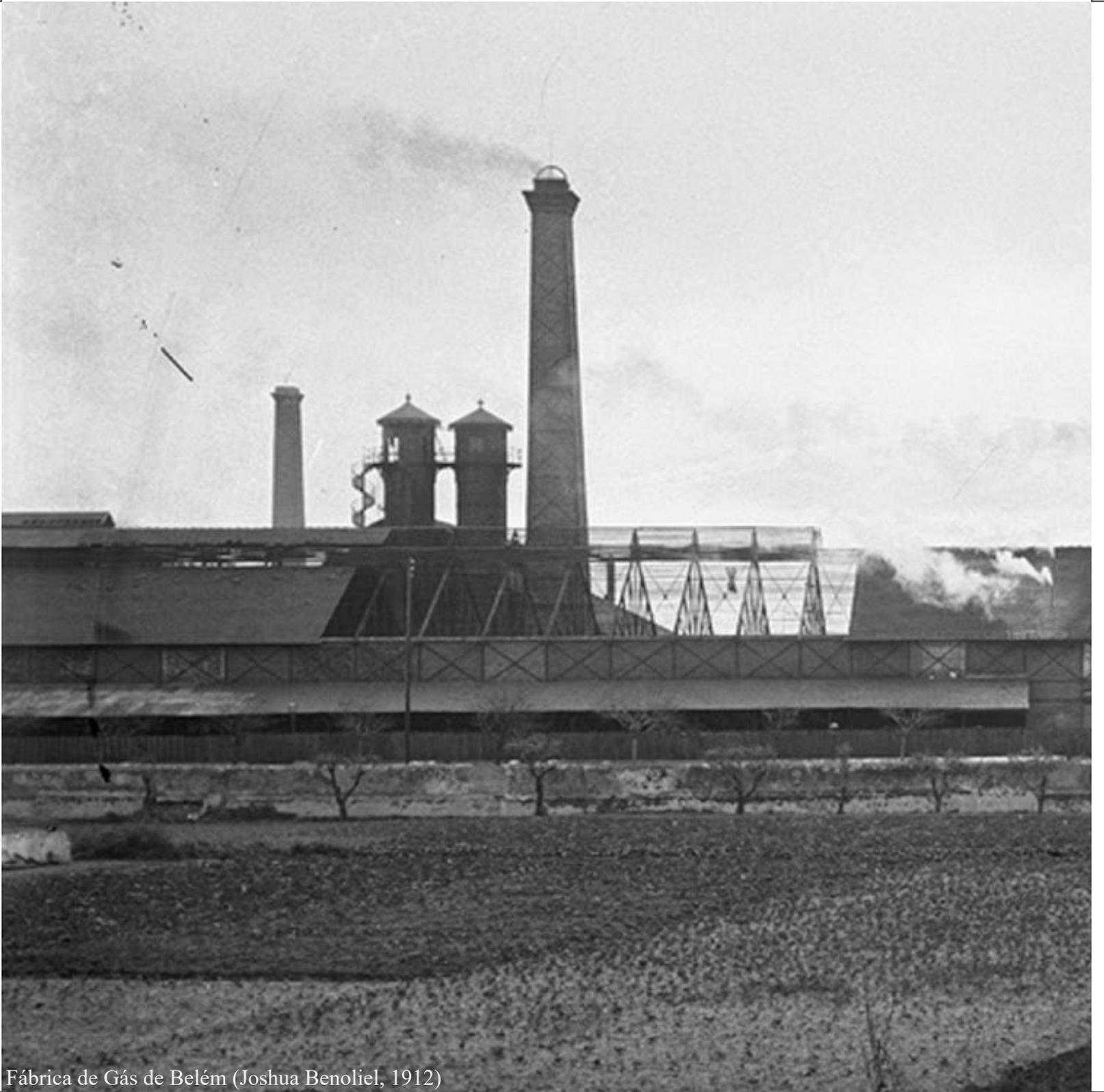
O projeto Emscher Park teve como objetivo a requalificação económica, ecológica e social de uma região pós-industrial em fase decadente na década de 80 do século XX, através de uma cooperação entre 17 cidades da região da Vestefália do Norte. Apresenta-se, a nível internacional, o projeto IBA Emscher Park do Complexo Industrial de Zollverein.

Em Portugal, apresenta-se o caso da Marinha Grande, nomeadamente a Real Fábrica de Vidros (1769) e o Edifício da Resinagem; em Guimarães, a fábrica ASA ; na cidade de São João da Madeira, o Museu da Chapelaria,, a Torre da Oliva e a *Oliva Creative Factory*, instalada nos Armazéns da Fundação e Fabricos Gerais; na Covilhã, as fábricas de lanifícios da ribeira da Gouldra, a Real Fábrica de Panos da Covilhã e a Real Fábrica Veiga.

O segundo objetivo deste estudo é analisar o património industrial de Sines, nomeadamente a indústria corticeira e conserveira do período balizado entre 1850 e 1974. Pretende-se, através da recolha de dados, inventariar e localizar em mapa essas indústrias.

Fez-se a análise histórica, desde as primeiras indústrias até ao impacto do complexo industrial. Primeiro foi analisado o parque alentejano, para contextualizar Sines na região, bem como perceber a tipologia de indústria da vila de Sines nesse período. Por fim, foi efetuado o inventário, avaliando as construções ainda existentes em Sines, traduzindo-se o mesmo num mapa que ilustra a situação descrita.





Fábrica de Gás de Belém (Joshua Benoliel, 1912)



1. PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

1.1- QUADRO INTERNACIONAL

De acordo com a Carta de Nizhny Tagil, o património industrial define-se como “(...) os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.”¹.

Nem sempre houve o cuidado de manter aquilo que é a génese do homem, nomeadamente, o seu património. No momento em que se dá a desindustrialização da Europa e, conseqüentemente, a destruição de complexos fabris inteiros para responder às necessidades da sociedade “pós-industrial”, surgem as associações de defesa do património industrial.

A ideia de salvaguarda do património edificado surge somente no século XVIII, relacionada com os princípios da época de procura ou redescoberta do Homem, que levam à discussão de vários modelos de atuação², mais tarde referenciados na Carta de Atenas (1931), na *Segunda Conferência sobre a Conservação de Monumentos de Arte e História*. Este

¹Carta de Nizhny Tagil

² Modelo Inglês de John Ruskin (1819-1900) e Modelo Francês de Viollet-le-Duc (1814-1879)

acontecimento originou a criação de entidades como a ICOM (*International Council of Museums*) e a UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*). A crescente importância da conservação, conduz à redação da Carta de Veneza (1964) e da Carta da Burra (1979;1999 versão oficial decretada pelo ICOMOS Austrália) cartas de referência no âmbito do património cultural.

Em relação ao património industrial, é apenas na década de 90 que são elaboradas a Recomendação nº R (90) e mais recentemente, em 2003, a Carta de Nizhny Tagil, com o objetivo de valorizar e conservar o património industrial, diferenciando-se das anteriores³, atribuindo importância a um património ao qual MENDES (2012) apelida de “controverso”.⁴

1.2 – QUADRO PORTUGUÊS

Em Portugal, encontra-se documentada uma medida de proteção do património arquitetónico, ainda no século XVIII, no alvará de D. João V, em 20 de agosto de 1721, que refere “*daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja, [possa] desfazer ou destruir, em todo ou em parte, qualquer edificio que mostre ser daqueles tempos (assim designados Fenícios, Romanos, Godos e Arábios), ainda que esteja arruinado e da mesma sorte as estátuas, mármore e cipos...*”⁵. Somente no século XIX, surge o primeiro pensamento sério relacionado com conservação e valorização de edifícios industriais por Francisco de Sousa Viterbo (1845-1910) que, através do estudo de uma infraestrutura artesanal, os moinhos, sugere que seja criada uma área de estudo dedicada aos vestígios

³ Carta de Atenas (1931) Carta de Veneza (1964) Carta da Burra (1999)

⁴ MENDES, José - Uma nova perspetiva sobre o património cultural: Preservação e requalificação de instalações industriais. **Património Industrial em Portugal**. [Em linha], 2012, P.22. [Consult. 23 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://ancacid.yolasite.com/pip.php#!>>.

⁵ *Ibidem* pp. 17/18

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

fabris. Sem muito sucesso na sua iniciativa, é preciso esperar até ao final da II Guerra, para que o mesmo pensamento seja levado a sério, uma vez que grande parte do espólio industrial europeu foi destruído durante essa efeméride.⁶

É preciso realçar o papel fundamental que teve Viterbo no pioneirismo da proteção do património industrial, da Arqueologia Industrial⁷.

As primeiras ações em defesa do património só vão surgir, em Portugal, em pleno regime do Estado Novo, no seguimento da Lei da Separação do Estado da Igreja na qual o governo tenta uma ocupação célere da herança arquitetónica, deixada pela Igreja. A crise económica derivada da participação de Portugal na I Guerra Mundial e a pouca organização dos serviços relacionados com o património, levaram a um lento e ocasional desempenho por parte destes mesmos serviços, o que se traduziu num atraso perante um panorama internacional bastante evoluído.⁸

Em 1929, foi criado o DGEMN (Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais), que visava tratar de todos os assuntos relacionados com a valorização dos monumentos nacionais. Em 1932 iniciaram-se campanhas de restauro do património, no entanto estas intervenções não eram baseadas no conhecimento histórico dos edifícios, e nos princípios da Conservação. Somente em meados do século XX, os especialistas do DGEMN

⁶ MENDES, José – O património Industrial na museologia contemporânea: o caso Português. *Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*. [Em linha], Coimbra, 2012, P.18. [Consult. 11 Fev 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/cs3-mendes-jose-amado-o-patrimonio-industrial.pdf> >.

⁷ *Ibidem*, P.18

⁸ SANTINHOS, Maria – *A arquitetura industrial conserveira em Setúbal. De 1924 – 1994*. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. P.139. Dissertação de Mestrado.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

tomaram consciência do quadro internacional, percebendo que a salvaguarda dos monumentos exigia uma metodologia contrária à praticada até então.⁹

O património industrial em solo nacional só começa a ser estudado com maior rigor a partir dos anos oitenta do século XX com a criação da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa e, segundo Mendes (2012) o assunto, cuja especificidade é imensa, continua a causar bastante estranheza, isto devido a vários fatores: a sua escala, carácter funcional, as suas formas, os materiais e a sua cronologia.

O estudo do património industrial e do contexto internacional e nacional revelaram-se importantes para debater a pertinência programática na reconversão do imóvel industrial.

1.3 – PERTINÊNCIA PROGRAMÁTICA DAS REABILITAÇÕES

Como foi referido acima, a Arqueologia Industrial, que estuda os vestígios industriais, permite que todo o legado industrial existente, tanto em Portugal, como na Europa e no mundo, seja estudado, inventariado e exposto para o bem das gerações futuras.

Tal como refere MENDES (2012) “A forma como determinada sociedade encara o seu património ou, dito de outra maneira, os seus bens culturais, reflete muito da respetiva ideologia e mentalidade predominantes.”. Durante o dito período de ouro da economia, em que se construía a um grande ritmo e em grande escala, houve uma grande falta de sensibilidade para com a proteção e salvaguarda do património, o que levou ao desaparecimento de muitos exemplares.

⁹ SANTINHOS, Maria – A arquitetura industrial conserveira em Setúbal. De 1924 – 1994. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. P.140. Dissertação de Mestrado.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

A preservação, requalificação ou reconversão de um imóvel industrial deve assentar em 3 valores: artístico, histórico e o de uso (Mendes, 2002).

O valor artístico prende-se com evolução da arquitetura industrial, pela forma de construir e pelos materiais empregues. Desde as mais pequenas infraestruturas, que se caracterizavam pela escala doméstica, o uso do tijolo que caracteriza esta tipologia de edifício, com estruturas de ferro e vidro, que permitiram a introdução de elementos como a janela de grandes dimensões e a cobertura em “*shed*”, assumindo-se como um período de rotura entre intervenientes (arquiteto vs. engenheiro). O princípio do século XX vai adicionar à paleta de materiais destes intervenientes aquele que se vai tornar indispensável na construção até aos dias de hoje, o betão. Com a introdução deste material, a arquitetura industrial obtém destaque “[...] as estruturas industriais começam a ter lugar nas revistas de arquitetura”.¹⁰

O valor histórico remete para a função mais “documental” e educativa do edifício: “[...] os monumentos têm uma mensagem interna do passado que é necessário transmitir como a autenticidade.”¹¹. Neste caso, os elementos que até hoje atestam o passado industrial de qualquer comunidade são as chaminés.

“[...] Além de símbolo característico da industrialização – ou, segundo outros, de “emblema da indústria” –, ela “elucida-nos” sobre: a) a transição da oficina à fábrica; b) a utilização de uma nova forma de energia, o vapor, ao tempo bastante inovadora e indissociavelmente ligada à primeira

¹⁰ MENDES, José - Uma nova perspetiva sobre o património cultural: Preservação e requalificação de instalações industriais. **Património Industrial em Portugal**. [Em linha], 2012, P.23. [Consult. 23 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://ancacid.yolasite.com/pip.php#!>>.

¹¹ *Ibidem*, P.24

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

revolução industrial; c) uma certa prosperidade da empresa; d) mas também aspetos negativos, relacionados com a poluição.” (Mendes,2012)

Quanto ao valor de uso, este refere-se à questão central deste capítulo, a pertinência programática na requalificação ou reconversão de edifícios industriais. Nos dias que correm, o património é visto como um meio de gerar dinheiro, assim, de acordo com a sua vertente de empreendimento financeiro, surge como um meio de desenvolvimento, sendo prática usual o restauro de monumentos para atração turística.¹²

Como tal, as soluções programáticas de preservação, requalificação de edificado industrial requerem conhecimento e competências na área industrial munidos de ponderação e cuidado. Tais exigências advertem para a pluridisciplinaridade nas diversas fases da intervenção, desde elementos a preservar, requalificar e reutilizar, resultando nas soluções a adotar e objetivos a atingir.¹³

A multiplicidade de usos a atribuir (serviços, mercado, museu, escolas, etc.) a cada caso não tem “receita”, é o resultado de um processo moroso e rigoroso – “Tudo depende do respetivo meio, suas carências e condicionalismos”¹⁴.

Existem variadas opções, mas o grande objetivo será sempre responder às carências de uma sociedade em plena evolução. Contudo a opção, na maioria das vezes, recai na programática de museu.

¹² MENDES, José - Uma nova perspetiva sobre o património cultural: Preservação e requalificação de instalações industriais. **Património Industrial em Portugal**. [Em linha], 2012, P.25. [Consult. 23 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://ancacid.yolasite.com/pip.php#!>>.

¹³ *Ibidem*, P.25

¹⁴ *Ibidem*, P.25

1.4- DE FÁBRICA A MUSEU

A definição de museu existe desde o séc. XV, mas não fazia jus à definição da mesma, uma vez que a diversidade das peças apresentadas nunca tinha uma coerência entre si.

Segundo o ICOM, entidade que gere a museologia a nível internacional, a definição de museu tem sido adaptada consoante a evolução das sociedades:

“O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (ICOM, 2007)

Segundo Matos e Sampaio (2014) as primeiras referências a museus técnico industriais surgem sempre aliadas às exposições mundiais, mas “Em Portugal, esse fenómeno não se concretizou, apesar de termos tido iniciativas semelhantes ao longo de diferentes épocas. Relembramos, a exposição de 1865 e a construção do Palácio de Cristal no Porto.”

Esta tipologia de museu em Portugal começa a ter preponderância a partir da década de 90 e assume, segundo as autoras, três tipos de iniciativas: privada, universitária e pública.

As iniciativas privadas são detentoras de uma boa parte do património industrial em solo português e, para além do financiamento dos mesmos, operam segundo um carácter corporativo divulgando a marca das empresas que dão vida aos museus. Este tipo de iniciativa

tem como exemplos o Museu da Água pertencente à EPAL e o Museu da eletricidade pertencente à EDP.¹⁵

O segundo tipo de iniciativa está ligado às universidades (cariz público ou privado) e a Universidade da Beira Interior teve um importante papel na recuperação da Fábrica de Lanifícios da Covilhã e consequente criação do museu. Juntamente com esta recuperação está englobado no projeto do edifício da Tinturaria da Real Fábrica de Panos e o Núcleo da Real Fábrica Veiga. Em Guimarães a Universidade do Minho recuperou a Fábrica de Curtumes e nos Açores, o polo universitário da Horta recuperou a Fábrica das Baleias no porto Pim, criando o Observatório do Mar dos Açores.¹⁶

O terceiro e último tipo de iniciativa do setor público, está intrinsecamente ligado às autarquias, este tem sido o grande fomentador de espaços ligados à cultura nos últimos anos. Neste tipo de iniciativa vale a pena referir os museus Michel Giacometti em Setúbal (1995), o EcoMuseu do Seixal (1993), o Museu da Cortiça em Silves (1999-2010), o Museu do Vidro na Marinha Grande (1998), o Museu da Pólvora Negra em Oeiras (1998), o Museu da Mina de Aljustrel (1990) e no início deste século encontramos também alguns exemplares o Museu da Cerâmica em Sacavém (2001), Museu do Papel de Paços Brandão (2001), Museu Nacional do Pão na Serra da Estrela (2002) e por fim o Museu da Chapelaria em São João da Madeira (2005)¹⁷.

Tal como é referido acima o património surge como um “rendimento” e como consequência disso deu-se uma explosão ao nível da construção de museus a nível nacional,

¹⁵ MATOS, Ana; SAMPAIO, Maria - Património industrial e museologia em Portugal. **Museologia & Interdisciplinaridade**. [Em linha]. Vol.3, nº5, 2014, P. 95-112[Consult. 11 Fev 2016]. Disponível em WWW:<URL: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/11102/1/Patrim%C3%B3nio%20Industrial%20e%20Museologia%20.pdf>>.

¹⁶ *Ibidem*

¹⁷ *Ibidem*

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

de tal forma que se pode considerar desmedida, pois cada autarquia criava um museu para poder dar a mostrar ao turista os produtos ou técnicas usadas na região.

A solução adotada na construção ou conversão tem, porém, o seu revés quando estes, dependentes do fator do financiamento direto ou indireto, não atingem os objetivos pretendidos.

A Fábrica do Inglês, Museu da Cortiça, em Silves, é um exemplo.

Este complexo fabril data de 1750 pertencente à firma Avern&Bucknall e datam os primeiros registos arquivísticos sobre o mesmo de 1870, sendo, portanto, uma das mais antigas fábricas em solo português no seu tempo. A sua atividade durou até 1995 e em 1997 a Fábrica do Inglês S.A adquire o imóvel e começa a nova aventura do edifício. A arquiteta Margarida Gomes, que juntamente com a sua equipa Manuel Ramos e Dr. Jorge Custódio, realizam o projeto de reabilitação do imóvel segundo a premissa de que a conservação e a reabilitação do mesmo seriam baseadas nas “[...] raízes estéticas iniciais.”¹⁸

Além da programática de museu é acrescentada restauração vária e um espaço multiusos que utiliza o vazio no interior do complexo para tal.

Reabre em 1999 e até 2001 recebeu entre 90mil a 201mil visitantes sendo considerado o museu mais visitado no sul do país, inclusive ganha o prémio *Luigi Micheletti* para melhor museu industrial em 2001. Apesar dos esforços em combater a sazonalidade através das opções programáticas a fábrica acaba por fechar em 2010.¹⁹

Até à data têm sido organizados fóruns de debate para se saber qual o destino do museu cujo espólio fabril se encontra conservado, mas que devido a processos burocráticos entre

¹⁸ RAMOS, Manuel - A Fábrica do Inglês: Reabilitação do património industrial corticeiro. *Património cultural, a cortiça e os museus*. [Em linha]. Seixal, 2010. [Consult. 11 Ago 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.retecork.org/pdf/museos/ponencia10.pdf>>

¹⁹ DA SILVA, Miguel – *Património Industrial em Portugal: Intervenção nova*. Lisboa: Universidade Lusíada de lisboa, 2003. Dissertação de Mestrado

entidades públicas e privadas impedem inclusive a classificação do mesmo como interesse municipal.²⁰

Outro exemplo de insucesso é o Museu da Ciência e Indústria do Porto que se encontrava sediado na antiga fábrica de moagem Harmonia. Encerrado desde 2006 devido a falta de apoios financeiros este museu tem um papel fundamental no que toca a exposição técnico industrial, assumindo-se “[...] como um dos agentes promotores do estudo, conservação e construção da memória industrial do Porto, intervindo ora no património industrial edificado ora nos testemunhos móveis que, hoje, são utilizados na reconstrução das memórias e identidades locais.”²¹

Depois do seu encerramento foram criadas duas associações ambas com o mesmo fim, o de preservar e achar um destinatário para receber o acervo do museu, mas até agora sem sucesso devido à falta de fundos e como tal acabaram sempre por ser extintas. Só em 2015, finalmente, se deu um destino à instalação do museu no antigo matadouro industrial do Porto, mas com a conjuntura atual os processos tornam-se lentos e o destino do espólio continua parado. Atualmente o espaço fabril da fábrica de moagem foi adaptado para pousada e o matadouro, que vai ser o novo museu, ainda tem de ser alvo de intervenções profundas devido ao tempo que se encontrou devoluto.²²

Segundo dados da DGPC, relativamente ao nº de visitantes e tipologias de equipamento cultural percebe-se, claramente, que o argumento do aumento de visitas fundamenta o que se

²⁰ RÉVEZ, Idálio - **Museu da Cortiça de Silves fechou portas empurrado pela falência da Alicoop**[Em linha]. Lisboa: Público. [Consult. 26 Ago 2016]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/museu-da-cortica-de-silves-fechou-portas-empurrado-pela-falencia-da-alicoop-1444122>; <http://www.sulinformacao.pt/2016/02/fabrica-do-ingles-e-museu-da-cortica-podem-ser-classificados-como-imovel-de-interesse-nacional/>; <http://www.terraruiva.pt/2016/03/10/que-futuro-para-o-museu-da-cortica-de-silves/>>

²¹ MUSEU DA INDUSTRIA DO PORTO - [Em linha]. Porto. [Consult. 26 Ago 2016]. Disponível em WWW:<URL:<http://museudaindustria.org/conteudo.aspx?args=2,12>>

²² *Ibidem*

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

refere acima “o património é gerador de riqueza”, mas isto apenas se passa nas zonas mais industrializadas, se houver um meio, como por exemplo interligação de rotas turísticas relacionadas com a indústria, ou poder fazer a ligação entre esses polos industriais de maiores dimensões e as de menor relevo, haveria uma maior estabilidade no fator económico.

Nestes últimos anos temos assistido à criação de museus técnico-industriais, que de certa forma são aqueles que explicam e demonstram todo um carácter social existente para além da evolução tecnológica. O problema é que não existe a nível nacional diretrizes sérias que promovam o “serviço educativo” e este tipo de iniciativas é, quase sempre, de universidades, autarquias e associações privadas, sem nunca receberem financiamento para tal.²³

O facto de não existir uma receita para a intervenção no património, faz pensar que não há um critério rígido, retira alguma força ao propósito de se criarem museus temáticos.

“Os impulsos emitidos pela evolução cultural da sociedade nos últimos 30/40 anos trouxeram uma forte alteração do conceito de património. Esse conceito já não se limita hoje ao estudo da história das tecnologias (que durante muito tempo não se preocupou com as ações de salvaguarda), compreendendo sim a história da arquitetura (motor de salvaguarda) a história do urbanismo e principalmente a história social e do trabalho e o interesse que ela suscita” (Silva, 2003)

²³ MATOS, Ana; SAMPAIO, Maria - Património industrial e museologia em Portugal. *Museologia & Interdisciplinaridade*. [Em linha]. Vol.3, nº5, 2014, P. 95-112[Consult. 11 Feb 2016]. Disponível em WWW:<URL: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/11102/1/Patrim%C3%B3nio%20Industrial%20e%20Museologia%20.pdf>>.

Por fim, um dos grandes problemas da rentabilidade dos edifícios é a sazonalidade. Se por um lado a questão dos museus nas grandes cidades serem os que mais beneficiam do turismo e pouco sofrerem com a sazonalidade, os pequenos núcleos urbanos ficam a perder neste ponto. A solução que parece ser a mais eficaz tem sido aliar os museus a outras áreas de divulgação, nomeadamente o turismo, que apesar de tudo se encontra pouco desenvolvida²⁴ e dispersa criando polos isolados.

Resumindo um pouco a atitude portuguesa, segundo Vitor Serrão (2014) na introdução de *Portugal em Ruínas*, os organismos que comandam os destinos do património nacional dão prioridade aquele património gerador de fundos, monumentos religiosos, civis e militares, para serem alvo de reabilitação deixando à margem o restante património.

1.5 – CRESCIMENTO DO TECIDO URBANO PRÉ E PÓS-INDUSTRIAL

Por vezes a intervenção no objeto torna-se irrelevante porque não houve o cuidado de olhar para a envolvente. É de extrema importância falar no tecido urbano, que sofre alterações cada vez que uma fábrica ou complexo fabril é implantado no território.

O processo de industrialização europeu deve-se à Revolução Industrial. Em Portugal pode atribuir-se ao contributo do Marquês de Pombal (1699-1782), que entre as invasões francesas, tratados com a Inglaterra, tentou levar o rumo do país a bom porto, se bem que este processo nunca se deu ao mesmo ritmo que o resto da Europa, por isso leva a que as

²⁴ MENDES, José – O património Industrial na museologia contemporânea: o caso Português. *Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*. [Em linha], Coimbra, 2012, P.8. [Consult. 11 Fev 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/cs3-mendes-jose-amado-o-patrimonio-industrial.pdf> >

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

iniciativas industriais em Portugal se dado por meio de estrangeiros e alguns nacionais, atraídos pelas regalias e condições dadas pelo Estado.

O grande acontecimento durante este processo foi a introdução dos caminhos-de-ferro. Este foi o maior apoio às indústrias, com o seu aparecimento foi possível o transporte de produtos e matérias-primas, e sendo também o responsável pelo grande fluxo migratório que se fez sentir nesse período, pessoas que saíam dos campos para as grandes cidades em busca de rendimentos e de melhores condições de vida.

Por esta altura na Europa surgiam reflexões²⁵ relativamente aos núcleos industriais, isto porque o rápido crescimento dos mesmos levava ao aumento demográfico nas cidades, à falta de habitação e conseqüentemente falta de condições de higiene. Estes aspetos levaram a que muitos dos industriais concedessem condições de vida que pudessem suprir as carências sentidas na classe operária naquela época. Segundo Folgado (2009) “O desenvolvimento industrial criou rupturas a nível do desenvolvimento urbano, enquanto fenómeno de sedimentação indiscriminada de assentamento fabril e gerou soluções, enquanto factor agenciador de respostas planeadas para as dificuldades provocadas por essa mesma industrialização.”

Em Portugal cidades como Lisboa e Porto, passam a conter muitas pessoas e mais de 1/3 da população trabalha na indústria o que levou os grandes industriais a construir alojamento para os seus trabalhadores. Estes bairros operários ou *villas* operárias, eram construções de baixo custo o que mantinha os trabalhadores a viver em condições precárias,

²⁵ A lista aqui descrita cita alguns dos pensadores sobre a cidade industrial: John Ruskin (1818-1900), William Morris (1834-1896), Lewis Mumford (1895-1990) - *The City in the History – its origins, its transformations, and its prospects (1961)*, Artur Soria Y Mata (1844-1920), Patrick Geddes (1854-1932), Tony Garnier (1869-1948) - *Cité Industrielle*, Pierre-Joseph Proudhon (1809-1863), Bruno Zevi (1918-2000)

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

normalmente com famílias muito numerosas. Estes bairros eram sempre implantados ou perto das fábricas ou então junto dos caminhos-de-ferro.²⁶

Depois do *boom* industrial e de todo o avanço tecnológico, as fábricas que outrora laboravam e albergaram milhares de trabalhadores, começam a fechar. Os motivos político-sociais são sempre questionáveis, mas o certo é que o aparecimento de outras indústrias, as guerras que afetaram a Europa, e as crises económicas sentidas desde então, foram decisivas para o processo de desindustrialização do velho continente levando ao abandono e destruição dos complexos industriais ou mesmo das mais pequenas oficinas.

Será que o desmantelamento destes grandes conjuntos obriga a repensar o território? Possuímos no nosso país um grande exemplo de requalificação do território, que se encontrava degradado e, que pela organização da Exposição Internacional de Lisboa em 1998, foi transformado.

Depois de muitos anos de afastamento abrupto entre a cidade e o rio, a parte oriente de Lisboa voltava a ter uma relação íntima com aquele que foi o grande sustento da cidade durante séculos. Todos os terrenos abandonados e com fábricas devolutas foram demolidos para dar lugar a uma requalificação urbana e ambiental.

É o factor económico que tolda o julgamento de quem faz a gestão destes projetos, os elementos fabris são descurados e como tal perdem-se exemplares únicos.

O turismo industrial tem vindo a ganhar um papel de destaque no panorama nacional e internacional, como ferramenta de divulgação e rentabilização do património. Apesar do pouco progresso em volta deste *asset* e da pouca visibilidade que este mecanismo possui nesta

²⁶ RIBEIRO, Fernando. Bairros Operários. [Em linha]. [Consult. 13 Feb 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://amateriadotempo.blogspot.pt/2012/05/bairros-operarios.html>>.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

área, irónico que possa ser, neste momento existem já vários exemplos de sucesso na Europa e em Portugal.

2. TURISMO INDUSTRIAL

2.1 – ORIGEM DO TURISMO INDUSTRIAL

O turismo é neste momento um grande mecanismo que desenvolve a economia de qualquer país, sendo neste sector que a maiorias dos países em desenvolvimento depositam grandes esperanças e são vistos como exemplos a seguir.²⁷

A génese do turismo vem do tempo dos gregos e romanos, em que o ato de “praticar” turismo se fazia notar, mas não com a mesma designação que se lhe conhece hoje. Na antiguidade clássica era hábito dos cidadãos gregos se deslocarem em “romaria” para assistirem aos jogos olímpicos, ou até mesmo às termas, no caso do povo romano ainda aproveitavam para assistir aos jogos organizados na capital do Império.²⁸

Na Grécia antiga, a visita aos oráculos era considerada indispensável. O turismo religioso vai manter-se da Idade Média até aos dias de hoje, uma vez que poderíamos falar das grandes travessias que o povo cristão faz até ao berço do Cristianismo, assim como as peregrinações a Meca pelo povo muçulmano.

Seguem-se as duas Grandes Guerras e a consequente destruição de parte da Europa e reconstrução, ao nível físico (edificação), mas também ao nível social, político, económico, cultural e do lazer. Nos anos 50, 70 são revistos os direitos dos trabalhadores e esta reforma refletiu-se muito devido aos avanços tecnológicos na maquinaria do edificado fabril. Com a passagem da manufatura à produção mecanizada o trabalho especificou-se e principia-se o

²⁷ FERREIRA, Ana - *A Mina de São Domingos Passado Industrial, Futuro Turístico*. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, 2012. Dissertação de Mestrado. P.10

²⁸ *Ibidem*, P.12

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

conceito de salário.²⁹ Aquele que era o dia-a-dia do operário de trabalhar de Sol a Sol passa a ser completamente diferente, ou seja, passa a haver tempo livre para que o trabalhador possa usufruir e aqui dá-se o “boom turístico”. Portanto,

“A partir do momento em que o turismo passa a ter esta imagem – de algo organizado, estandardizado, repetitivo e acessível, é possível também olhá-lo como experiência educacional. E por isso mesmo, numa abordagem integrada, o turista viaja para conhecer o património, entender as sociedades, descobrir as culturas, mas sobretudo para interagir com os espaços e as gentes.” (Ferreira 2012)

A origem do dito turismo industrial aparece mesclada com o turismo cultural, entre os anos 70 e 80 em que o gosto, pelo património cultural e pela sua importância, refletia a cultura de uma nação, e levou um grupo de individualidades a juntar-se e a lutar pela sua preservação.³⁰

Os tipos de turismo industrial, segundo Pardo Abad (2002) são:

O turismo industrial do tipo fabril, que consta da visita às indústrias ativas, onde se apresenta a fabricação de um determinado produto e o principal objetivo é observar a maquinaria e os meios técnicos empregues. O segundo tipo é do tipo histórico, contemplando

²⁹ FERREIRA, Ana - *A Mina de São Domingos Passado Industrial, Futuro Turístico*. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, 2012. Dissertação de Mestrado. P.15

³⁰ SILVA, Fernando - *Turismo industrial: a indústria conserveira em Matosinhos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015. Dissertação de Mestrado. P.60

visitas aos centros fabris devolutos com reutilização museológica ou qualquer outra programática.³¹

2.2 – SITUAÇÃO EUROPEIA E EM PORTUGAL

Na Europa a defesa do património industrial, como referido anteriormente, é debatida desde os anos 50. Os países como a Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, Holanda, Bélgica têm já um grande passado industrial e a história deste passado construiu-se, gradualmente, ao longo de dois séculos, e cada país usou os seus recursos para se industrializar, uns mais ricos que outros, formando alianças comerciais, introduzindo conceitos como o da greve, salários, horas extra, etc., que perduram até hoje.

Atualmente existem rotas regionais, pontos ancoras, pontos-chave, rotas temáticas (têxteis, extração de minério, aço e ferro, papel, sal, manufatura, energia, transporte, bélica, água), que são promovidos pela *ERIH (European Route of Industrial Heritage)* que têm feito esforços em prol da proteção e divulgação do património industrial afirmando que este é a identidade do velho continente e em conjunto com outras organizações de tudo farão para manter essa identidade.

No resto da Europa esta iniciativa surge mais tarde, mas é na Alemanha que a partir dos anos 90 surgem projetos ambiciosos, visto ser um país possuidor de um grande e precioso legado devido ao seu passado industrial.

³¹ VALIÑA, Miguel - Turismo industrial: El caso Aléman. *Rotur. Revista de ocio y Turismo Coruña*. [Em linha]. N°4(2011), Coruña, P. 119. [Consult. 11 Fev 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://revistas.udc.es/index.php/rotur/article/view/1255> > ISSN 1888-6884

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Segundo Valiña (2001) no seu artigo a descrever o caso alemão, ao nível do turismo industrial, a chave para o sucesso garantido assenta em 3 pontos importantes no que diz respeito às categorias em que se distingue o turismo industrial:

“1 - Vestígios industriais no âmbito da produção e dos processos de trabalho: minas, oficinas de montagem, molhes.

2 - Vestígios ligados às infraestruturas dos transportes: estradas, vias férreas, pontes, canais, etc.

3 - Atrações socioculturais ligadas ao passado industrial de uma região em específico: bairros operários, áreas de lazer, etc.”³²

Em Portugal existem já várias iniciativas criadas em torno do turismo industrial que tentam cada uma a sua maneira dar a mostrar a importância que teve a indústria naqueles lugares, dá-se de destaque aos casos do Vale do Ave, São João da Madeira, Marinha Grande e Sines cuja tradição industrial se fez notar ao um nível profundo caracterizando uma cultura própria de cada sítio.

³² VALIÑA, Miguel - Turismo industrial: El caso Aléman. **Rotur. Revista de ocio y Turismo Coruña**. [Em linha]. N°4(2011), Coruña, P. 118. [Consult. 11 Feb 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://revistas.udc.es/index.php/rotur/article/view/1255> > ISSN 1888-6884. Tradução de: “1. Vestigios industriales del ámbito de la producción y de los procesos de trabajo: minas, plantas de trabajo, embarcaderos, etc. 2. Vestigios vinculados al transporte: caminos, vías férreas, puentes, canales, etc. 3. Atracciones socioculturales vinculadas al pasado industrial de una región particular: viviendas de los trabajadores, áreas de recreo, etc.”

2.3 – CASOS DE ESTUDO

IBA EMSHER PARK

A Alemanha é nos dias de hoje uma superpotência a nível europeu e mundial, nem sempre bem vista pelos países pequenos. Pode ser tomada como exemplo uma vez que foi destruída a todos os níveis por duas guerras e sempre recuperou.

Tal como muitos países durante o período das revoluções industriais decidiu valorizar as suas indústrias e utilizar o grande recurso para tal...o Reno. Durante mais de cem anos este foi o grande acesso viária, que permitiu, não só a Alemanha, mas à Europa gerar riqueza.

Este facto traz consigo não só aspetos positivos, mas também negativos. Os reflexos da desindustrialização na Europa tiveram grande impacto nesta região da Alemanha. As movimentadas fábricas de carvão e aço, que se implantavam nos leitos dos rios, perdem importância, e passam a ser locais de contaminação ambiental, os ditos *brownfields*.

A desindustrialização teve grande impacto ecológico. A população, de 1905 a 1955 passa de 2,5 a 6,2 milhões de habitantes, o fecho gradual destas indústrias levou a que a população reduzisse para 4,5 milhões de habitantes tendo-se verificado uma taxa de desemprego fora do normal e a região do Ruhr passa grandes dificuldades ficando com dois problemas por resolver: uma crise económica e um passado industrial obsoleto.³³

³³ FARIA, Luís– Emsher Park: corrigir o passado, prevenir o. A obra nasce: revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa. Porto: Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa [Em linha]. N.º1(2004), Porto, P. 8-16. [Consult. 15 JAN 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1876/1/8-16.pdf>>.ISSN 1645-8729

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Em 1898 o governo da Vestefália do Norte lança o IBA (International Building Exhibition) numa estratégia clara para desenvolver a região e o país a nível ambiental, económico e social numa área de 784Km². (ver Fig.1)



Figura 1 – Masterplan IBA Emscher Park. In Masterplan Emscher Zukunft: Das neue Emschertal

Foram 17 as cidades (ver Fig.1), capitais de distrito que aderiram à iniciativa: Bergkamen, Bochum, Bottrop, Castrop-Rauxel, Dortmund, Duisburg, Essen, Gelsenkirchen, Gladbeck, Herne, Herten, Kamen, Lünen, Mülheim an der Ruhr, Oberhausen, Recklinghausen, Waltrop.

Foram estudados, durante mais de uma década projetos, cujas áreas abrangiam estrutura verde, requalificação da rede hidrológica do rio Emscher, trabalho, monumentos industriais, desenvolvimento urbano, habitação e programas sociais.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

No âmbito desta exposição internacional, surge a ideia de criar um parque de Este a Oeste da região do Ruhr, utilizando o leito do rio Emsher como fio condutor, e ao invés de ser criado um parque localizado num sítio apenas, seria um parque de dimensão regional, sendo determinados cinco objetivos a atingir com a criação deste grande parque: Preservar a paisagem industrial; Fazer a ligação de aglomerados populacionais que se encontravam isolados; Re-zonear as áreas em questão como áreas verdes; Chegar a acordo com as entidades regionais para obter um acordo que satisfizesse todas as partes; Lutar pela manutenção destas novas áreas criadas do parque regional

A estratégia definida para a requalificação do leito do rio, passou por despoluir e re-naturalizar de modo a integrar o rio no projeto da estrutura verde. O rio que ao longo de mais de cem anos havia sido utilizado como um esgoto a céu aberto, inviabilizando o consumo de água por parte das populações próximas passou assim, a ser parte integrante do projeto em curso já que era desejo da organização que fosse visto como um exemplo a seguir, não só pela Europa, mas também pelo mundo.

O desemprego nesta região era também um dos problemas a resolver. Com o fecho das fábricas as populações ficaram sem sustento e como tal foram criadas meio milhar de hectares em superfícies comerciais, serviços, parques tecnológicos. Os projetos implementados nesta área são de valor inestimável para as populações visto que o equilíbrio económico foi restabelecido.³⁴

³⁴ FARIA, Luís– Emsher Park: corrigir o passado, prevenir o. *A obra nasce: revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa. Porto: Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa* [Em linha]. N.º1(2004), Porto, P. 8-16. [Consult. 15 JAN 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1876/1/8-16.pdf>> ISSN 1645-8729

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

O património industrial neste contexto é de valor incalculável. Um dos grandes desafios do urbanismo contemporâneo trata de integrar os grandes complexos industriais nos agregados urbanos. Segundo Folgado (2004), “[...]se em finais do século XIX, inícios do século XX o desafio era salvaguardar a cidade do imparável ritmo mutante provocado pela industrialização, agora esta contenção da mudança tem de passar para o que a industrialização nos legou e que uma sociedade e economia pós-industrial teima em destruir”.



Figura 2 – IBA Emscher Park - Duisburg

Estas marcas na paisagem e, simultaneamente, de uma cultura, ao invés de serem destruídos para dar lugar a algo novo, porque economicamente se revelaria inviável, são reutilizados com diversas programáticas e integrados no tecido urbano.³⁵(Fig.2)

O setor da habitação teve como princípio o de reutilizar. Tanto a nível urbanístico como arquitetónico, os projetos visavam consolidar o tecido urbano das cidades e reabilitar as habitações existentes, modernizando as mesmas dotando-as de um novo funcionalismo e sustentabilidade. Aos mais carenciados o governo inicia um projeto de apoio para construção das suas habitações.

³⁵ FARIA, Luís– Emscher Park: corrigir o passado, prevenir o. *A obra nasce: revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa*. Porto: Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa [Em linha]. Nº1(2004), Porto, P. 8-16. [Consult. 15 JAN 2015]. Disponível em WWW:<URL: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1876/1/8-16.pdf>> ISSN 1645-8729

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

O programa social procurou a integração da população nos projetos em curso, contemplando bolsas de emprego temporário e investindo na formação da mesma.

COMPLEXO INDUSTRIAL DE MINAS DE CARVÃO ZOLLVEREIN (1847)

O complexo industrial localizado na Vestefália do Norte, em Essen, é desde 2001 património mundial da UNESCO e faz parte da rota europeia do turismo industrial. (Fig. 3)

O complexo é composto pelos poços 1, 2, 8 e 12 da mina de carvão e por uma plataforma de coque.³⁶

A atividade deste vasto complexo começa em 1847 e termina em 1986, chegando a contabilizar entre 5000 a 8000 operários no final do século XIX. Durante o período de laboração, em 1932, os arquitetos Fritz Schupp (1886-1974) e Martin Kremmer (1894-1945) projetam o *Schacht XII* (ver Fig.4) considerado o edifício mais emblemático pela harmonia, simplicidade e funcionalidade do seu desenho inspirado no estilo da Bauhaus em betão armado e treliças de aço vermelho. Além deste edifício também a torre do poço ganhou destaque pelo simbolismo que apresenta e representa do legado industria pesada alemã.



Figura 3 – Vista Geral Sobre o complexo mineiro de Zollverein

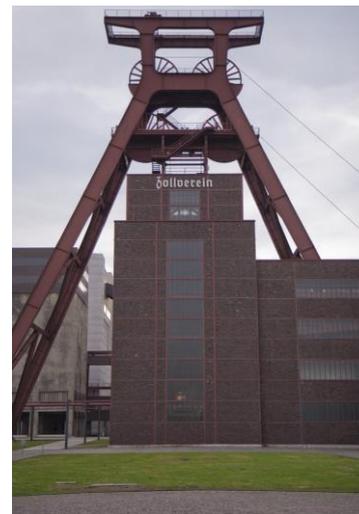


Figura 4 - Schacht XII

³⁶ O coque é um tipo de combustível derivado da Hulha

Depois da abertura do poço XII os restantes 11 passaram a servir exclusivamente para o movimento de trabalhadores.

A plataforma de coque foi a única estrutura do complexo que se manteve ativa até 1993, e ao fim de 135 anos, o complexo encerra ficando ao abandono durante 10 anos. Logo após o seu encerramento, o governo regional adquire o complexo e decidiu declarar o poço XII como monumento industrial dada a sua importância ao nível histórico-arquitetónico e para prevenir que este pudesse vir a ser demolido.

No final da década de 80 são criadas a Fundação Zollverein, Sociedade de Desenvolvimento Zollverein e a Fundação de Manutenção de Monumentos Industriais e de História Cultural do



Figura 5 – Vista Geral Sobre o complexo mineiro de Zollverein

complexo industrial, para a preservação e valorização do património.³⁷

Após o encerramento da planta de extração de coque é projetado o Centro de Design da Vestefália do Norte (ver Fig.5) da autoria do arquiteto britânico Norman Foster. Este projeto visava a conversão da antiga sala das caldeiras num centro de cultura e exposições.

A sala das caldeiras, cuja posição central lhe conferia destaque em relação aos restantes edifícios, detinha a linguagem própria de uma cultura arquitetónica vigente na altura da sua construção original. A suas estruturas, elementos verticais como chaminés e os vazios de

³⁷ VALIÑA, Miguel - Turismo industrial: El caso Aléman. *Rotur. Revista de ocio y Turismo Coruña*. [Em linha]. N.º4(2011), Coruña, P. 118. [Consult. 11 Fev 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://revistas.udc.es/index.php/rotur/article/view/1255> > ISSN 1888-6884

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

grandes dimensões, típicos de um edifício industrial, conferiam-lhe o aspeto que o arquiteto apelidou de catedral da era industrial.

O desafio passava por não retirar as características do edifício. O primeiro passo foi a remoção de todos os elementos que não pertencessem ao desenho original. No seu interior o arquiteto optou por preservar a imponência do ambiente industrial pesado e manter uma das caldeiras para conhecimento da tecnologia na década de 30. O tratamento dos materiais no exterior foi diferente do seu interior. Os elementos da fachada, como os tijolos, vigas em aço e os vidros industriais foram totalmente restaurados a passo que no interior foi mantido o seu aspeto, com a intenção de preservar o ambiente industrial pretendido.

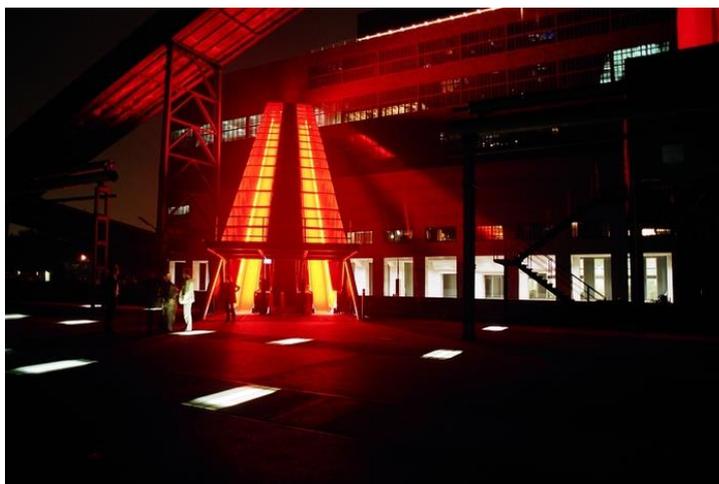


Figura 6- Kohlenwäsche

Outro projeto importante é o Museu do Ruhr concebido com o intuito de acolher todo o espólio da história industrial, cultural e natural da região na antiga estação de lavagem de carvão a *Kohlenwäsche*. (ver Fig.6) O projeto do gabinete OMA de 2001, divide-se em 4 espaços expositivos com diferentes pisos. O acesso é feito através de uma escada rolante com 58 metros evocando os antigos tapetes que transportavam o carvão para lavagem. A entrada do museu encontra-se no quarto piso, que contém a receção, posto de informações e cafetaria. O terceiro piso contém uma exposição de história baseada nos mitos e fenómenos locais. O

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

segundo piso acolhe uma exposição sobre a memória pré-industrial da região assim como as coleções do museu de arqueologia, etnologia e história natural, bem como uma sala para exposições temporárias. O piso que se situa 6 metros acima do chão, acolhe toda a coleção referente ao período de apogeu industrial da região.

Na planta de extração de coque está situado um espaço multiusos, com acesso ao museu através de um antigo tapete que transportava o carvão para a estação de lavagem.

Ainda em 2001 o gabinete OMA de Rem Koolhaas, juntamente com uma equipa de especialistas em património, desenvolvem o *Masterplan da Zeche Zollverein* (ver Fig.7), que demorou uma década a preparar. É composto por uma faixa que



Figura 7 – Masterplan Zeche Zollverein

envolve o sítio histórico como se de uma cidade muralhada se tratasse. Novas estradas são construídas de modo a criar acessibilidades aos locais e aos visitantes e é mantida a antiga infraestrutura ferroviária tornando-a parte integrante do espaço público, conectando os edifícios principais.

Os tapetes de carvão são mantidos de forma a que o visitante possa ter uma noção da profundidade dos poços de extração de carvão. A colocação de novos programas, relacionados com arte e cultura, na faixa envolvente do complexo permite que os edifícios existentes continuem a manter a sua grandeza e impacto. Integrado também, fica o projeto dos

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

japoneses SANAA, a Escola de Gestão e Design contribuindo assim para que se tornasse um marco na cidade de *Essen* e no universo do turismo industrial.

MARINHA GRANDE

REAL FÁBRICA DOS VIDROS DA MARINHA GRANDE

O edifício da Real Fábrica dos Vidros (ver Fig.8) é construído na sequência de uma reforma do Marquês de Pombal, tal como a Real Fábrica dos Panos da Covilhã e a Real Fábrica da Cordoaria da Junqueira. Em 1798, John Beare, transfere toda a maquinaria que continha na sua fábrica de vidros em Coima para a Marinha Grande, porque começaram a escassear os recursos e as matérias-primas para que pudesse continuar a laborar.

A mudança de local de laboração deve-se também a um conjunto de condições favoráveis à fixação da

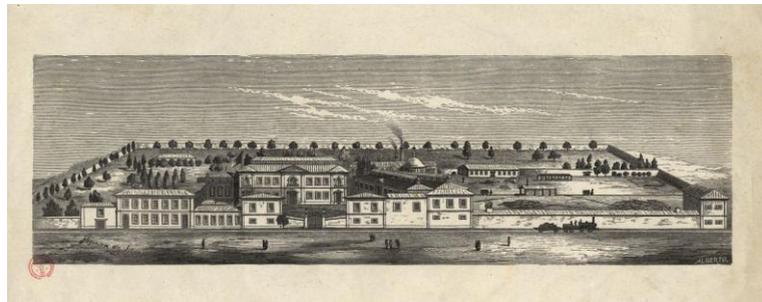


Figura 8 – Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande (1865?)

mesma em 1769 na Marinha Grande. Estas condições prendem-se a três fatores: combustível, sistemas rodoferroviários e por último o facto de ser um meio rural.

Como é sabido, na indústria vidreira e não só, usaram sempre lenha como combustível, sendo a proximidade do pinhal de Leiria uma grande vantagem. Foi construída uma estrada que entroncava com a Estrada Real que na altura ligava a Lisboa e facilitava o transporte de produtos. Havia também a proximidade com o porto de São Martinho que permitia o transporte por meio marítimo para vários pontos do país e por fim com o aparecimento da Linha do Oeste em 1888. A terceira condição que se revelou importante para a fixação da

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

fábrica tinha a ver com o caso da Marinha Grande ser um meio rural e isto tinha grande relevância porque ao nível da mão-de-obra era possível obtê-la sem correr risco de haver concorrência de outras indústrias.³⁸

No ano de 1769 inicia-se a construção da Real Fábrica de Vidros com o projeto de estilo neoclássico (ver Fig.9) de Guilherme Stephens (1731-1803) depois

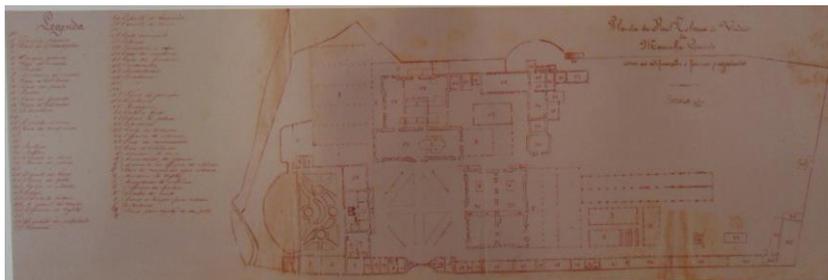


Figura 9 – Planta da Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande (1890)

deste ter sido convocado à corte pelo rei D. José I.

Guilherme Stephens desempenha um papel importante na formação de pessoal, infraestruturas de apoio ao desenvolvimento da Marinha Grande. A Fábrica passa a funcionar como escola, permitindo aperfeiçoar e consolidar uma arte que, entre 1889 e 1930, já constituía um forte atrativo para a instalação de novas unidades vidreiras.³⁹

Após a morte de Guilherme Stephens a fábrica passou a ser administrada pelo seu irmão, João Diogo Stephens (1769-1802), que, apesar de algumas dificuldades, nomeadamente durante as invasões francesas, manteve um extraordinário desenvolvimento e progresso. Em 1826, João Diogo faleceu deixou em testamento a Fábrica ao Estado, sendo que depois de dois anos, enquanto

³⁸ MENDES, José - *A concentração da indústria vidreira na marinha grande: repercussões socioeconómicas.* . [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6461.pdf>>

³⁹ *Ibidem*

proprietário da fábrica, o Estado iria decidir que estaria acima das capacidades a administração da mesa, abrindo concurso para a sua exploração.⁴⁰

Entre 1829 e 1919 foram vários os arrendatários em que a fábrica conhece tempos de prosperidade, realizando grandes projetos que desenvolveram tecnologicamente a o edifício, produzindo vidro de grande qualidade, e também períodos de grandes dificuldades, encerrando e os trabalhadores teriam de procurar emprego noutras áreas. Somente em 1919 o Governo decide iniciar a sua exploração através de Comissões Administrativas.⁴¹

Sob a orientação do Engenheiro Acácio Calazans Duarte, de 1928 a 1966, além do grande desenvolvimento tecnológico, passou a ser obrigatório a formação dos aprendizes dos sectores de decoração, pelo menos em desenho e a alfabetização dos empregados em regime noturno. A partir de 1954 passou a designar-se Fábrica Escola Irmãos Stephens, fabricava cristalaria de qualidade, desenvolveu a vertente artística do vidro. Até ao seu encerramento em 1992 foi administrado por várias entidades estatais, finalmente em 1993 foi adquirida pelo dinamarquês Jorgen Mortensen e reativada como museu em 1998.⁴²

O conjunto fabril datado do século XVIII era composto por três grandes núcleos compostos pela residência dos proprietários com jardim e tanque de água adjacentes, as oficinas de vidraça e as oficinas de cristal resguardados por um grande corpo oblongo virado à rua e rematado nas suas extremidades pelo teatro e pela casa de composição. O corpo virado à rua era simétrico com entrada central. O lado esquerdo era composto por programas culturais, algo inovador para a época, albergando o teatro, salas de aulas, habitação do mestre de música

⁴⁰ MENDES, José - *A concentração da industria vidreira na marinha grande: repercussões socioeconómicas.* . [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6461.pdf>>

⁴¹ *Ibidem*

⁴² *Ibidem*

e um salão para bailes. O lado direito compunha-se de programas de serviço aos operários e à fábrica, tais como a casa do porteiro, estalagem/taberna, laboratório, depósito de areias e a casa da composição. As traseiras do conjunto eram essencialmente terreno agrícola também pertencente aos proprietários da fábrica.

Atualmente e após a reabilitação em 2013, o conjunto funciona como polo educativo, cultural e serviços. A antiga casa dos irmãos Stephens é hoje Museu do Vidro (ver Fig.14) com ligação interior ao Teatro Stephens (ver Fig.10 e 11) cuja volumetria, de remate do conjunto, foi alterada. A Biblioteca municipal da Marinha Grande funciona nas antigas oficinas de vidraça da fábrica (ver Fig.13). A Escola Profissional e artística está inserida nas antigas oficinas de cristal (ver Fig.15), a Galeria de Exposições inserida na antiga estalagem/taberna do conjunto (ver Fig.12) e por fim surge o arquivo municipal onde outrora se implantavam os armazéns de vidraça.

O concelho da Marinha Grande ao nível do turismo industrial encontra-se em desenvolvimento tendo um conjunto de fábricas, cuja tipologia se insere no turismo de empresa ou visita, mas o que interessou neste caso foi o conjunto primitivo dos irmãos Stephens que alberga, para além de um Museu, tipos de programa públicos, que rentabilizam o edificado e pouco é afetado pela sazonalidade.

Interessante o facto de não se perder o cariz cultural e de serviço à cidade no corpo oblongo virado à rua, ainda que com a recente alteração na volumetria do teatro desconfigurar o traçado original do mesmo. Além destes fatores o conjunto está inserido na zona histórica da cidade e que curiosamente, por estar na parte antiga da cidade foi mantido o carácter de espaço verde nas traseiras do mesmo. O edifício da Real Fábrica dos Vidros (ver Fig.8) é construído na sequência de uma reforma do Marquês de Pombal, tal como a Real Fábrica dos Panos da Covilhã e a Real Fábrica da Cordoaria da Junqueira. Em 1798, John Beare, transfere

toda a maquinaria que continha na sua fábrica de vidros em Coina para a Marinha Grande, porque começaram a escassear os recursos e as matérias-primas para que pudesse continuar a laborar.

A mudança de local de laboração deve-se também a um conjunto de condições favoráveis à fixação da mesma em 1769 na Marinha Grande. Estas condições prendem-se a três fatores: combustível, sistemas rodoferroviários e por último o facto de ser um meio rural.

Como é sabido, na indústria vidreira e não só, usaram sempre lenha como combustível, sendo a proximidade do pinhal de Leiria uma grande vantagem. Foi construída uma estrada que entroncava com a Estrada Real que na altura ligava a Lisboa e facilitava o transporte de produtos. Havia também a proximidade com o porto de São Martinho que permitia o transporte por meio marítimo para vários pontos do país e por fim com o aparecimento da Linha do Oeste em 1888. A terceira condição que se revelou importante para a fixação da fábrica tinha a ver com o caso da Marinha Grande ser um meio rural e isto tinha grande relevância porque ao nível da mão-de-obra era possível obtê-la sem correr risco de haver concorrência de outras indústrias.⁴³

No ano de 1769 inicia-se a construção da Real Fábrica de Vidros com o projeto de estilo neoclássico (ver Fig.9) de Guilherme Stephens (1731-1803) depois deste ter sido convocado à corte pelo rei D. José I.

Guilherme Stephens desempenha um papel importante na formação de pessoal, infraestruturas de apoio ao desenvolvimento da Marinha Grande. A Fábrica passa a funcionar

⁴³ MENDES, José - *A concentração da industria vidreira na marinha grande: repercussões socioeconómicas.* . [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6461.pdf>>

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

como escola, permitindo aperfeiçoar e consolidar uma arte que, entre 1889 e 1930, já constituía um forte atrativo para a instalação de novas unidades vidreiras.⁴⁴

Após a morte de Guilherme Stephens a fábrica passou a ser administrada pelo seu irmão, João Diogo Stephens (1769-1802), que, apesar de algumas dificuldades, nomeadamente durante as invasões francesas, manteve um extraordinário desenvolvimento e progresso. Em 1826, João Diogo faleceu deixou em testamento a Fábrica ao Estado, sendo que depois de dois anos, enquanto

proprietário da fábrica, o Estado iria decidir que estaria acima das capacidades a administração da mesa, abrindo concurso para a sua exploração.⁴⁵

Entre 1829 e 1919 foram vários os arrendatários em que a fábrica conhece tempos de prosperidade, realizando grandes projetos que desenvolveram tecnologicamente a o edifício, produzindo vidro de grande qualidade, e também períodos de grandes dificuldades, encerrando e os trabalhadores teriam de procurar emprego noutras áreas. Somente em 1919 o Governo decide iniciar a sua exploração através de Comissões Administrativas.⁴⁶

Sob a orientação do Engenheiro Acácio Calazans Duarte, de 1928 a 1966, além do grande desenvolvimento tecnológico, passou a ser obrigatório a formação dos aprendizes dos sectores de decoração, pelo menos em desenho e a alfabetização dos empregados em regime noturno. A partir de 1954 passou a designar-se Fábrica Escola Irmãos Stephens, fabricava cristalaria de qualidade, desenvolveu a vertente artística do vidro. Até ao seu encerramento

⁴⁴ MENDES, José - A concentração da indústria vidreira na marinha grande: repercussões socioeconómicas. In <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6461.pdf>

⁴⁵ MENDES, José - A concentração da indústria vidreira na marinha grande: repercussões socioeconómicas. . [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6461.pdf>>

⁴⁶ *Ibidem*

em 1992 foi administrado por várias entidades estatais, finalmente em 1993 foi adquirida pelo dinamarquês Jorgen Mortensen e reativada como museu em 1998.⁴⁷

O conjunto fabril datado do século XVIII era composto por três grandes núcleos compostos pela residência dos proprietários com jardim e tanque de água adjacentes, as oficinas de vidraça e as oficinas de cristal resguardados por um grande corpo oblongo virado à rua e rematado nas suas extremidades pelo teatro e pela casa de composição. O corpo virado à rua era simétrico com entrada central. O lado esquerdo era composto por programas culturais, algo inovador para a época, albergando o teatro, salas de aulas, habitação do mestre de música e um salão para bailes. O lado direito compunha-se de programas de serviço aos operários e à fábrica, tais como a casa do porteiro, estalagem/taberna, laboratório, depósito de areias e a casa da composição. As traseiras do conjunto eram essencialmente terreno agrícola também pertencente aos proprietários da fábrica.

Atualmente e após a reabilitação em 2013, o conjunto funciona como polo educativo, cultural e serviços. A antiga casa dos irmãos Stephens é hoje Museu do Vidro (ver Fig.14) com ligação interior ao Teatro Stephens (ver Fig.10 e 11) cuja volumetria, de remate do conjunto, foi alterada. A Biblioteca municipal da Marinha Grande funciona nas antigas oficinas de vidraça da fábrica (ver Fig.13). A Escola Profissional e artística está inserida nas antigas oficinas de cristal (ver Fig.15), a Galeria de Exposições inserida na antiga estalagem/taberna do conjunto (ver Fig.12) e por fim surge o arquivo municipal onde outrora se implantavam os armazéns de vidraça.

O concelho da Marinha Grande ao nível do turismo industrial encontra-se em desenvolvimento tendo um conjunto de fábricas, cuja tipologia se insere no turismo de

⁴⁷ MENDES, José - *A concentração da indústria vidreira na marinha grande: repercussões socioeconómicas.* . [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6461.pdf>>

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

empresa ou visita, mas o que interessou neste caso foi o conjunto primitivo dos irmãos Stephens que alberga, para além de um Museu, tipos de programa públicos, que rentabilizam o edificado e pouco é afetado pela sazonalidade.

Interessante o facto de não se perder o cariz cultural e de serviço à cidade no corpo oblongo virado à rua, ainda que com a recente alteração na volumetria do teatro desconfigurar o traçado original do mesmo. Além destes fatores o conjunto está inserido na zona histórica da cidade e que curiosamente, por estar na parte antiga da cidade foi mantido o carácter de espaço verde nas traseiras do mesmo.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 10 – Teatro Stephens



Figura 11 – Teatro Stephens



Figura 12 – Galeria de Exposições



Figura 13 - Biblioteca Municipal da Marinha Grande



Figura 14 - Museu do Vidro



Figura 15 - Escola Profissional e Artística da Marinha Grande.

EDIFÍCIO DA RESINAGEM DA MARINHA GRANDE

Edifício de estilo pombalino, é construído em 1859, com projeto de Bernardino José Gomes (1817-1890). (ver Fig.16 e 17) A princípio do seu funcionamento é regida pelos Serviços Florestais e só mais tarde é administrada por particulares, pelo menos até 1940 data do seu encerramento e fim de laboração, voltando a estar, novamente, por conta dos Serviços Florestais.

A partir de 1941 dá-se uso às instalações para uso público com o programa de mercado municipal, biblioteca municipal e Registo Civil. Além deste tipo de utilização já havia sido utilizado por um sem número de outras instituições como os Bombeiros (1900), GNR (1918), Cruz Vermelha (1925) e Legião Portuguesa (1939),

chegando inclusive a ser central elétrica (1924), finalizando com um encerramento do mercado por parte da ASAE em 2007.

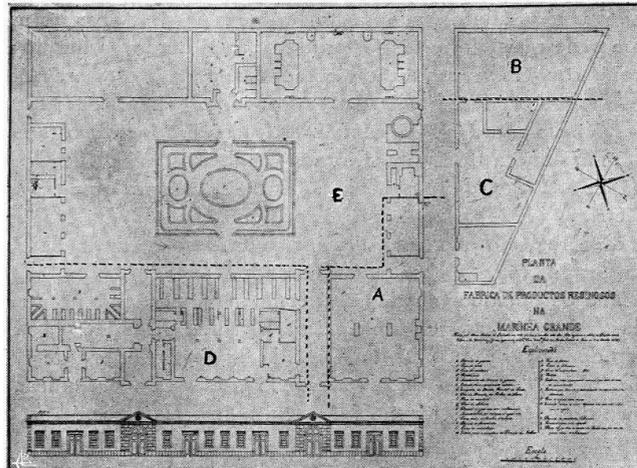


Figura 16 – Planta do edifício da Fábrica de resinagem



Figura 17 – Edifício da resinagem inícios do século XX

Em 2013 o edifício sofre obras de reabilitação por parte do gabinete de arquitetura COR Arquitectos e alberga os programas de GAM (Gabinete de Atendimento ao Município) e o Núcleo de Arte Contemporânea do Museu do Vidro. (ver Fig. 18)

A importância do edifício a ser reabilitado evidencia-se pela sua relevância histórica, tanto pelo edifício, antigo mercado, como pela sua importância urbanística, e são estes fatores a definir o conceito base para o projeto. Este programa

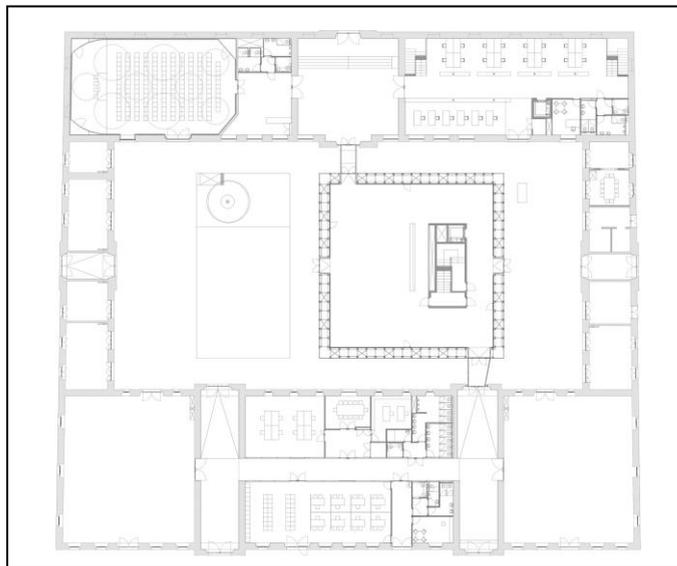


Figura 18 – Planta da requalificação do edifício da resinagem

alberga escritórios, comércio, um museu e um auditório e como tal partiu-se do princípio que o pátio central, antigamente coberto, deveria ser aberto à cidade e definir-se como espaço multiusos tanto da cidade como do edifício. O traçado original mantém-se e é perceptível na fachada virada à rua, cuja frente contempla a intervenção do teatro Stephens. (ver Fig.21 e 22)

Como nova intervenção é adicionado um volume em vidro de três pisos (ver Fig.19 e 20), que alberga o programa de exposições do Núcleo de Arte Contemporânea do Museu do Vidro, com acesso pelo seu interior ao edificado preexistente. Este corpo pretende assumir-se como o novo expoente da cidade expressando a sua importância através da sua materialidade, o vidro símbolo da era industrial na Marinha Grande.

À imagem do Museu do Vidro, a Fábrica da Resinagem assume-se como uma solução boa no que diz respeito à rentabilidade do edifício, uma vez que os usos se têm mantido

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

relacionados com a cidade. Este não se encontra ligado à rota do turismo industrial da Marinha Grande, apesar de ser provido de espaços ligados à aprendizagem da técnica de moldar o vidro e o Museu da Indústria do Molde estar inserido na ala direita do edifício.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 19 – Nucleo de Arte Contemporânea da Marinha Grande



Figura 20 – Ligação interior entre o NAC e o Museu do Molde



Figura 21 – Vista do NAC da rua



Figura 22 – Fachada da Fábrica da resinagem

GUIMARÃES

FÁBRICA ASA

A Fábrica ASA (ver Fig.23,24,26) é um complexo fabril datada da década de 60 dedicado à fabricação de lençóis e outros artigos domésticos. O complexo tem uma área de 24000² e encontra-se limitado a Sul e Este pela linha de caminho de ferro, a norte pela estrada N°105 e a Oeste por terrenos privados.

Compõe-se de uma nave central (ver Fig.27), possivelmente espaço de armazém, que unificava a zona de escritórios com outro volume à esquerda da entrada. Esta volumetria central destaca-se por ter a cobertura metálica curva. O corpo dos escritórios situava-se no extremo poente do complexo e rematava o edificado com mais dois pisos que as restantes volumetrias da fábrica e uma fachada envidraçada em toda a sua dimensão. A sua organização espacial pautava-se por uma estrutura de pilares com capitel em V (ver Fig.28) e onde a luz penetra através de uma série de vãos horizontais acentuando a profundidade do espaço. No lado Sul do complexo situa-se o parque de estacionamento e a fachada tem revestimento metálico, conferindo-lhe um aspeto de fabrica contemporânea.

Já nos últimos anos de laboração a direção tenta expandir a fabrica para além dos seus limites e são construídos mais dois corpos a sul e a nascente, ligados por dois passadiços cilíndricos. Começou a ter problemas de logística, acabando por encerrar em 2005.

Com a proposta do programa Guimarães Capital da Cultura, aproveitou-se para reabilitar o complexo para escritórios, depois da compra por parte do grupo John Neild & Associados iniciou-se a reconversão tendo em vista um centro de negócios low-cost.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

O projeto ficou a cargo dos arquitetos Pedro Balona e Cláudia Ferreira. A reconversão é feita com simplicidade de meios, para a criação de espaços versáteis e competitivos, adequados às necessidades atuais.

O edifício possui uma estrutura consolidada possuindo acessibilidades adequadas à intervenção pretendida. As multifuncionalidades nas suas infraestruturas respondem às exigências do uso desejado, respeitando a nova regulamentação de ocupação deste tipo de espaços.

A nova organização do espaço traduz-se em doze setores em torno de acessos verticais comuns fazendo a ligação entre o exterior e os parques de estacionamento subterrâneo e de superfície. (ver Fig.25)

Os espaços que outrora eram de laboração e também pertencentes à administração da fábrica, são reutilizados para espaços expositivos, onde se incluiu uma blackbox, bem como para espaços de trabalho que permitem o recreio de cada um à sua maneira.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 23 – Fachada Frontal Preexistente



Figura 24 – Fachada Frontal actual

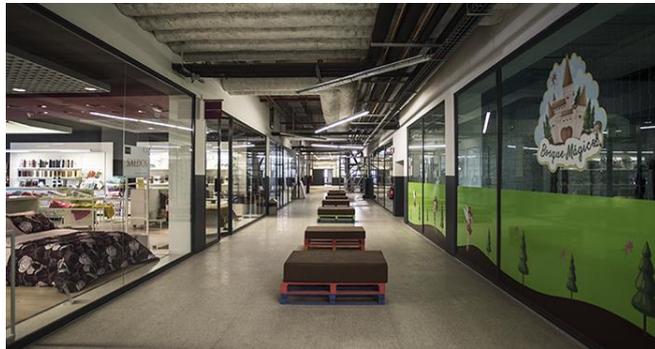


Figura 25 – Interior da Fábrica



Figura 26 – Fachada Frontal Preexistente



Figura 27 – Interior Área Produção Preexistente

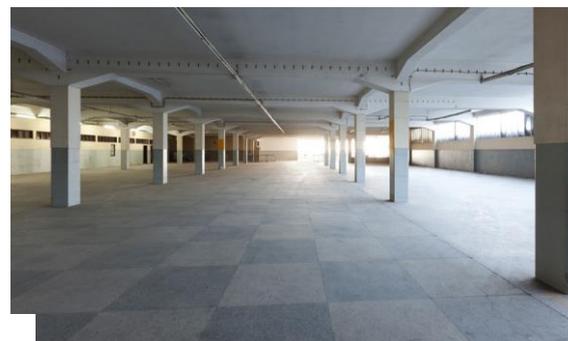


Figura 28 – Interior Área Administrativa

SÃO JOÃO DA MADEIRA

EMPRESA INDUSTRIAL DE CHAPELARIA

Fundada em 1891 por António José de Oliveira Júnior (1864-1935) e Pedro Martins Palmares (? -1919), os edifícios primitivos localizavam-se no centro do povoado (ver Fig.29). Foi a primeira fábrica com maquinaria a vapor naquele local.

Com o aumento da produção e também com o sucesso dos chapéus finos produzidos naquela altura, os empresários decidem investir



Figura 29 –Empresa Industrial de Chapelaria (1914?)

em novas instalações, desta vez na periferia da região visto ser um complexo maior, onde a maquinaria (vinda da Alemanha) era da vanguarda. Este avanço na maquinaria, teve vantagens e desvantagens, pois substituiu o trabalho humano. A população operária chegou a insurgir-se contra os proprietários, como descreve João da Silva Correia (1896 – 1973)

“[...] é amarrar as mãos na cabeça e deixarmo-nos ir para o fundo, como macaco em ribeira.

Podemos ir todos preparando a tanga, meus amigos, tanto industriais como operários. É muito provável que dentro de pouco tempo não haja oito, nem dez, nem doze horas de trabalho, nem o aumento ou redução de salários, nem

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

reclamações, nem recusas, nem nada! O que haverá, decerto, é a porta fechada, o desemprego.

Formou-se grande magote de operários. Varapaus, machados, espingardas, caçadeiras, chuços (até alviões) – era uma tropa fandanga dos mais variados naipes de indumentária e armamento. Caminhavam entre grande estrépito, lés a lés da estrada – uma guerrilha heterogénea de muitas centenas, talvez de mais de milhar de homens, mulheres e crianças.

- Abaixo as máquinas! Abaixo as máquinas! Abaixo as máquinas!

[...] alguns dos homens, animados pelos gritos de guerra, acercavam-se afoitadamente do portão, a dar-lhe inúteis marteladas. [...] Dentro da fábrica o alarme recrudesceu. Os sócios passavam o transe mais amargo de toda a sua vida de industriais.”. (Correia 1953)

O final do séc. XIX e até meados do séc. XX é um período marcado por fusões empresariais, a morte de um dos fundadores e posteriormente, ou até conseqüentemente, conflitos entre gestores o que levaria á saída de Oliveira Júnior e obriga a inventariar o património da fábrica em conta com “[...] um escritório, uma central elétrica, uma serralharia, uma portaria e as secções mecanizadas de pelo e lã e de chapéus de palha.”⁴⁸

Nos anos 40 e 50 dá-se uma “requalificação” do complexo fabril, que mesmo em crise no sector, dava boas condições aos seus operários, que nenhuma outra fábrica naquela época. É criado um posto médico dentro da fábrica que atende as necessidades dos operários e também das suas famílias, uma cantina fora dos limites do complexo e por fim é projetado um

⁴⁸ Museu da Chapelaria. [Em linha]. [Consult. 23 Fev 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://museudachapelaria.blogspot.pt/p/empresa-industrial-de-chapelaria.html> >.

bairro operário, cujo plano existia desde 1920, mas que nunca se chega a concretizar, apesar de ter sido adquirido pela fábrica um terreno para tal efeito.

A segunda metade do séc. XX é considerada a fase da decadência da fábrica muito por causa do Estado que em 1943 concentra na Cortadoria Nacional de Pêlo e em 1957 arrancam as obras do mesmo que só viriam a ser inauguradas em 1960 - todos os serviços relacionados com este tipo de industria, o que viria a ter repercussões diretas ao nível do produto final.

A fábrica no início dos anos 90 começa a encerrar alguns dos serviços, até que em 1995 encerra por completo.

A autarquia previa um projeto para expor o espólio da atividade industrial chapeleira. Havia, um local para desenvolver um núcleo museológico faltava apenas conseguir integrá-lo na preexistência.

O projeto de musealização da fábrica tem autoria da Arquiteta Suzana Duarte Fernandes e a nível programático procurou-se organizar o programa para se conseguir utilizar espaços com o carácter que outrora tiveram, na época industrial. A este respeito pode ver-se o exemplo dos espaços administrativos que atualmente albergam as mesmas funções e os espaços de produção no período de laboração correspondem hoje às áreas expositivas relativas a esses mesmos processos, deste modo a memória da fábrica está presente.⁴⁹

O museu conta com 4 pisos, sendo dois destinados à exposição e serviços do museu e um piso enterrado correspondente ao estacionamento e serviços museológicos. No piso -1 (ver Fig.30) encontra-se o estacionamento, cozinha, áreas de carga e descarga, tanto de elementos ligados ao museu como à cozinha, laboratórios de conservação e restauro, reservas visitáveis e não visitáveis. O piso 0 (ver Fig.31) corresponde ao piso de entrada do museu. Aqui

⁴⁹ LIRA, Sérgio – Um caso de reutilização de património arquitetónico industrial: O Museu da Industria de Chapelaria de São João da Madeira. *Antropológicas*. [Em linha]. Nº5, (2001), P. 75. [Consult. 25 Fev 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/737/1/75-82Pages%20from%20aObraNasce04-6.pdf>>. ISSN 2182-2913

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

encontram-se a receção e loja, sala de exposição permanente, e temporárias, auditório bar-restaurante e instalações sanitárias. No piso 1 e 2 (ver Fig.32) encontram-se salas de exposição permanente, piso superior do restaurante, o centro de documentação cujo acesso é feito através da escadaria nobre, gabinetes de trabalho, e as áreas correspondentes ao departamento educativo.⁵⁰

No interior do edifício grande parte dos elementos estruturais foram substituídos, não eram recuperáveis. A nível estrutural e da cobertura, os elementos em madeira e a alvenaria, nomeadamente, vigas e paredes estruturais, encontravam-se em avançado estado de degradação assim como o madeiramento de suporte da cobertura.⁵¹

A ala Norte do edifício era a mais degradada, obrigando a algumas alterações ao edifício existente. Visto albergar a sala de exposições permanente, a ala Norte é agora dotada de um duplo pé direito permitindo aos visitantes ter uma perspetiva diferente sobre a maquinaria exposta na sala. A ala Sul contem soluções mais clássicas em que a estrutura não é vista pelos visitantes, solução oposta à da sala do serviço educativo, que deliberadamente manteve à vista os elementos estruturais em ferro fundido como meio de preservar a memória do passado industrial.⁵²

A fachada foi recuperada mantendo a traça original, guardando a memória do impacto fábrica na malha urbana.⁵³

⁵⁰LIRA, Sérgio – Um caso de reutilização de património arquitetónico industrial: O Museu da Industria de Chapelaria de São João da Madeira. *Antropológicas*. [Em linha], N°5, (2001), P. 75. [Consult. 25 Fev 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/737/1/75-82Pages%20from%20aObraNasce04-6.pdf>>. ISSN 2182-2913

⁵¹ *Ibidem*, P.77

⁵² *Ibidem*, P.77

⁵³ *Ibidem*, P.78

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

O museu atualmente integra o circuito turístico industrial de São João da Madeira e insere-se no tipo de turismo histórico. Apesar de não possuir nenhum programa para além do museológico beneficia do facto de estar integrado numa rota turística que integra um conjunto fabril, localizado na envolvente próxima, que se mantêm em funcionamento e que servem a cidade, diminuindo o risco da sazonalidade.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

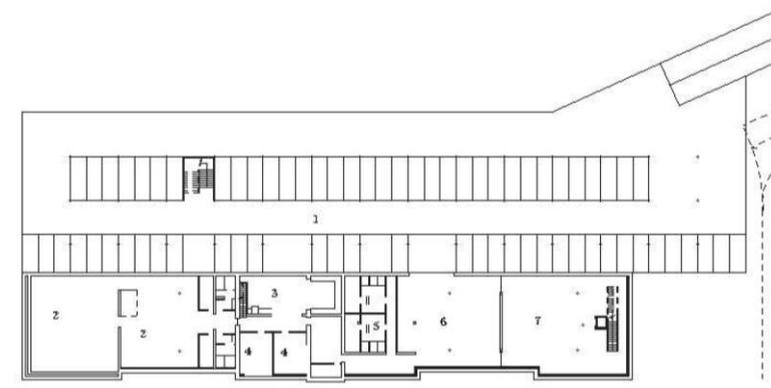


Figura 30 – Piso -1

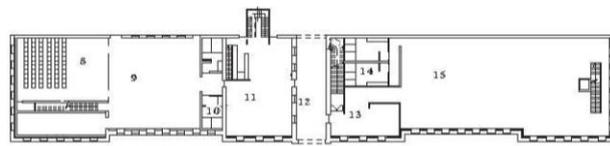


Figura 31 – Piso 0

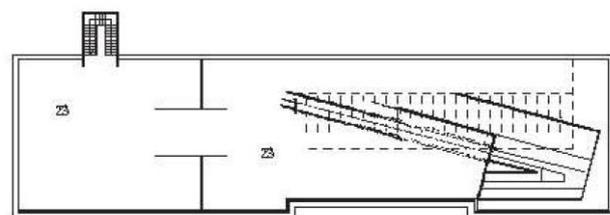
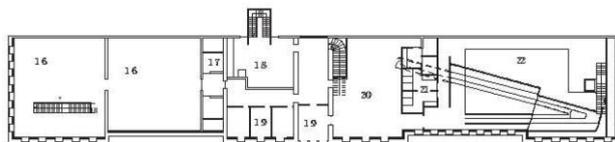


Figura 32 – Piso 1 e 2

COMPLEXO INDUSTRIAL DA OLIVA

Fundada em 1925 por António Pinto de Oliveira, a OLIVA, como ficou conhecida, era inicialmente dedicada à indústria serralheira, de serração e carpintaria mecânica, mas foi em 1948 que adquiriu destaque com o início da produção de máquinas de costura no seu novo complexo



Figura 33 – Vista Aérea Complexo da Oliva

fábrica. (ver Fig.33) Composta por 2 partes (Edifício Administrativo e Armazéns Fundidos mais Fabricos Gerais), faz parte do grupo de obras pertencentes ao movimento moderno industrial e teve como autores dos projetos ARS Arquitetos e Arq. Fernando Campos.

Desde a sua fundação em 1948, que a construção de máquinas de costura marca gerações, isto porque foram formadas inúmeras costureiras em Portugal e nas ex-colónias o que demonstra o carácter social da marca. A fábrica torna-se numa das mais importantes da região e do país chegando a empregar 2000 pessoas. (Folgado 2002)

TORRE DA OLIVA

O primeiro momento edificado é o Edifício da Torre da OLIVA. (ver Fig. 34;39). Um edifício em gaveto curvo com uma linguagem modernista bem vincada apresentando-se como um belo exemplar da arquitetura industrial moderna. A sua fachada ritmada através de vãos retangulares de cima abaixo



da mesma, rematada em ambas as extremidades quer pela entrada para o mesmo quer por um volume vertical, a torre, cuja função de relógio, era um marco na cidade.⁵⁴

Quanto ao programa, no primeiro piso situavam-se os gabinetes administrativos (ver Fig.35;36) uma sala polivalente e outra de exposições, com acesso pelas escadas principais. Um outro acesso vertical ligava o primeiro ao segundo piso, que incluía uma cozinha, gabinetes e salas de trabalho, cujas dimensões podiam variar uma vez que estas se separavam por portas em fole. A área fabril (ver Fig. 37;38) de duplo pé direito e banhada de luz nascente, era acedida pelo piso inferior, onde também se situavam os balneários. Uma mezzanine “sobrevoava” o espaço com vista diretamente de áreas administrativas. O requinte do edifício era também notório através dos materiais nobres empregues nos diferentes espaços.⁵⁵ Em 2010 a requalificação deste edifício para Museu do Calçado e Welcome Center do programa de Turismo Industrial de São João da Madeira (ver Fig.40), tinha inicialmente pouca área para cumprir a exigência do programa.⁵⁶

⁵⁴ FREITAS, Maria -Memória da Modernidade Industrial: três intervenções no património do movimento moderno português. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014. Dissertação de Mestrado. P.83

⁵⁵ *Ibidem*, P.83

⁵⁶ *Ibidem*, P.87

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Outro dos problemas era o mau estado da fachada Sul, a necessidade da criação de um parque de estacionamento e uma entrada para cargas e descargas o que deu origem à deslocação da entrada para a fachada Sul.

No interior houve um ligeiro ajuste na configuração, mas a morfologia dos pisos acaba manter-se fiel ao original. No piso inferior ao da entrada aplicou-se um método de compartimentação deixando o aspeto dos pés direitos luminosos para algumas salas expositivas. O piso da entrada alberga o Welcome Center e a loja do turismo industrial. No primeiro piso contempla-se uma sala polivalente, salas de formação e no piso acima há seis salas polivalentes que se adaptam à estrutura preexistente.⁵⁷

O valor patrimonial do edifício da torre é mantido através da valorização dos elementos caracterizadores do mesmo.

⁵⁷ FREITAS, Maria -Memória da Modernidade Industrial: três intervenções no património do movimento moderno português. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014. Dissertação de Mestrado. P.87

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 35 – Área Administrativa



Figura 36 – Área administrativa



Figura 37 – Área Fabril



Figura 38 – Área Fabril atualmente

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

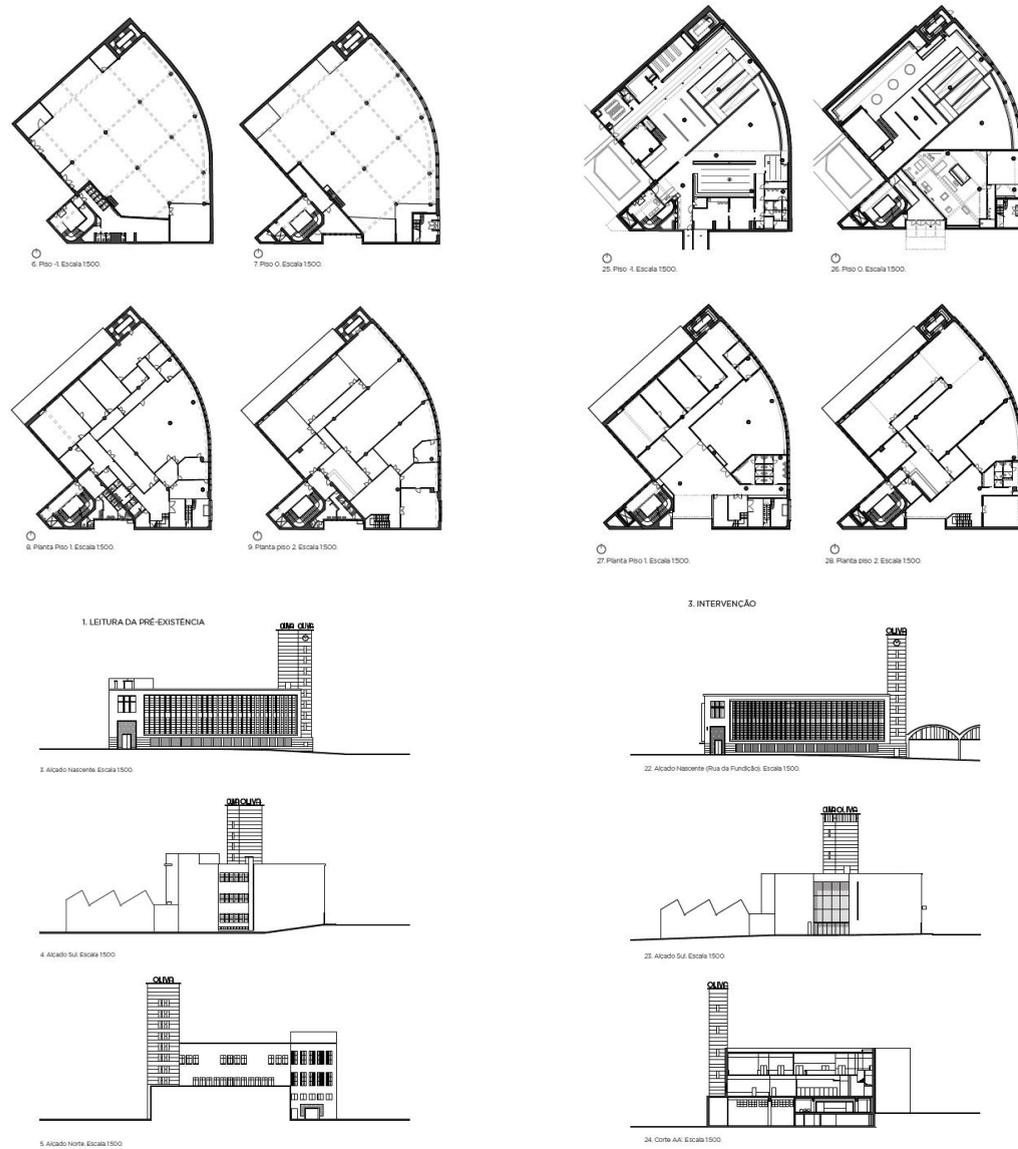


Figura 39 – Preexistência

Figura 40 - Intervenção

ARMAZÉNS DA FUNDIÇÃO E FABRICOS GERAIS

O segundo conjunto de edifícios integravam os Armazéns da Fundação (ver Fig. 42,43,44,48) e os Fabricos Gerais e tinha como conceito a criação de dois volumes distintos unidos por uma rua descoberta no interior do lote.

O Edifício dos Fabricos Gerais (ver Fig.45) era composto por três pisos e desfrutava de duas grandes áreas de duplo pé direito, referentes às salas das máquinas de grande porte, apresentando



Figura 41 – Vista Aérea Armazéns de Fundação e Fabricos Gerais

apenas três pisos de pé direito dito habitual na zona sul. Os Armazéns Fundidos tinham a característica do pé direito dentro dos mesmos ser total, dois pisos, onde a cobertura em shed permitia uma luminosidade homogénea.⁵⁸

A linguagem dos edifícios revela uma tentativa de adaptar os volumes à forma do lote, incluindo uma fachada curva, que convida à entrada no complexo. (ver Fig.43, 46)

A reabilitação (ver Fig. 49) destes dois conjuntos ficou a cargo dos arquitetos Maria João Leite e Joaquim Milheiro em 2010. O programa visava albergar a OLIVA Creative Factory - Incubadora para empresas do sector das indústrias criativas e Centro Empresarial para empresas maduras.

⁵⁸ FREITAS, Maria -*Memória da Modernidade Industrial: três intervenções no património do movimento moderno português*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014. Dissertação de Mestrado. P.103

No corpo dos Armazéns Fundidos a intenção seria de implementar algumas residências, espaços de trabalho, e incluir o Núcleo das Industrias Criativas, enquanto que os Fabricos Gerais seria o Núcleo Museológico. No piso da entrada dos armazéns estão a loja, a livraria, a cafeteria, os balneários e o foyer, que distribui para o espaço de duplo pé-direito reservado à Incubadora de Negócios Criativos. No piso acima encontram-se as habitações que têm ligação visual ao espaço com duplo pé direito da incubadora, inclui ainda gabinetes, sala de reuniões e um restaurante. O centro deste volume tem um espaço polivalente que pode albergar o mais diverso tipo de atividades, desde eventos relacionados com serralharia, carpintaria e restauro, contando ainda com um bar para apoio a este espaço que se situa entre os fornos desativados, mantidos para valorização dos mesmos.⁵⁹ (ver Fig.50)

O núcleo museológico no primeiro piso acolhe dois espaços, um reservado ao museu e outro ao centro de arte, com oficinas de serigrafia e gravura, de desenho, de fotografia e de escultura. O segundo piso acolhe programas relacionados com a arte de trabalhar a madeira com um auditório, oficinas de conservação e restauro, marcenaria, entre outros. (ver Fig. 51,52,53)

As duas intervenções procuram dar sentido à intervenção sobre uma preexistência através da valorização dos seus elementos mais característicos. As grandes mudanças ocorrem no interior de cada edifício, de forma a adaptar nas melhores condições os programas atribuídos. Outro dos aspetos é a preocupação com o espólio existente em cada edifício e a integração do mesmo nas soluções adotadas reforçando assim o papel de preservação e valorização.

⁵⁹ FREITAS, Maria -*Memória da Modernidade Industrial: três intervenções no património do movimento moderno português*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014. Dissertação de Mestrado. P.103

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Esta excelente iniciativa está integrada no programa de turismo industrial de São João da Madeira, e utiliza o edificado preexistente valorizando-o a nível histórico e é visitável como turismo de empresa uma opção viável à rentabilização do edificado.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 42 – Armazéns de fundição



Figura 43 – Armazéns Fundição



Figura 44 – Armazéns de fundição



Figura 45 – Fabricos Gerais



Figura 46 – Entrada principal do complexo



Figura 47 – Rua Interios do Complexo

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

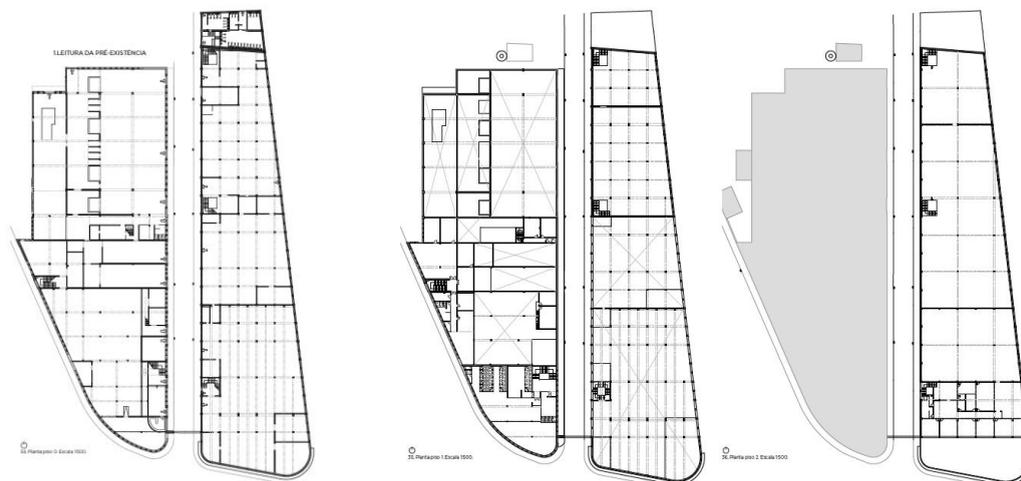


Figura 48 – Plantas do preexistente

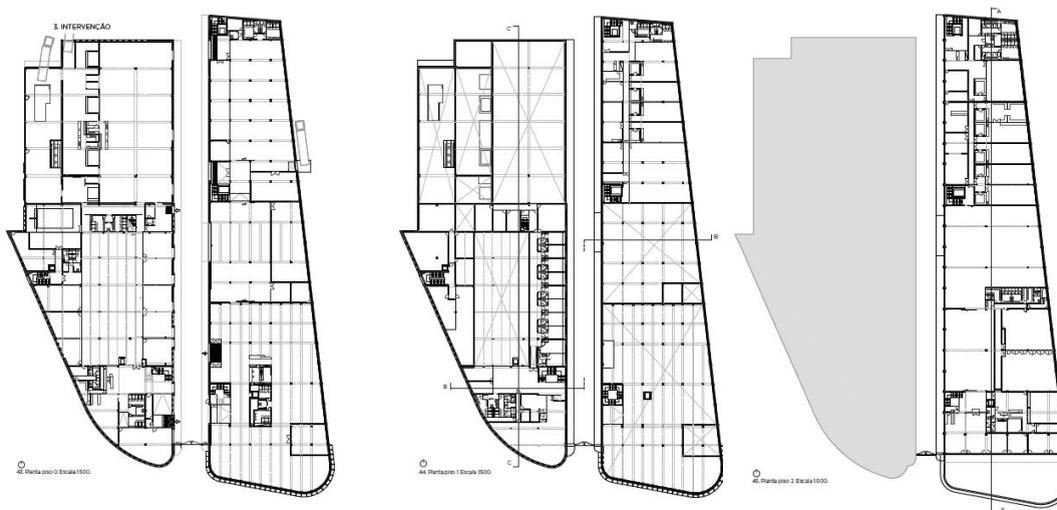


Figura 49 – Plantas da Intervenção

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 50 – Escola de Dança



Figura 51 – Auditório



Figura 52 – Incubadora de negócios



Figura 53 – Sala de exposições

COVILHÃ

REAL FÁBRICA DE PANOS (1764)

O edifício da Real Fábrica de Panos começa a ser construído em 1764, através política de fomento do Marquês de Pombal durante o reinado de D. José I (1714-1777), e somente em 1769 é finalizada a construção dado que só obteve licença nesse ano para o aproveitamento das pedras da muralha derrubadas no grande sismo de 1755. Contribui decisivamente para estruturação do tecido urbano na Covilhã desenvolvendo-o para a zona da Gouldra.⁶⁰



Figura 54 – Vista aérea da real fabrica de panos

O edifício original (ver Fig.54,55,56) distribuía-se em dois pisos com um pátio central. No primeiro piso em redor do pátio central estavam a casa do porteiro, uma tinturaria dos panos em cor, uma tinturaria das dornas, dois corredores de serviço às tinturarias, uma casa para os teares grandes, uma casa para os teares pequenos e um corredor de entrada da casa dos teares, uma casa para o guarda dos panos dos fardamentos, uma casa para puxar estambre,

⁶⁰ PINHEIRO, Elisa; SILVA, Manuel - A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re)construção das memórias industriais da cidade. *Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*. [Em linha], Coimbra, 2012, P.7. [Consult. 2 Feb 2016]. Disponível em WWW:<URL <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-pinheiro-elisa-silva-manuel-santos-a-covilha-paisagem-cultural-evolutiva.pdf>>

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

uma casa para o mestre pensar, uma casa para a composição das tintas; no segundo piso, está a ala fronteira ao Chafariz das Lágrimas, que se destinava aos serviços administrativos, e na qual se salienta a Casa da Aprovação, armazéns vários, salas de fiação e ainda para alojamentos dos aprendizes em regime de internato.

Vai laborar até finais do Séc. XIX e depois passa a albergar múltiplos usos, desde quartel do Regimento de Infantaria 21 e do Batalhão de Caçadores 2 a repartição pública. A Câmara Municipal da Covilhã em 1970 cede o conjunto fabril para instalação do Instituto Politécnico da Covilhã.

A situação de desenvolvimento da cidade da Covilhã encontrou na criação do IPC (Instituto Politécnico da Covilhã) a estratégia necessária para colmatar dois pontos: A continuada degradação dos edifícios industriais e a valorização do mesmo através da implementação de um programa educacional/museológico nos conjuntos devolutos. A universidade revelou-se, portanto, o grande motor do desenvolvimento nas mais variadas áreas, travando a regressão demográfica e inverteu o fluxo migratório.

A recuperação (ver Fig.57) para núcleo museológico tem em 1992, numa primeira fase, o projeto de Nuno Teotónio Pereira, onde o programa museológico se submeteu às pré-existências arqueológicas e arquitetónicas conservadas, procurando integrá-las no espaço e no tempo, recriando os ambientes da época industrial. Os múltiplos usos que teve até à intervenção não permitiram a identificação dos espaços à exceção dos espaços que integram o núcleo museológico no primeiro piso fábrica, quartel, repartição pública e instalação de ensino superior.

As intervenções realizadas permitiram conciliar história e tradição com inovação, modernidade e desenvolvimento recuperados, preservados e reutilizados, os monumentos

REAL FÁBRICA VEIGA (1784)

A Real Fábrica Veiga (ver Fig.58,59) é um complexo industrial datado dos finais do Séc. XVIII, que começa por ser uma oficina de tinturaria, fundada pelo empresário José Mendes Veiga em 1784. Na sua implantação, cuja mesma tem razão de ser devido à intervenção na Real Fábrica de Panos, o complexo divide-se em dois conjuntos diferentes em que mais tarde é agregado um terceiro.



Figura 58 – Vista Aérea da Real Fábrica de Panos

O primeiro é delimitado a Sul pela Ribeira da Goldra e a Norte pela Calçada do Biribau e continha todo o tipo de produção relacionada com a atividade lanifícia. O segundo corpo fazia frente com as traseiras da Real Fábrica de Panos e recebia o espaço comercial da firma (escritórios). No final do Séc. XIX integra-se o terceiro corpo que se destina a receber outras restantes unidades fabris, escolas de fiação, ficando entre a Real Fábrica de Panos e a Ponte do Rato e também delimitado a norte pela Estrada Real nº 55 e a Sul pela Ribeira da Goldra e a Calçada do Biribau. O edifício torna-se sede de um complexo empresarial durante o período de 1835 e 1891, que corresponde ao seu período de apogeu.

Devido ao seu grande desenvolvimento, o complexo aloja outras firmas que iam surgindo e desaparecendo e rapidamente passa por um processo de modernização e isso faz-se refletir ao nível da mutação no edifício em si.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Nos finais do Séc. XIX, devido a uma grande chuvada que faz subir o nível da Ribeira da Goldra, todo o corpo primitivo do complexo é destruído, e já nos anos 90, um incêndio destrói por completo o corpo Norte, restando apenas as fachadas de cantaria em Granito.

Tendo como exemplo de musealização o Núcleo de Tinturarias da Real Fábrica de Panos, houve um esforço por parte de associações e instituições ligadas ao património industrial da Covilhã, para que fosse criado um Núcleo Museológico dedicado à lanificação, visando os objetivos de criar um museu polinucleado e de âmbito nacional.

Para tal, a princípio foi facultado pela Câmara o antigo edifício da central elétrica, mas é com a ajuda da UBI (Universidade da Beira Interior) que surge a hipótese de se usar o edifício da Real Fábrica Veiga

O arquiteto responsável, em 2001, pelo projeto (ver Fig.61) foi Bartolomeu Costa Cabral e representa um excelente exemplo do aproveitamento do património industrial da Covilhã, procurando uma harmonia entre os elementos construtivos preexistentes e os aplicados.

O projeto museológico convencionou-se numa seleção criteriosa do espólio industrial (ver Fig.60,62) doado do Museu dos Lanifícios e de aquisições a particulares, resultado da intervenção de uma equipa multidisciplinar. O museu mais do que um mostruário de objetos, que evocassem uma cultura industrial, deveria relembrar também o papel do homem enquanto agente principal na transformação da região. Este projeto da Real Fábrica Veiga, permitiu incorporar o programa de Centro de Documentação/Arquivo Histórico dos Lanifícios e de Núcleo Museológico da Industrialização.

Estes dois projetos não se encontram integrados num programa de turismo industrial da região, apenas o Museu dos Lanifícios se integra na Rota Europeia da Herança Industrial na categoria da indústria têxtil. A inclusão do programa académico na reutilização do conjunto

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

foi uma aposta claramente ganha, o reforço do binómio cultura/educação foi uma excelente opção. A rentabilidade de cada edifício é garantida através de um programa educativo, e a sazonalidade é colmatada pelo programa museológico.



Figura 59 - Fachada sul do Museu dos Lanifícios



Figura 60 - Maquinaria em exposição

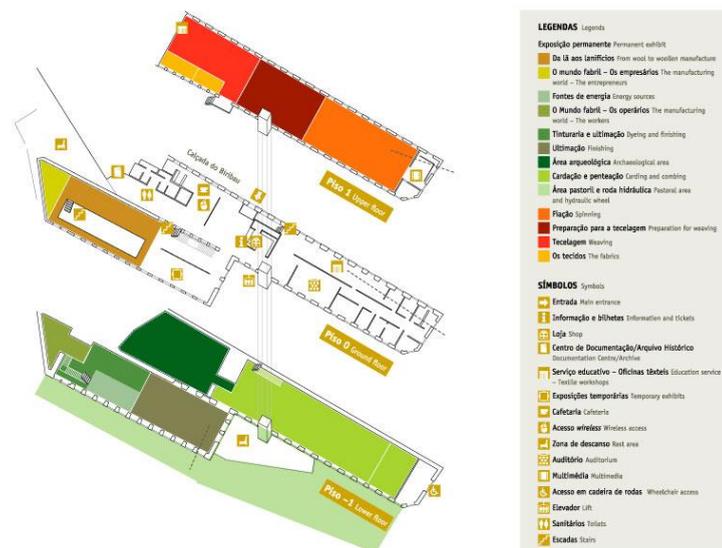


Figura 61 - Planta programática da requalificação



Figura 62 - Caldeira da antiga fábrica

3. CASO DE SINES: CIDADE E INDUSTRIA

3.1 PORTO ROMANO, E VILA MEDIEVAL (SÉC. I A SÉC. XIX)

A fundação de Sines inicia-se na pré-história onde as condições geomorfológicas foram motivo para a fixação no território de comunidades piscatórias, sendo os vestígios arqueológicos existentes no concelho prova da presença humana.

Com a romanização chegam à península ibérica os primeiros “operários” e, com isso, foram construídas nas imediações do castelo seis fábricas de preparados piscícolas.⁶² Estes conjuntos dividem-se em dois grupos, o primeiro no Largo João de Deus (1) e o segundo na Rua Ramos da Costa (2):

- 1) O primeiro conjunto data a sua construção no Séc. I d.C. e divide-se em duas oficinas, a oficina 1A e 1B. A oficina 1A é composta por sete tanques e dois pátios (Fig-63 Oficina 1A 1990) e tinha uma configuração em U. Durante dois séculos deu-se o aumento sucessivo do número de tanques.⁶³

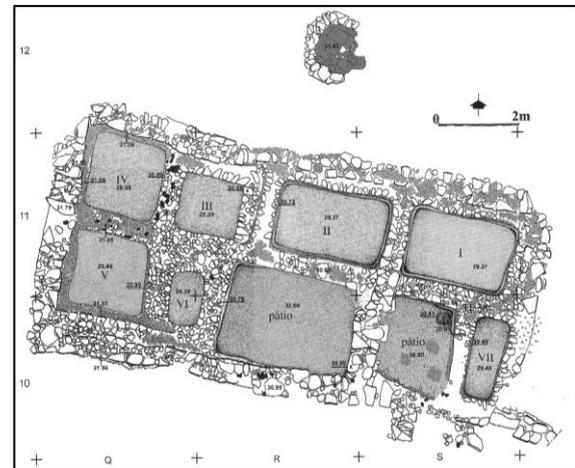


Figura 63 - Oficina 1A (In Produção de preparados piscícolas na Sines Romana

⁶² SILVA, C. T.; SOARES, A. C. – Produção de preparados piscícolas de Sines romana. *Setúbal Arqueológica* [Em linha]. 13: (2006) 101, atual, 2006. [Consult. 16 Abr. 2016]. Disponível em WWW:<URL: http://maeds.amrs.pt/informacao/setubalarqueologica/setubalarqueologica13/9_sinesromana.pdf>.

⁶³ *Ibidem*, pp. 104-113

2) A oficina 1B (Fig.64 Oficina 1B 1990) revelou-se uma construção mais apurada e minuciosa do ponto de vista construtivo, uma vez que as paredes em alvenaria de pedra gabro-diorito eram de menor dimensão e talhe regular. Composta por nove tanques e disposição em U, tal como a oficina A, esta acabou por sofrer danos devido a escavações feitas em 1961 e também com obras de saneamento, o que leva a não se conseguir datar com exatidão a sua construção.⁶⁴

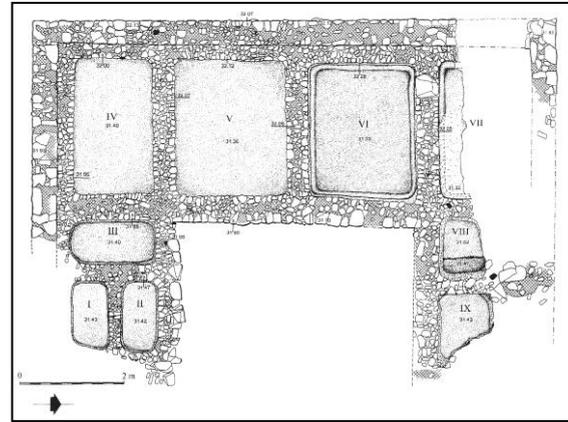


Figura 64 – Oficina 1B (In Produção de Preparados piscícolas na Sines Romana)

As oficinas da Rua Ramos da Costa são um conjunto que, tal como acima descrito, se revelou bastante danificado muito por culpa das obras de saneamento efetuadas na zona da sua implantação e usufruto dos elementos rochosos, pertencentes às paredes das ruínas, por parte dos habitantes locais. O conjunto fabril encontra-se acomodado ao terreno visto que apresenta um desnível significativo, criando três níveis

⁶⁴ SILVA, C. T.; SOARES, A. C. – Produção de preparados piscícolas de Sines romana. *Setúbal Arqueológica* [Em linha]. 13: (2006) 114-115, atual, 2006. [Consult. 16 Abr. 2016]. Disponível em WWW:<URL: http://maeds.amrs.pt/informacao/setubalarqueologica/setubalarqueologica13/9_sinesromana.pdf>.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

distintos de implantação. Os investigadores Carlos Tavares da Silva e Antónia Coelho-Soares, pensam que o complexo não se ficaria por ali e que se estenderia até à praia onde por sua vez poderiam existir outros conjuntos de oficinas.⁶⁵ Este agrupamento divide-se em 4 oficinas. A oficina 2A (Fig.65 – Oficina 2A 1997) situava-se na cota mais alta e era composta

por 4 tanques em torno de um pátio. A oficina 2B (Fig.65 – Oficina 2B 1997) situava-se na posição intermédia do complexo e dispunha-se em L com 4 tanques e um pátio descentrado. É visível, também, a existência de um compartimento adjacente à mesma o que sugere a função de armazém. A oficina 2C (Fig.66 – Oficina 2C 1997)

aparece juntamente com a 2B em posição intermédia e encontra-se bastante danificada pelas obras de saneamento em que sobraram apenas 2 tanques. Quanto a

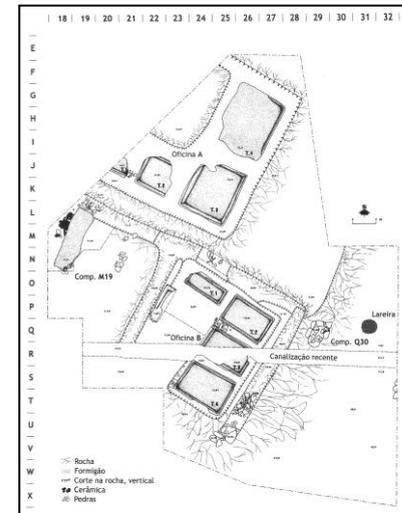


Figura 65– Oficina 2A e B (In Produção de preparados piscícolas na Sines romana)

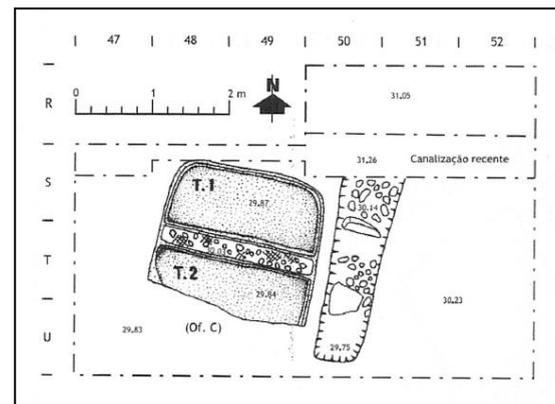


Figura 66 – Oficina 2C (In Produção de preparados piscícolas na Sines Romana)

⁶⁵ SILVA, C. T.; SOARES, A. C. – Produção de preparados piscícolas de Sines romana. *Setúbal Arqueológica* [Em linha]. 13: (2006) 116, atual, 2006. [Consult. 16 Abr. 2016]. Disponível em WWW:<URL: http://maeds.amrs.pt/informacao/setubalarqueologica/setubalarqueologica13/9_sinesromana.pdf>.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

oficina 2D restaram apenas os alçados de 3 tanques, estes só se revelaram aquando da limpeza da encosta da estrada do castelo para a praia.⁶⁶ De mencionar que, apesar das conclusões tiradas pelos autores de que haveria um prolongamento destas fabricas até a zona da praia, em Sines, não existem vestígios de edificado social como acontece na ilha do Pessegueiro.⁶⁷

Entretanto na ilha do Pessegueiro são construídas outras unidades fabris, de maiores dimensões e outras capacidades. As distintas fases de construção e a existência de edificações de cariz social revelaram a importância da ilha enquanto entreposto comercial nos séculos I e II numa primeira fase e, com a queda do poder comercial nos séculos III e IV, passa a funcionar como centro de especialização das técnicas de salga de peixe.⁶⁸ A ilha apesar de ter começado com uma posição mais firme e dominante, no que diz respeito à sua importância enquanto polo mercantil e fabril, teve o seu declínio e passa a ser considerada um complexo satélite de Sines⁶⁹

Segundo Luísa Andrade, em *Urbanismo na Composição de Portugal* (2009) não existem registos acerca da ocupação do território durante o período entre o domínio árabe e a reconquista cristã, sugerindo um abandono da região.⁷⁰ Porém, “nada indicia o desaparecimento do povoado (quanto muito, talvez a sua retração no período mais crítico da Reconquista) até porque bem perto existia Santiago do Cacém que só por Sines poderia

⁶⁶ SILVA, C. T.; SOARES, A. C. – Produção de preparados piscícolas de Sines romana. *Setúbal Arqueológica* [Em linha]. 13: (2006) 115-119, atual, 2006. [Consult. 16 Abr. 2016]. Disponível em WWW:<URL: http://maeds.amrs.pt/informacao/setubalarqueologica/setubalarqueologica13/9_sinesromana.pdf>.

⁶⁷ *Ibidem*, P.120

⁶⁸ SILVA, C. T.; SOARES, J. - *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana* – 1.ª ed. Lisboa: INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, 1993 pp. 180-187. ISBN 972-4034-13-3.

⁶⁹ *Ibidem*

⁷⁰ ANDRADE, Luísa - *Urbanismo na Composição de Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009. P.472. Dissertação de Doutoramento.

manter ligações marítimas fáceis.” (cit. por ANDRADE, QUARESMA, A. - Sines no Transito da época medieval para a Moderna, pp. 49-50)

Somente em meados do séc. XIII, após reconquista daquela região por parte de Afonso III, volta a haver um registo acerca da sua ocupação. A era medieval foi um período em que a definição do concelho é marcada por conflitos políticos, mais propriamente entre Sines e Santiago do Cacém, dado que na altura Sines seria uma dependência da Ordem de Santiago.⁷¹

D. Pedro I, rei na altura (1362) concede a Sines o privilégio de poder tornar-se uma vila e por consequência ser autónoma a todos os níveis (socioeconómico, político, etc.), revelando também preocupação ao nível defensivo do território. “Em Abril de 1395, os moradores de Sines queixavam-se de que “[...] a dita villa estaa em porto de maar e que na dita villa nom há castello nem çerco nenhum em que se possam defender aos imiguos e que algûas vezes sam costrangudos que vam servir a outros lugares e estar em frontarias porque dizem que eles nom podem fazer nem ir servir aos ditos lugares e frontarias porque dizem que elles sam tam poucos que nom podem guardar a dita villa e porto della se nom fosse ajuda doutras companhas doutros lugares [...]”⁷². Entre desagregações de territórios e fundações de povoados (Milfontes e Colos), Sines vive uma época próspera a todos os níveis “[...] de terra de camponeses e alguns comerciantes no tempo do rei D. Pedro I, no dealbar do séc. XVI, Sines mostra-se uma vila marítima e portuária, de animado comercio interno e externo” (Marques, 2013, p.34).

Será então esta uma possível razão pela qual, durante esse tempo, a vila de Sines é alvo de ataques por parte de corsários. Com este clima de medo é mandado construir em 1424 o

⁷¹ MARQUES, Maria – O Concelho de Sines e o seu foral manuelino. In CAMARA MUNICIPAL DE SINES – O concelho de Sines: da fundação à época moderna. Sines: Camara Municipal de Sines, 2013. ISBN 978-972-8261-08-5. P.19

⁷² Marques, João Martins da Silva - Suplemento ao volume I 1057-1460. In *Descobrimientos Portugueses*. Lisboa: Instituto para a alta cultura, 1944. P.441

Castelo de Sines e somente, em 1680, o Forte do Revelim na zona sudoeste de Sines e outros dois fortes, um na ilha do Pessegueiro e outro na baía em frente.⁷³

A primeira metade do século XIX é marcada, principalmente, por dois acontecimentos: as invasões francesas por parte das companhias de Napoleão, em que Sines sofre um ataque, e pela Guerra Liberalista que finda em 1834 com o tratado de Évoramonte, permitindo a vinda de industriais provenientes do estrangeiro, dando-se a instalação das primeiras indústrias corticeiras e conserveiras na região.⁷⁴

3.2 - A INDÚSTRIA CORTICEIRA E CONSERVEIRA EM SINES: A ASCENSÃO E O DECLÍNIO (SÉC. XIX A 1970)

Em tempos considerado o “celeiro de Portugal”, o Alentejo é objeto de exploração desde sempre por parte do sector agrícola, mas revelava-se uma região com potencial. “O Alentejo por seu turno, estava longe de poder classificar-se como um “deserto industrial”⁷⁵. Não é de estranhar que a indústria comece aos poucos a impor-se, primeiramente, como uma atividade secundária relacionada com a agricultura, expressando-se através das mãos de famílias, negócios inter-geracionais e também porque se focava exclusivamente nos mercados regionais. As pequenas indústrias relacionavam-se, principalmente, com atividades artesanais, nomeadamente, a olaria, panificação, alfaiataria, carpintaria e sapataria. (ver Tabela 1)

⁷³QUARESMA, António – Sines medieval e moderna (séc. XIV-XVIII). In CAMARA MUNICIPAL DE SINES – O concelho de Sines: da fundação à época moderna. Sines: Camara Municipal de Sines, 2013. ISBN 978-972-8261-08-5. pp.86-89

⁷⁴ In: <http://www.sines.pt/frontoffice/pages/311>

⁷⁵ Guimarães, Paulo Eduardo – Tradição e Modernidade na indústria alentejana. In *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Colibri; Évora: CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade, 2006. ISBN 972-772-642-9. Cap. 3, pp 119-120.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

ACTIVIDADES	REGISTOS	EMPREGO	R/E
Debulha de cereais e enfardamento de palha e feno	344	4.540	13,2
Moagem de cereais, rações e descasque de arroz	1.588	2.565	1,6
Panificação	682	803	1,2
Cortiça	323	2.487	7,7
Azeite	422	1.757	4,2
Calçado	973	2.082	2,1
Carnes Fumadas (carnes ensacadas)	247	554	2,2
Ferraria/ferreiro	743	1.240	1,7
Telha e Tijolo	293	902	3,1
Carpintaria de carros	388	707	1,8
Carpintaria de branco/ civil	412	793	1,9
Alfaiataria	347	888	2,6
Olaria	217	329	1,5
TOTAL DESTAS ACTIVIDADES	7.367	20.354	2,8
TOTAL DE REGISTOS NO R.T.N.	9.640	26.078	2,7

FONTE: ADRME/RTN (1922-1952): livros 1:12

Tabela 1 – Principais atividades registadas na área da 4ª Circunscrição Industrial pelo R.T.N. -Registo do Trabalho Nacional (1922-1951) (in Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo, 2006)

Estando o artesanato disseminado pela região, as grandes fábricas apareciam como objetos isolados criando problemas em termos logísticos e progressistas⁷⁶, visto que estas se assumiam como “ilhas” industriais. Neste contexto, Portalegre surge como exemplo visto que numa região onde a agricultura era a industria predominante (?), esta cidade já possuía, em meados do século XVII uma fábrica de panos de lã.⁷⁷

A razão do aparecimento destes focos isolados dá-se muito devido à industria da cortiça, uma vez que esta se situava junto de vias de escoamento de matéria-prima nomeadamente, as

⁷⁶ “As industrias que existiam estavam em relação estreita, não com os mercados, mas com a origem imediata, geográfica, portanto, das matérias-primas consumidas, o que revelava a importância dos elevados custos de transporte como factor de localização.” (Portugal – 1905: VII)

⁷⁷ Guimarães, Paulo Eduardo – Tradição e Modernidade na industria alentejana. In *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Colibri; Évora: CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade, 2006. ISBN 972-772-642-9. Cap. 3, pp 122.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

infraestruturas viárias, férreas e portuárias, surgindo Sines como alternativa ao porto de Setúbal.⁷⁸ Apesar da sua contribuição “negativa”, a indústria da cortiça era a par da fileira do pão e da fabricação do azeite, as indústrias que mais emprego geravam, podendo especular-se que este acaso esteja relacionado com o carácter doméstico da indústria no Alentejo nos finais do séc. XIX.⁷⁹

O início do século XX vai trazer ordem, coerência e sobretudo rigor à indústria portuguesa da altura com o surgimento da lei de condicionamento industrial⁸⁰ e também com a criação do Registo do Trabalho Nacional (RTN). Após as tentativas com pouco sucesso dos inquéritos de 1881 e de 1890, esta lei veio complementar um pouco o trabalho realizado nos inquéritos, obrigando de certa forma os industriais com estabelecimentos de grande dimensão a declarar tudo acerca dos seus negócios. A grande novidade de facto veio a ser o licenciamento industrial, uma vez que:

“[...] exigia vários procedimentos, dando entrada nos serviços com um requerimento do proprietário, onde deveria identificar a indústria a exercer (ou em exercício), o seu equipamento material (motores e ferramentas) e humano (numero de trabalhadores), acompanhado por plantas do estabelecimento a licenciar, memoria descritiva, etc. O processo exigia várias vistorias de acompanhamento da instalação e de verificação do cumprimento das regras gerias e particulares de segurança e higiene definidas superiormente para o estabelecimento em causa.”
(Guimarães, 2006, p136)

⁷⁸ Guimarães, Paulo Eduardo – Tradição e Modernidade na indústria alentejana. In *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Colibri; Évora: CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade, 2006. ISBN 972-772-642-9. Cap. 3, pp 153.

⁷⁹ *Ibidem*, P.142

⁸⁰ *Ibidem*, P.134-137

A chegada da Ditadura Militar (1926) “[...] tornou os alvarás um bem mercantil [...] e foi neste período que se deram três ciclos⁸¹ de altos e baixos na indústria no Alentejo, sendo o terceiro o mais relevante, entre 1949 a 1966, coincidindo com a modernização da indústria e com o fluxo migratório que se fez sentir nesta época.⁸²

Sines teve um papel fundamental no panorama nacional devido ao seu porto, um dos principais meios de escoamento de mercadoria e pessoas nos séculos XIX e XX.⁸³

Em meados do século XIX a vila de Sines tinha cerca de 621 fogos⁸⁴, onde os seus proprietários, na maioria, eram funcionários das mais variadas indústrias, desde calçado, carpintaria, padaria, mecânica automóvel. Todavia, foram as indústrias da cortiça e das conservas que tiveram um impacto significativo no desenvolvimento da cidade até à chegada do Complexo Industrial em 1971.⁸⁵

A assinatura do tratado de Évoramonte, em 1834, facilitou a industriais estrangeiros investirem os seus capitais em terras lusitanas. As primeiras indústrias em Sines tiveram a iniciativa de proprietários catalães, ingleses e alemães, fundando as suas fábricas de conservas e de transformação/preparação de cortiça proveniente de terras do interior do Alentejo, como

⁸¹ Guimarães, Paulo Eduardo – Tradição e Modernidade na indústria alentejana. In **Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo**. Lisboa: Colibri; Évora: CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade, 2006. ISBN 972-772-642-9. Cap. 3, pp 149.

⁸² *Ibidem*, pp.147-149

⁸³ *Ibidem*, P.153

⁸⁴ LOPES, Francisco Luiz – **Breve Notícia de Sines: Pátria de Vasco da Gama**. 1ªed. Lisboa: Typographia do Panorama, 1850, P.44

⁸⁵ PATRÍCIO, Sandra – Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950(I). **Sineense** [Em linha]. 53(2007), p.14 [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.sines.pt/uploads/document/file/1591/53 - Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950 - I.pdf>>.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Grândola, Santiago do Cacém, Aljustrel, Ferreira do Alentejo, Odemira, Alcácer do Sal, entre outros⁸⁶. (Ver Tabela 2)

A primeira metade do séc. XX iria ser marcada por tumultos e alguma incerteza no sector industrial em Sines, entre 1908 e 1918 o operariado corticeiro começa uma onda de greves motivada por questões salariais e os preços de exportação da cortiça em bruto, os protestos foram de tal ordem chegando a paralisar o porto. É neste período fundada a Associação Comercial e Industrial de Sines⁸⁷ que veio a desempenhar um papel importante nas reivindicações efetuadas pelos operários entre 1916 e 1927.⁸⁸ Até finais dos anos 20 esta incerteza e também a Grande Guerra leva à diminuição dos investimentos estrangeiros. Estes são fatores que vão contribuir para um aumento pouco significativo do fluxo industrial em Sines, porque enquanto algumas fabricas fecham, caso da fábrica Prats⁸⁹, outras abrem negócio, como por exemplo a fábrica Herold.⁹⁰

⁸⁶ *Ibidem*

⁸⁷ PATRÍCIO, Sandra –A Associação Comercial e Industrial de Sines. **Arquivo Municipal de Sines: Documento do mês** [Em linha]. 60 (2014), [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: http://arquivo.stis.pt/index.php/associacao-comercial-e-industrial-de-sines?sf_culture=pt>

⁸⁸ In WWW:<URL: <http://www.sines.pt/uploads/document/file/1599/61 - Os oper rios corticeiros em Sines I.pdf>> [Consult. 18 Mai 2016]

⁸⁹ PATRÍCIO, Sandra –A Associação Comercial e Industrial de Sines. **Arquivo Municipal de Sines: Documento do mês** [Em linha]. 60 (2014), [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: http://arquivo.stis.pt/index.php/associacao-comercial-e-industrial-de-sines?sf_culture=pt>

⁸⁹ PATRÍCIO, Sandra –Jistória do Sanatório Pratz. **Sineense** [Em linha]. 60 (2008), p.13 [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: http://www.sines.pt/uploads/document/file/3611/SM_07 - Hist ria do Sanat rio Pratz parte I.pdf>

⁹⁰ PATRÍCIO, Sandra – Actividade Industrial em Sines até ao impacto do Complexo Industrial. **Sineense** [Em linha]. 60 (2008), p.13 [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.sines.pt/uploads/document/file/1598/60 Actividade industrial em Sines at ao impacto do Complexo Industrial.pdf>>

3.2.1 – A PEQUENA E A MÉDIA ESCALA

Muitos dos fabricos de pequena escala, uma escala doméstica, localizam-se na periferia

do tecido urbano delimitando-o ou estão integrando-o no agregado urbano. O aspeto do edificado não passava da típica habitação alentejana, construção e tradicional de um só piso, com paredes de grande espessura em taipa com poucas aberturas e, que por vezes, continha a parte



administrativa destes conjuntos ou albergava todas as funções num só corpo. No caso do corpo principal albergar

apenas funções administrativas, as restantes funções como sala da caldeira, oficinas de quadração, depósitos estavam integrados em edificações situadas ao

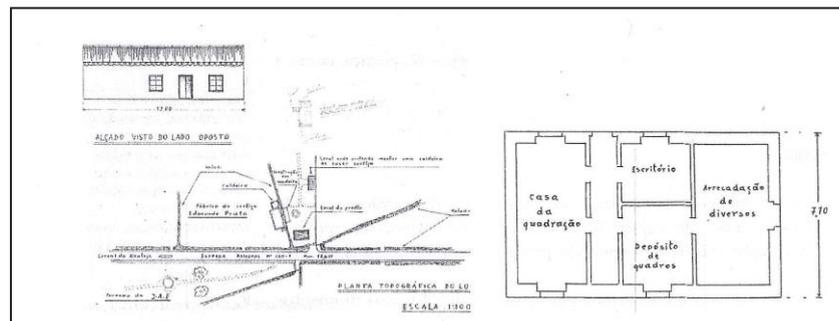


Figura 68 – Fabrico de Miguel Raposo (In Arquivo de Sines)

longo do perímetro do lote (ver Fig.67). Os registos desta época encontram-se dispersos e como tal é difícil apurar, em alguns casos, outros aspetos relacionados com os conjuntos industriais, como o número de operários e tipo de maquinaria.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Neste contexto surge o fabrico de Miguel Raposo, (ver Fig.68) que se situa junto à Estrada do Cercal, tendo como adjacente ao seu lote outro fabrico de pequena escala, o de Edmundo Prata.

Quanto á organização do fabrico de Miguel Raposo é bastante simples, de apenas um piso e era composto por um escritório, uma oficina de quadração, um depósito de quadros e um armazém geral. A



Figura 69 - Interior de uma fábrica Sineense (in A voz e as mãos de Antero Raposo _ Trecho de um vídeo)

poucos metros do corpo principal encontrava-se a casa da caldeira. O sistema construtivo era da região, paredes em taipa de 60cm de espessura caiadas, com aberturas tanto no alçado principal como no tardo. A cobertura tinha uma estrutura em madeira, revestida a telha de aba e canudo. (ver Fig. 69)

O corpo principal do conjunto foi adaptado para funcionar como fábrica, já que antes havia sido uma habitação, daí a existência de paredes mais finas no seu interior.

Este exemplo é consistente para mostrar o carácter artesanal que remete para um negócio puramente familiar, onde número de operários nunca excedia os 5 trabalhadores.⁹¹

⁹¹Guimarães, Paulo Eduardo – Tradição e Modernidade na indústria alentejana. In *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Colibri; Évora: CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade, 2006. ISBN 972-772-642-9. Cap. 3, p.153

No que diz respeito aos estabelecimentos de média dimensão dá-se dois exemplos, o da fábrica Pratz e também o da fábrica SOCOR. Estes conjuntos estavam localizados na zona sudoeste da vila e junto aos eixos de comunicação importantes que ligavam tanto ao porto como às outras localidades.

Não se pode atestar muito acerca da fábrica Pratz (ver Fig.70), mas do que há registado em 1904 já se encontrava em laboração e a atividade durou até 1916, altura em que o proprietário cessa e abandona a mesma, por motivos políticos, doando todo o seu espólio para a criação de um sanatório.⁹² A

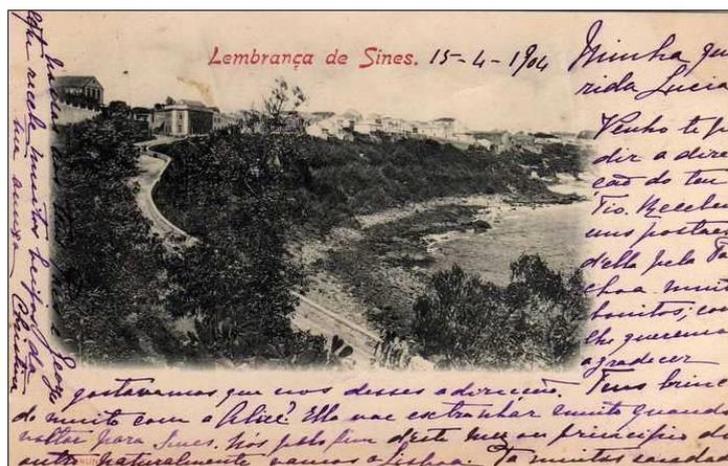


Figura 70 – Postal de 1904, Canto Superior Esq. Uma das raras imagens da fábrica Pratz

fábrica Pratz beneficiava de uma posição privilegiada estando localizada perto do porto onde o seu lote rematava a rua Marquês de Pombal.

O conjunto dividia-se em duas áreas: habitacional e a laboral. (ver mapa 1930) A laboral localizava-se na parte norte e poente do lote, isto por uma questão de facilidade em carregar e descarregar a mercadoria em terreno pouco inclinado. O conjunto abrangia toda a avenida 25 de Abril e era composto por um longo corpo (armazéns, oficinas?) de apenas um piso e outro corpo que pelos registos fotográficos poderia servir de apoio à cidade (escritório).

⁹² PATRÍCIO, Sandra – História do Sanatório Pratz. *Sineense* [Em linha]. 60 (2008), p.13 [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: [http://www.sines.pt/uploads/document/file/3611/SM_07 - Hist ria do Sanat rio Pratz parte I.pdf](http://www.sines.pt/uploads/document/file/3611/SM_07_-_Hist_ria_do_Sanat_rio_Pratz_parte_I.pdf)>

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Nos registos fotográficos deu para perceber a existência de um volume cilíndrico em pedra cuja função se desconhece, mas que marca a esquina onde se dá a entrada do complexo.

A parte habitacional era um corpo único implantado na parte Sul do lote, zona privilegiada, com um jardim com um ótimo promontório sobre a baía, o porto e a costa. Tinha três pisos e apresentava um estilo de arquitetura rural ou popular.

Depois da morte do seu proprietário foi reabilitado para ser Sanatório⁹³ (1923-1945) (ver Fig.71) e aqui começa a descaracterização do conjunto e do edificado primitivo. É acrescentado ao corpo principal um outro de quartos de maneira a suprir as necessidades do novo uso



Figura 71 – Sanatório Pratz (In Arquivo de Sines)

cujo traçado é completamente alterado ficando apenas algumas pistas do que teria sido a habitação (Vãos). Por fim, surge um balcão contínuo de uso exclusivo para os quartos do sanatório pousado sobre colunas, e tem no jardim o espaço de reunião e convívio dos doentes.

⁹³ PATRÍCIO, Sandra – História do Sanatório Pratz. *Sineense* [Em linha]. 60 (2008), p.13 [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: http://www.sines.pt/uploads/document/file/3611/SM_07 - Hist ria do Sanat rio Pratz parte I.pdf>

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Na década de 40 deixa de ser Sanatório e fica sob a direção da Casa dos Pescadores⁹⁴ e é sujeito a uma nova intervenção, sendo reabilitado para uma casa de repouso, (ver Fig.72) sofrendo profundas alterações. Ao corpo dos quartos é acrescentada uma



Figura 72 – Casa de Repouso Pratz

nova construção ficando o mesmo a fazer um L. (ver mapa 1940) A fachada é alterada e implementado um frontão (Estilo Estado Novo) e quanto ao corpo primitivo, numa primeira fase mantém-se inalterável vindo mais tarde a ser alterado, de modo a dar continuidade ao balcão dos quartos. Os elementos pertencentes à zona laboral do lote permanecem intactos e são integrados no conjunto pelo que agora passa a haver um jardim nas traseiras do mesmo.

O outro complexo fabril mencionado é a fabrica da SOCOR e tal como os restantes identificados a referência mais antiga data de 1930 (ver mapa 1930), numa primeira fase, verificava-se apenas um volume de pequenas dimensões situado junto à rua. Em 1940 os registos fotográficos demonstram um crescimento do conjunto, delimitado por um muro na parte Este, elemento que se mantém até aos dias de hoje, e por um corpo comprido que liga desde o volume

⁹⁴ PATRÍCIO, Sandra –Jistória do Sanatório Pratz. *Sineense* [Em linha]. 60 (2008), p.13 [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: [http://www.sines.pt/uploads/document/file/3611/SM_07 - Hist_ria do Sanat_rio Pratz_parte_1.pdf](http://www.sines.pt/uploads/document/file/3611/SM_07_-_Hist_ria_do_Sanat_rio_Pratz_parte_1.pdf)>

primitivo até ao limite norte. Este pequeno conjunto mantém-se inalterável até 1960 data em que muda de proprietário.

A década de 60 é especialmente sensível uma vez que as corticeiras e o mercado em geral se encontravam em declínio e como pagamento de uma dívida, o pai de Francisco José Sabino recebe a fábrica entrega-a ao filho mais velho, costume da época os filhos primogénitos herdarem os

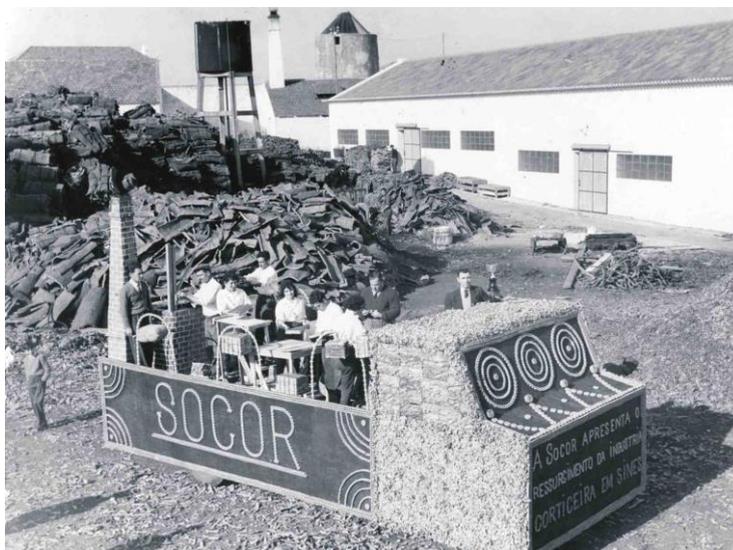


Figura 73 – Fábrica SOCOR (In Jornar Redes do Tempo 2012)

negócios dos pais. Mesmo sem experiência nesta área o proprietário consegue erguer a fábrica da penumbra e fazer ressurgir o negócio da cortiça até à data da revolução de Abril.⁹⁵

O último registo, enquanto fábrica, mostra que o complexo tinha sido ampliado nos anos 60, com um espaço central em que eram depositados os fardos da cortiça e na periferia do mesmo havia armazéns, caldeiras e oficinas. (ver Fig.73)

Este conjunto e o da corticeira Pratz mostram perfeitamente como eram os estabelecimentos de média dimensão de transformação/preparação de cortiça. Infelizmente, ambos os conjuntos industriais “desapareceram” ficando irreconhecíveis com as mudanças arquitetónico-urbanísticas efetuadas após serem convertidos para novos usos.

⁹⁵ PATRÍCIO, Sandra –Memórias da fábrica de cortiça SOCOR. *Rede do Tempo* [Em linha]. 6 (2011), p.13 [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: http://www.sines.pt/uploads/document/file/3099/Jornal_Redos_do_Tempo_n._06.pdf>

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Atualmente, a indústria corticeira é praticamente inexistente em Sines salvo a exceção de uma fábrica, que labora desde os anos 40 e se situa na antiga Estrada do Cercal.⁹⁶ (ver Fig. 74)



Figura 74 – Actual Corticeira em funcionamento em Sines (Autor)

A par da indústria corticeira, a indústria das conservas também foi importante em Sines. É já sabido que o mar foi sempre o ganha pão ou o sustento da população local e, sendo uma atividade tão prolífica, não tardou a aparecer na vila as primeiras fábricas de conservas nos finais do séc. XIX. (ver Tabela 2, P.102)

⁹⁶ Município de Sines - *A voz e as mãos de Antero Raposo* [Registo Vídeo]. Sines: 2011. Vídeo (formato digital) (5min); color. In WWW:<URL: <https://www.youtube.com/watch?v=I908K0iXXJA>>

No último quartel do século XIX surgem as fábricas “Senhora das Salas”, a de Pierre Biziers, a “Mercantil da Índia e a fábrica de Frank Pidwell, empregando cerca de 70 operários.⁹⁷ Em 1919 são construídas as fábricas “Societé La Bretagne”, a “Lidadora”, a de Daniel&Raimond e por fim a Canha & Formigal sendo que esta última se localizava na praia.⁹⁸ Ainda que estas



Figura 75 – Fachada Principal da Fábrica Júdice Fialho anos 80 (In Cabo de Sines (2013)

fabricas se tenham espalhado, tanto pela cidade como pela praia, é a de Júdice Fialho (ver Fig.75) que se destaca como a grande fábrica de conservas da cidade⁹⁹. Não existem registos da construção da fábrica, mas segundo o testemunho de Ângela Corta Rabos ao jornal *Redes do Tempo* (2009) “Quando a fabrica abriu, não sei. Estava marcado lá na chaminé 1888 que é data de abertura, acho eu!”. O certo é que o empresário algarvio João António Júdice Fialho

⁹⁷ PATRÍCIO, Sandra – Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950(II). *Sineense* [Em linha]. 54(2007), p.7 [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.sines.pt/uploads/document/file/1592/54 - Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950 - II.pdf>>

⁹⁸ *Ibidem*

⁹⁹ *Ibidem*

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

(1859 – 1934) adquire o conjunto em 1926 e passa a ser a fábrica que albergava o maior número de trabalhadores na cidade, com 128 operários.¹⁰⁰

É um conjunto que à imagem da fábrica Pratz apresenta-se junto a um dos eixos estruturantes da vila. “[...] consistia numa fábrica de conservas de peixe existente num edifício de pedra e cal, coberto de telhas, situada no sítio das Índias na freguesia e concelho de Sines, composta por casas de um andar e diversos barracões.”¹⁰¹. O seu corpo principal faz frente à avenida 25 de Abril em toda a sua totalidade. É composto por um volume central de 3 pisos,



Figura 76 –Interior de uma das naves da fábrica Júdice Fialho (In Redes do Tempo 2009)

provavelmente, escritórios e duas naves laterais com janelas horizontais a rasgar a fachada, que pelos registos fotográficos seria onde se enlatavam as conservas. (Ver Fig.76)

No mapa de 1930, o centro do conjunto ainda se encontra vazio apenas ficando ocupado o perímetro do lote com entradas a Norte e a Sul do mesmo. Na década de 40 o centro do lote é ocupado por dois volumes distintos, um em L e o outro paralelo ao lado Sul do complexo. O corpo em L pelos registos obtidos servia como organizador do vazio central e também como

¹⁰⁰ PATRÍCIO, Sandra – Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950(II). *Sineense* [Em linha]. 54(2007), p.7 [Consult. 18 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.sines.pt/uploads/document/file/1592/54 - Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950 - II.pdf>>

¹⁰¹ The Canned food goes gourmet. A Casa Fialho (1892-1939) 04 • O Grupo empresarial Júdice Fialho . [Em linha]. [Consult. 13 Feb 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://canthecanlisboa.com/history/o-nascimento-de-um-imperio-conserveiro-a-casa-fialho-1892-1939/>>.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

transição, dentro do lote, entre a zona fabril e a zona das casas dos operários, situadas no lado nascente. Este conjunto manteve-se intacto até aos anos 80, muito depois de ter deixado de laborar. Infelizmente são quase inexistentes os vestígios que atestam a sua presença na vila e perde-se uma cultura e um espólio a revelar-se importante para a compreensão da história de Sines antes da entrada do complexo industrial. Até essa data os altos e baixos que se fizeram sentir no sector industrial em Sines fazem com que as grandes fábricas percam força, ainda que houvesse um esforço por parte dos proprietários em modernizar os conjuntos através da instalação de água canalizada, eletricidade, infraestruturas de comunicação. Sobreviviam apenas os de pequena dimensão uma vez que eram subservientes dos grandes complexos no interior do Alentejo.¹⁰²

¹⁰² QUARESMA, António [et al.] – Pão e Cortiça: Duas indústrias em Sines. 2º Encontro de História do Alentejo Litoral: Actas. 1ªed. Sines: Centro Emmerico Nunes, 2010. ISBN 978-972-99027-8-9. P.139

3.3 – COMPLEXO INDUSTRIAL: 1971

A década de 60 vai marcar a decadência das indústrias em Sines, nomeadamente as da cortiça e conservas, começando a surgir o turismo. Sines era a estância balnear das elites alentejanas.¹⁰³ Existem registos ainda anteriores a 1960 que comprovam este facto, nomeadamente, a descrição feita por Francisco Luís Lopes, médico algarvio que habita no concelho de Sines entre 1847 a 1869 e relata ao pormenor todos os aspetos positivos e negativos do mesmo. A certa altura fala nas qualidades das nascentes existentes no concelho e refere-se ao Coronel de Beja que realiza viagens até à vila para tomar banho.¹⁰⁴ Portugal sempre viveu um pouco na sombra dos restantes países da Europa no que diz respeito à



Figura 77 – Início da Construção do Complexo Portuário década de 70 (In Sines no Tempo)

¹⁰³ PATRÍCIO, Sandra – Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950(I). *Sineense* [Em linha]. 53(2007), p.14 [Consult. 20 Mai 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.sines.pt/uploads/document/file/1591/53 - Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950 - I.pdf>>.

¹⁰⁴ LOPES, Francisco Luiz – *Breve Notícia de Sines: Pátria de Vasco da Gama*. 1ªed. Lisboa: Typographia do Panorama, 1850, P.44

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

industrialização do seu território e como tal o governo, em 1970, na altura dirigido por Marcelo Caetano, decide criar um complexo industrial de grande escala (ver Fig. 77) - que pudesse conter uma refinaria já que a do Cabo Ruivo começava a entrar em desuso - em solo nacional de maneira a dotar o país de um sistema autossustentável nos sectores da energia e das matérias primas nomeadamente o petróleo e as pirites alentejanas.

Após consideradas as hipóteses de Alcochete, Setúbal e Sagres é Sines o local escolhido para acolher esta obra cuja dimensão não existia em nenhum outro ponto do país.¹⁰⁵ A escolha do local deveu-se a dois motivos: As condições geográficas que Sines oferecia já haviam sido comprovadas até

pelos romanos quando se estabeleceram ali durante quatro a cinco séculos, porque a sua baía oferecia condições de abrigo que mais nenhum sítio em Portugal oferecia, possibilitando



Figura - 78 – Molhe Oeste e Terminal Petroquímico

aportar barcos de grande calado devido a profundidade naquele ponto da costa, e um vasto *Hinterland* que se traduzia em grandes terrenos agrícolas facilmente expropriáveis. Os aspetos

¹⁰⁵ CARVALHO, Alcídio – *Porto de Sines: Porta Atlântica da Europa*. 1ªed. Sines: APS – Administração do Porto de Sines, 2005. ISBN 989-20-0101-X

logísticos estão relacionados com as infraestruturas viárias e ferroviárias existentes no concelho, e também pela proximidade das rotas dos grandes petroleiros.¹⁰⁶ (ver Fig. 78)

Surge a hipótese de dar um grande passo e competir com os mercados internacionais.¹⁰⁷

Para tal foram pensados três cenários possíveis e distintos: O primeiro cenário era claramente o otimista em que se previa a construção de um porto graneleiro, um estaleiro naval, uma refinaria, um complexo petroquímico, metalurgia de cobre, siderurgia, metalomecânica, químicas várias e uma central térmica. No total ia gerar ao nível de emprego 28000 postos de trabalho. O outro cenário seria o oposto, previa o porto, o complexo petroquímico, as metalomecânicas e gerava 4500 postos de trabalho. O intermédio, se adicionava a construção de uma siderurgia resultando em 14500 postos de trabalho.¹⁰⁸

Depois da escolha do local foi preciso criar um organismo ao qual se pudesse delegar as funções de supervisão de todo o processo e nasce assim o Gabinete da Área de Sines (G.A.S) em 1971. A particularidade deste gabinete prendia-se com o facto de responder diretamente a Marcelo Caetano sem ter de passar por outras delegações.¹⁰⁹

Com a responsabilidade de ficar a supervisionar este projeto o GAS tinha como competências os seguintes pontos:

Promover a criação de uma área de implementação concentrada de indústrias base e um terminal oceânico, dotados das adequadas infraestruturas e dos necessários serviços de apoio; Instalação de outros empreendimentos industriais base, que contribuíssem para o desenvolvimento das populações, as Zonas Industriais Ligeiras de Sines (ZIL'S); Ação

¹⁰⁶CARVALHO, Alcídio – **Porto de Sines: Porta Atlântica da Europa**. 1ªed. Sines: APS – Administração do Porto de Sines, 2005. ISBN 989-20-0101-X

¹⁰⁷ *Ibidem*

¹⁰⁸ *Ibidem*

¹⁰⁹ *Ibidem*

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

imperativa de estudar a viabilidade dos recursos mineiros; Criação de centros urbanos (Bairro Soeiro Pereira Gomes e 1º de Maio) exigidos pela concentração populacional (operários) e instalação de respetivos equipamentos sociais; Ações de preservação do ambiente e controle da poluição.¹¹⁰

Quanto ao *Hinterland* e às suas potencialidades, a esse respeito nem tudo foi eticamente correto, em que 60% dos terrenos agrícolas à volta de Sines foram expropriados e isto veio causar ainda mais choque no seio da população, que apesar de indemnizada saiu prejudicada uma vez que o dinheiro recebido não dava para continuar a atividade agrícola, ficando os expropriados em situação precária.¹¹¹

Demograficamente a população da cidade duplicou e abriu outro precedente, o que fazer a toda a gente que vinha de fora para trabalhar nas obras do porto? Com esse intuito foram criados os bairros Soeiro Pereira Gomes e o 1º de Maio, que numa primeira fase acolheram os trabalhadores do porto e, posteriormente, a 1974 os retornados de África.¹¹²

A juntar a esta situação veio a crise do petróleo em 1973 tornando obsoleto o porto e o investimento feito em vão, questão que se ia arrastar até aos anos 80. Entretanto o regime de ditadura muda quando se dá o 25 de Abril e surgem dificuldades para o G.A.S. A revolução veio condicionar o gabinete que foi obrigado a delegar/partilhar funções com as autarquias e

¹¹⁰ The Canned food goes gourmet. A Casa Fialho (1892-1939) 04 • O Grupo empresarial Júdice Fialho . [Em linha]. [Consult. 13 Feb 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://olharsinesnofuturo.criarforum.com.pt/t3-breve-historia-do-complexo-industrial-de-sines> >. [Consult. 20 Abr. 2016].

¹¹¹ *Ibidem*

¹¹² CARVALHO, Alcídio – Porto de Sines: Porta Atlântica da Europa. 1ªed. Sines: APS – Administração do Porto de Sines, 2005. ISBN 989-20-0101-X

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

como tal começaram os protestos contra as ações do Gabinete em relação às expropriações efetuadas no início dos anos 70.¹¹³

No final da década de 80 do século XX o G.A.S é extinto por se considerar que o seu trabalho começava a tornar-se inútil e porque a onda de protestos continuava em torno das expropriações, isto posto, o governo por sua vez decidiu que a melhor forma de amenizar a situação seria a extinção do mesmo.¹¹⁴

Até finais dos anos 90 dá-se uma fase de estagnação dada a conjuntura económica do país e somente no final dessa década se dá o relançar do complexo industrial com a construção do terminal XXI.¹¹⁵ (ver Fig.79)



Figura 79 – Terminal XXI

¹¹³ CARVALHO, Alcídio – **Porto de Sines: Porta Atlântica da Europa**. 1ªed. Sines: APS – Administração do Porto de Sines, 2005. ISBN 989-20-0101-X

¹¹⁴ Ibidem

¹¹⁵ The Canned food goes gourmet. A Casa Fialho (1892-1939) 04 • O Grupo empresarial Júdice Fialho . [Em linha]. [Consult. 13 Feb 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://olharsinesnofuturo.criarforum.com.pt/t3-breve-historia-do-complexo-industrial-de-sines> >. [Consult. 20 Abr. 2016].

3.4 – PERSPETIVAS FUTURAS

Para além de se ter descrito o turismo industrial e a indústria em Sines, torna-se importante perceber como funcionam as duas em conjunto. Numa iniciativa criada pela Câmara Municipal de Sines (C.M.S), juntamente com a Doutora Mónica Morais de Brito, na redação da sua tese de doutoramento, nasceu o projeto APORTAR-Sines. Foi criado para rentabilizar todo o investimento feito na indústria em Sines, desde 1974 na ótica do turismo, a procura de harmonia entre o porto, que representa a industria atual no concelho, e a população flagelada desde a entrada em cena da industria pesada. Por fim, com o objetivo de inverter a opinião exterior acerca do impacto ambiental provocado pelo complexo industrial.

Esta interligação entre a industria, turismo, a cultura e a população vem dar uma visão diferente e renovada de que Sines pode ser dado como um exemplo ao nível da sustentabilidade, melhoria na qualidade de vida e escolha turística.¹¹⁶

Além dos objetivos enunciados, o projeto APORTAR-Sines tem como princípio promover o Turismo Industrial Sines não só pelo turismo em si, mas para integrar a cidade e a indústria em redes sinérgicas nacionais e internacionais de modo a poder atrair investimentos estrangeiros e afirmar o produto Turismo Industrial como destino de eleição nessa área.¹¹⁷

Tendo em conta os objetivos propostos pelo programa, a visita turística ao complexo contempla três rotas distintas cujos temas são os seguintes: Energia, Ambiente e Logística. A rota Energia inclui a visita da Refinaria da Galp (ver Fig.80), a primeira infraestrutura a abrir

¹¹⁶ Morais de Brito, Mónica - Turismo industrial: preservação da memória, descoberta do presente e projeção do futuro complexo industrial e portuário de Sines e da cidade industrial de Santo André. Revista Turismo & Desenvolvimento [Em linha]. nº1(2012), pp. 135-139

¹¹⁷ *Ibidem*

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

portas em 2014, a Central Termoelétrica (ver Fig. 81) e a REN (Rede Elétrica Nacional). A rota do ambiente inclui a visita a duas empresas que fazem do reaproveitamento da matéria prima a sua atividade principal e têm um papel ativo na divulgação da sustentabilidade na sociedade contemporânea, pretendendo inverter a opinião pública acerca da poluição da indústria. Por fim, a rota da logística leva o público a visitar os terminais portuários e a perceber qual o trabalho desenvolvido pela APS ao nível empresarial.



Figura 80- Refinaria da Galp em Sines



Figura 81-Central Termoeléctrica de Sines

Para a integração do projeto com a população, a Doutora Mónica Brito afirma que,

“no caso da cidade de Sines, com um passado e um presente ligado ao turismo e à indústria, o turismo industrial seria uma boa aposta no sentido de reavivar essa herança e reforçar o património histórico local, reinventar a noção de ser sineense e fazer com que a população reencontre as suas raízes e faça tanto do passado como da presente parte da sua identidade cultural.”
(Brito, 2012)

Em suma, com este projeto, pretende-se não só estimular o aumento do comércio e economia locais (que pode chegar a investimentos vindos do exterior, fora da área da indústria), mas também combater a sazonalidade, visto como uma ameaça ao desenvolvimento sustentável de qualquer região.¹¹⁸

3.5 - ANÁLISE DE DADOS

Afim de se conhecer e entender melhor a atividade desenvolvida pela indústria corticeira e conserveira em Sines no período de 1849 e 1974, período de grande desenvolvimento na cidade de Sines devido ao impacto destes dois tipos de indústrias.

Foi elaborado um inventário e um mapeamento por ordem cronológica onde contemplam 40 indústrias, cuja informação apenas data de 1930 até 1971, uma vez que existe um vazio documental entre 1790 e 1930. Estes elementos pretendem dar a conhecer os seguintes aspetos: Ano de Abertura / Encerramento, N° de operários, Localização. (ver Tabela 2, P.102)

Vamos abordar de maneira cronológica os dados obtidos da tabela.

Nos finais do séc. XIX existiam em Sines 7 fábricas de cortiça, que se situavam na periferia da vila, a Norte na Estrada de Santiago, ao longo da Rua Marquês de Pombal, junto ao Largo da N^a Sr^a das Salas e mais tarde na Estrada do Cercal. Este período corresponde a

¹¹⁸ Morais de Brito, Mónica - Turismo industrial: preservação da memória, descoberta do presente e projeção do futuro complexo industrial e portuário de Sines e da cidade industrial de Santo André. *Revista Turismo & Desenvolvimento* [Em linha]. nº1(2012), pp. 135-139

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

vinda dos primeiros industriais para Sines com intenção de abrir negócio por via da assinatura do Tratado de Évoramonte. Ao que se pode apurar estes 7 estabelecimentos albergavam 72 operários, chegando mesmo aos 400 no final deste século.

A classificar a industria corticeira de uma, maneira geral, visto que os dados são praticamente inexistentes acerca da maquinaria dos estabelecimentos, segundo o conhecimento acerca dos seus meios tecnológicos estaria na fase eotécnica.

O século XX vai ser mais proficuo em termos de atividade corticeira, mas iremos separar a análise deste século em dois períodos distintos, a do apogeu que concerne aos primeiros quarenta anos e o declínio respeitante aos anos cinquenta até inícios de sessenta.

Durante o período balizado entre 1900 e 1950, que corresponde a duas grandes guerras pode verificar-se a existência de 13 estabelecimentos a iniciarem atividade neste período, sem contar com as já existentes, uma vez que os dados não são precisos, mas que se pode especular acerca. Em termos de operariado aquilo que se pode contabilizar são três fábricas em que o número de operários ascende aos 323, sendo a Herold a fábrica que contabiliza o maior número atingindo os 147 trabalhadores.

Segundo Patrício (2008) a força laboral correspondia a um terço da população ativa da vida de Sines, o que demonstra a importância que esta industria detinha no setor económico nesta primeira metade do século XX.

A partir dos anos 20 alguns dos industriais optaram por modernizar as suas fábricas, evento que se verificou em duas fases distintas, uma correspondente à fase de crescimento da industria no território e a outra à fase de declínio como tentativa de se salvar este setor, como tal as fábricas evoluíram para a fase neotécnica, sem ter passado pela paleotécnica.

O segundo período a analisar situa-se entre 1950 e 1970. Os dados recolhidos durante este período elucidam para um declínio da industria corticeira, isto centrando-nos no

inventário feito verificam-se dois aspetos: o primeiro é o facto de haverem somente cinco corticeiras a funcionar neste período e o segundo prende-se com o facto de duas das maiores¹¹⁹ corticeiras atravessarem os dois períodos estudados na máxima força. Neste período assistiu-se a mudança de fase de algumas fábricas da eotécnica para neotécnica. Em termos de operariado não é possível apurar dados pela inexistência dos mesmos, assim como acerca da maquinaria existente nos edifícios.

Atualmente labora na Estrada da N^a Senhora dos Remédios a Corticeira de Sines, Lda (ver Fig.74,82,83,84). É um fabrico de média dimensão composto por dois corpos oblongos. Este fabrico tem o seu primeiro registo gráfico no mapa de 1940, mas cujas fontes escritas não nos indicam o seu proprietário, n^o de operários e maquinaria.

Adjacente ao mesmo encontra-se outro fabrico de média dimensão o qual não se sabe informações acerca do proprietário e o seu conteúdo. Apesar de tudo e pelas observações feitas a um troço do edifício, é possível atestar a existência de uma caldeira de cozer cortiça em estado de degradação, uma pequena chaminé em tijolo de forma quadrangular, bem como da existência da pequena grua artesanal onde se elevaria os fardos de cortiça para cozer.

O sistema construtivo do edifício, em que é perceptível modificações na estrutura e na materialidade empregue, foi possível de perceber devido ao estado de degradação daquele troço do edificado. As paredes são alvenaria de pedra em algumas partes do edifício, complementadas com partes em tijolo maciço que por sua vez também fazem parte da estrutura. Junto à chaminé pode observar-se ainda uma fiada de blocos de cimento atestando o uso da mesma até a bem pouco tempo. A cobertura que inicialmente seria em telha de canudo e as asnas em madeira, foi modificada para telhas em fibrocimento mantendo apenas a estrutura de suporte cujas marcas são visíveis nas paredes.

¹¹⁹ Aqui o termo maior não se emprega pela sua dimensão, mas pelo número de operários.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

A argamassa de cimento utilizada para a cobertura e nos remendos nos panos em alvenaria tanto no exterior como no interior revelam que o abandono desta caldeira é algo recente¹²⁰.



Figura 82– Fachada principal Corticeira de Sines Lda.



Figura 83 – Alçado tardoz Corticeira de Sines Lda

¹²⁰ O uso da tecnologia do Google Earth permitiu recuar até 2009 e verificar que já se encontrava abandonado o edificado em questão.

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 84 – Alçado Tardoz Corticeira



Figura 85 - Fachada Principal Corticeira



Figura 86 – Fachada Principal Corticeira

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 87 – Chaminé, caldeira e grua



Figura 88 – Caldeira



Figura 89 - Estrutura em tijolo



Figura 90 - Tanque de abastecimento de água



Figura 91 – Pormenor da estrutura actual da

Depois de analisada a industria corticeira avançamos para a das conservas. O período em análise é de 1850 a 1970 e mostra que na segunda metade século XIX existem 4 fábricas a laborar sendo que uma delas se localiza na Praia, que se apresenta como um apoio fulcral no aspeto logístico. A falta de informação referente ao final deste século não permite perceber o número de operariado presente nessas fábricas, mas relacionada com as conservas estão as armações de pesca, e aí é que a maioria dos trabalhadores se concentravam.

Principiado o século XX continua perdida a informação quanto ao número de operários e à maquinaria existentes de maioria das fábricas, havendo apenas referencia sobre um estabelecimento e ao inicio da atividade das restantes, mas tal como aconteceu com as corticeiras também as conservas tiveram o seu auge no período em estudo. Segundo o inventário neste século iniciaram atividade 11 estabelecimentos com destaque para a J.A. Júdice Fialho que apesar de ter comprado o conjunto, se afirma como a maior fábrica conserveira com 128 trabalhadores.

O cessar das atividades por parte das fábricas em ambas as industrias dá-se nos anos 70 resultado da decadência do setor, a conjuntura política que se fazia sentir com a as políticas do Estado Novo e também posteriormente com a Revolução de Abril, finalizando com o aparecer do complexo industrial.

A análise dos dados recolhidos permite concluir que alguns dos estabelecimentos existentes em Sines eram de média dimensão e albergavam um maior número de operários sendo estes, juntamente com os pequenos fabricos de origem artesanal, que polvilhavam a paisagem contribuindo para o crescimento da economia local e também do crescimento demográfico, durante os séculos XIX e XX.

Tabela e Mapas

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

Tabela 2 – Fábricas de Cortiça e Conservas em Sines de 1849 a 1974

Nº	Fundação/ Encerramento	Proprietários	Nome da Empresa/ Estabelecimento	Localização	Nº de Operários	Tipo	Fonte Escrita	Fonte Gráfica	Estado Atual
1	1849/?	Ernesto Biester, Samuel Pidwell, Jacinto Falcão Murzelo de Mendonça	Biester,F alcão e Cia.	Senhora das Sallas	46	Corticeira	* ** *** **** *****		Não existem vestígios
2	1849/?	Carlos Pidwell	?	?	14	Corticeira	* ** *** **** *****		Não existem vestígios do edificado
3	1849/?	Thomas Dryden	?	?	12	Corticeira	* ** *** **** *****		Não existem vestígios do edificado
4	1857/?	Samuel Pidwell	?	Ribeira	?	Corticeira	* ** *** **** *****		Não existem vestígios do edificado
5	1881/?	Guilherme Rankin	?	Rua Marquês de Pombal	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
6	1882/?	Rafael Luz	?	São Sebastião	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
7	1882/?	Frederico Biester	?	?	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
8	189(?)	René Bieziers/?	René Biziers& CIA	?	?	Conservas de Peixe	* *** ****		Não existem vestígios do edificado
9	1895/?	Paulo Soares	?	?	?	Conservas	*****		Não existem vestígios do edificado
10	1895/?	Frank Edwards Pidwell	?	Praia	?	Conservas	* *** **** *****	Fig. 98,100,10 2,103	Não existem vestígios do edificado
11	1900/?	?	Gonçalves e CIA	?	?	Conservas	*****		Não existem vestígios do edificado

-Sineense nº53 2007*

-Sineense nº60 2008**

-2º Encontro de Historia do Alentejo Litoral***

-Breve Notícia de Sines (1850) ****

- Retalhos da Vila de Sines 198? *****

-Sineense nº54 2007*

-2º Encontro de Historia Litoral***

-Breve Notícia de Sines (1850)****

-Elites e Industria no Alentejo *****

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

12	1900/1916	José Pratz	Fábrica de Cortiça Pratz	Avenida 25 de Abril	?	Corticeira	* ** ***	Fig. 70,71,72,9 4,95,96,97	- Lar de Idosos
13	1900	?	Ed. Arps e Cª	?	?	Corticeira	*****		Não existem vestígios do edificado
14	1902/?	?	Bensaúde & Cª	?	?	Corticeira	*****		Não existem vestígios do edificado
15	1902/?	Jacinto de Jesus Viana	?	?	?	Corticeira	*****		Não existem vestígios do edificado
16	1902/?	Manuel Francisco dos Santos	?	?	?	Corticeira	*****		Não existem vestígios do edificado
17	1904/?	Pierre Biziers	?	?	?	Conservas	*		Não existem vestígios do edificado
18	1906/?	?	Mercantil da Índia	Penedos da Índia(?)	?	Conservas	* *****		Não existem vestígios do edificado
19	1906/1965	?	Silves, Guerreiro, Vilhena & CIA	?	33	Conservas	* *****		Não existem vestígios do edificado
20	1914/?	Hjalmar Wicander	Wickander e Bucknall	Rua Marquês de Pombal	126	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
21	1916/?	?	Canha&Formigal	Praia	?	Conservas	*	Fig. 98,99,100	Não existem vestígios do edificado
22	1916/1919	Eugénio Boulain	?	?	?	Conservas	*		Não existem vestígios do edificado
23	1918/1919	Bento António dos Santos	?	?	?	Conservas	*****		Não existem vestígios do edificado
24	1919/?	?	Société de Conserve Alimentaires La Bretagne	Praia	25	Conservas	*	Fig. 98,99,100	Não existem vestígios do edificado
25	1919/?	?	“Lidadora”	?	?	Conservas	*		Não existem vestígios do edificado
26	1919/?	?	Daniel&Raymond, Lda	?	?	Conservas	*	Fig.104	Não existem vestígios do edificado

-Sineense nº53 2007*

-Sineense nº60 2008**

-2º Encontro de Historia do Alentejo Litoral***

-Breve Notícia de Sines (1850)****

-Retalhos da Vila de Sines 198? *****

-Sineense nº54 2007*

-2º Encontro de Historia Litoral****

-Breve Notícia de Sines (1850)*****

-Elites e Industria no Alentejo *****

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

27	1920/1961	?	Herold (tr ansita para a Hauser e Fernandes)	Rua de Ferreira	147	Corticeira	* ** ***	Fig.104	Não existem vestígios do edificado
28	1920/1961	?	Hauser & Fernandes ITA	Rua de Ferreira	50	Corticeira	* ** ***	Fig.104	Não existem vestígios do edificado
29	1920/1940	António Faria Godinho	António Faria Godinho	Rua Pedro Alvares Cabral	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
30	1920/1940	Manuel do Nascimento Caetano	?	Rua Pedro Alvares Cabral	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
31	1920/1940	José Gonçalves Marreiros	?	?	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
32	1920/?	Mariana David Godinho	?	Rua Marquês de Pombal	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
33	1925/?	?	Nova Sociedad e de Conservas Alimenticias "La Bretagne"	?	25	Conservas	* *****		Não existem vestígios do edificado
34	1926/60?	João António Júdice Fialho	J.A.Júdice e Fialho	Sítio das Índias	128	Conservas	* *****	Fig. 75,76	Não existem vestígios do edificado
35	1928/?	Francisco Granés	?	?	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
36	1944/?	Abel Raposo	Corticeira de Sines	?	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
37	1947/?	Miguel Ricardo Raposo	Miguel Ricardo Raposo & Filhos	Tanganheira de Baixo	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
38	?	Manuel António Pidwell	Sociedad e Pidwell da Costa	Largo Nº Srª das Sallas	?	Corticeira	* ** ***		Não existem vestígios do edificado
39	1960/1974	Francisco José Sabino	Fábrica SOCOR	Rua Júdice Fialho/Rua Marquês de Pombal	?	Corticeira	* ** ***	Fig. 73	Edifício com espaços comerciais vários

-Sineense nº53 2007*

-Sineense nº60 2008**

-2º Encontro de Historia do Alentejo Litoral***

-Breve Notícia de Sines (1850) ****

- Retalhos da Vila de Sines 198? *****

-Sineense nº54 2007*

-2º Encontro de Historia Litoral***

-Breve Notícia de Sines (1850)****

-Elites e Industria no Alentejo *****

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

40	1940/?	?	?	Estrada Nossa Senhora dos Remédios	?	Corticeira		Fig. 85,86,87, 88,89,90, 91,92	Edifício em parte devoluto
41	? / 2016	?	Corticeira de Sines, Lda.	Estrada Nossa Senhora dos Remédios	?	Corticeira		Fig. 74,82,83	Edifício em laboração

-Sineense nº53 2007*

-Sineense nº60 2008**

-2º Encontro de Historia do Alentejo Litoral***

-Breve Notícia de Sines (1850) ****

- Retalhos da Vila de Sines 198? *****

-Sineense nº54 2007*

-2º Encontro de Historia Litoral***

-Breve Notícia de Sines (1850)****

-Elites e Industria no Alentejo *****







Sines 1930

■ Fábricas implantadas no território



Sines 1941

■ Fábricas implantadas no território

Sines 1953

■ Fábricas implantadas no território



Sines 1971

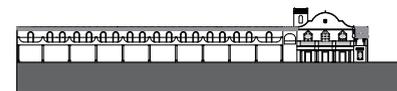
■ Fábricas implantadas no território

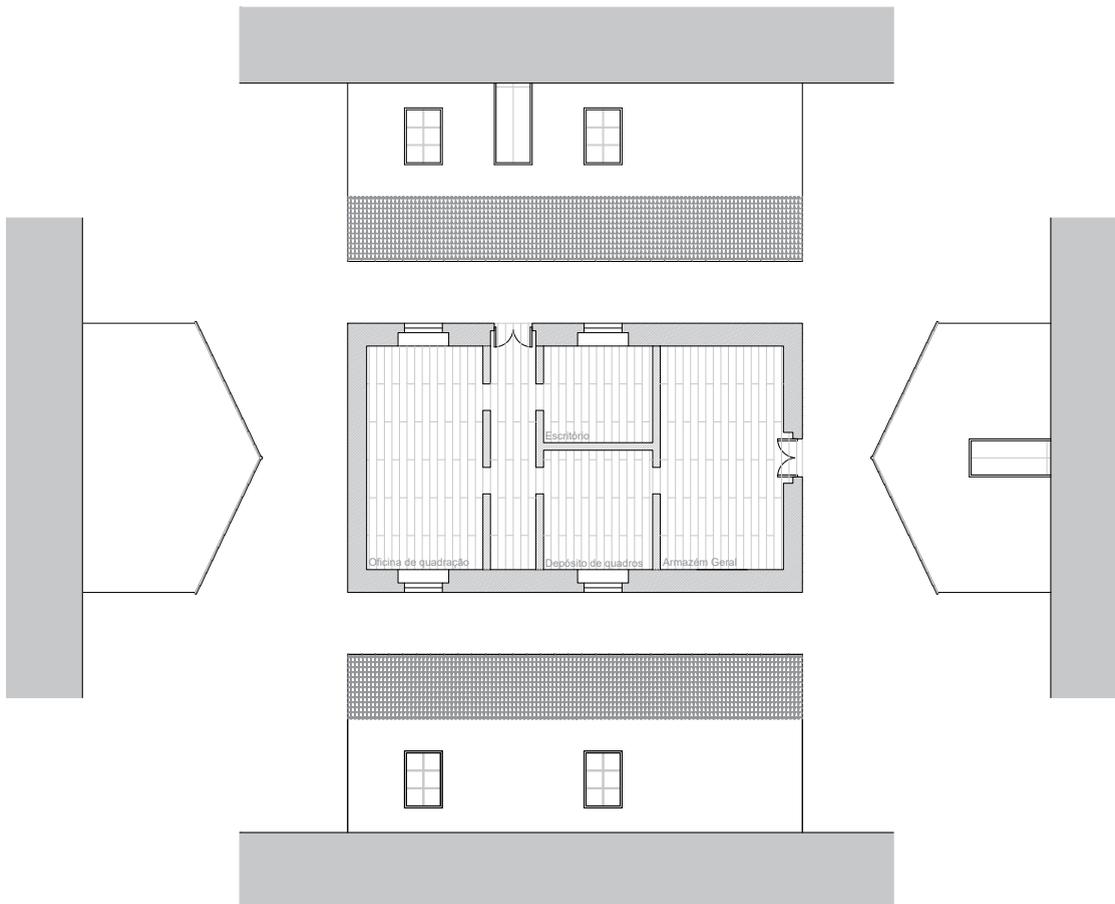


Fábrica Pratz



Fábrica Júdice Fialho





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha dois objetivos distintos: o primeiro, analisar o programa associado à reabilitação do património industrial, questionando a sua reconversão para museu; o segundo, inventariar a indústria corticeira e conserveira existente na cidade de Sines.

Conclui-se que a musealização deve servir à educação das comunidades locais, através de iniciativas públicas ou privadas. Verificou-se que os problemas da musealização para fins turísticos, relacionam-se sobretudo com a sazonalidade e a localização geográfica, havendo maior afluência nos grandes centros urbanos. A musealização de fábricas, associado a estes problemas, tem conduzido ao seu encerramento, casos da Fábrica do Inglês em Silves e do Museu da Ciência e Indústria do Porto. Para além da fábrica devem ser considerados os bairros operários, o valor social das indústrias. Estes conjuntos tiveram enorme impacto na malha urbana uma vez que deixaram de ser o limite das cidades, integrando hoje os centros urbanos.

No segundo capítulo analisou-se o turismo industrial, através de diversos casos de estudo a nível nacional e internacional, concluindo-se que a reabilitação deve implicar um programa misto, associando diversas funções. Apresentaram-se projetos bem-sucedidos, cujos programas incluem, para além de áreas museológicas, a educação (caso das fábricas na Covilhã), serviços públicos (fábricas da Marinha Grande), serviços culturais (fábrica de Guimarães e São João da Madeira).

Os casos de estudo apresentados serviram para complementar a reflexão acerca do da questão da musealização excessiva e da integração no agregado urbano das fábricas, que por sua vez contribuem, com um papel ativo, mediante os novos usos que lhes são conferidos, no

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

desenvolvimento das cidades ou vilas onde se inserem. O turismo industrial por sua vez serve de veículo de divulgação do património, já que através de programas estruturados e organizados em parceria com as autarquias/privados, permite a visita a estes núcleos museológicos que se encontram associados a outro tipo de programa, onde é possível ter uma experiência direta ou indireta com o património.

No último capítulo analisou-se a vila de Sines, desde as primeiras fábricas de salga romanas, às fábricas de cortiça e de conservas de peixe dos séculos XIX e XX, importantes no parque industrial alentejano, o impacto do complexo industrial construído nos anos 70 e o projeto que envolve o setor do turismo ligado à indústria do porto.

Desenvolveu-se um inventário da indústria corticeira e conserveira da vila de Sines, baseado na tabela, documentação fotográfica e mapa. Foram inventariados 41 estabelecimentos e localizados 16 em mapa, nas quais, 11 foram demolidas, apenas restando 4 ainda em uso e a outra devoluta. Das fábricas que restaram 2 delas foram convertidas para novos usos atribuindo-lhes um novo papel no tecido urbano e as restantes 2, uma continua em laboração e a outra encontra-se devoluta.

Face aos resultados obtidos, e à dificuldade de acesso à informação do arquivo da Câmara, salientamos a necessidade de futuras investigações, para pesquisa documental e análise de campo, complementando o inventário iniciado neste trabalho. Estes aspetos negativos revelam a urgente e tremenda importância de se inventariar o património industrial em Sines, uma vez que desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da cidade nas décadas em foco.

O projeto de turismo industrial surge como mediador entre a população e porto tendo em vista uma melhoria da relação entre as duas entidades e consequente aproximação da

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

população ao universo industrial e, conseqüentemente, afastar a opinião acerca do impacto ambiental que o porto exerce no território.

BIBLIOGRAFIA

Monografias:

CARVALHO, Alcídio – Porto de Sines: Porta Atlântica da Europa. 1ªed. Sines: APS – Administração do Porto de Sines, 2005

DA SILVA, Miguel – Património Industrial em Portugal: Intervenção nova. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2003

LOPES, Francisco Luiz – Breve Notícia de Sines: Pátria de Vasco da Gama. 1ªed. Lisboa: Typographia do Panorama, 1850

GUIMARÃES, Paulo Eduardo – Tradição e Modernidade na indústria alentejana. In Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo. Lisboa: Colibri; Évora: CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade, 2006

Dissertações:

ALCÂNTRA, Ana – A Indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854 – 1914). Musa. Nº3, 2008

ANDRADE, Luísa - Urbanismo na Composição de Portugal. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009

BAPTISTA, Alexandre – Regeneração Urbana e Património Industrial: Uma proposta para o Montijo. Lisboa: Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, 2012

FERREIRA, Ana - A Mina de São Domingos Passado Industrial, Futuro Turístico. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, 2012

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

FOLGADO, Deolinda - A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de Lisboa. 1933-1968, Vol. I. Lisboa: Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, 2009

LAIA, Sofia - Operações de revitalização urbana no tecido pós-industrial da Covilhã: o caso da ribeira da Carpinteira. Vol I. Lisboa: Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias de Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2014

FREITAS, Maria -Memória da Modernidade Industrial: três intervenções no património do movimento moderno português. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014

MAIA, Marcela - O renascer da Fábrica ASA durante Guimarães, Capital Europeia da Cultura 2012: A reconversão urbana de espaços fabris abandonados em quarteirões culturais e empresariais: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2013

OLIVEIRA, Ana - Novos Usos para o Património Industrial: O Caso da Cordoaria Nacional. Lisboa: Faculdade da Arquitectura da Universidade técnica de Lisboa, 2012

RAMOS, Ricardo - Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu, Museu do Fado, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Museu do Oriente. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2011

SANTINHOS, Maria – A arquitectura industrial conserveira em Setúbal. De 1924 – 1994. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016

SERRANO, Ana – Reconversão de espaços industriais, três projectos de intervenção em Portugal. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade técnica de Lisboa, 2010

SILVA, Fernando - Turismo industrial: a indústria conserveira em Matosinhos. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015

TRINDADE, Luísa – Urbanismo na composição de Portugal. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009

Artigos e revistas:

ALVES, Jorge Prof. – A Indústria em Portugal, ao longo do tempo. CITCEM- Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Carta de Nizhny Tagil, Carta de Atenas (1931) Carta de Veneza (1964) Carta da Burra (1999), Carta de Cracóvia (2000)

CORDEIRO, José - Oportunidades e fragilidades do turismo industrial. Revista Turismo & Desenvolvimento, nº1, 2012

DA SILVA, Carlos; COELHO-SOARES, Antónia – Setúbal Arqueológica, Vol.13, Produção de preparados piscícolas na Sines Romana, 2006

DE SOUSA VITERBO, F.M. – Património industrial em Portugal, 2013

Direcção geral do Património Cultural – Estatísticas de visitantes 2015, Monumentos, Museus e Palácios da DGPC. Departamento de Museus, Conservação e Credenciação, divisão de Museus e Credenciação.

FARIA, Luís – Emsher Park:.. Corrigir o passado, prevenir o. A obra nasce: revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa. Porto: Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa. Nº1, 2004, Porto

Instituto Nacional de Estatística, I.P. – Estatísticas da Cultura 2014.Lisboa, 2015

Jornada de Reflexão e debate – A fábrica do Inglês: reabilitação do património industrial corticeiro. Encontro Internacional património cultural, a cortiça e os museus. Seixal, 2010

Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto. *Diário da República nº195 – I Série A*. Assembleia da república. Lisboa

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

LIRA, Sérgio – Um caso de reutilização de património arquitectónico industrial: O Museu da Industria de Chapelaria de São João da Madeira. *Antropológicas*. Nº5, 2001

MARQUES, João Martins da Silva - Suplemento ao volume I 1057-1460. In *Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Instituto para a alta cultura, 1944

MARQUES, Maria – O Concelho de Sines e o seu foral manuelino. In *CAMARA MUNICIPAL DE SINES – O concelho de Sines: da fundação à época moderna*. Sines: Camara Municipal de Sines, 2013

MATOS, Ana; SAMPAIO, Maria - Património industrial e museologia em Portugal. *Museologia & Interdisciplinaridade Vol I e II*. Revista do programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Nº5, Brasília, 2014

MENDES, José - A concentração da indústria vidreira na marinha grande: repercussões socioeconómicas

MENDES, José - Uma nova perspectiva sobre o património cultural: Preservação e requalificação de instalações industriais. *Património Industrial em Portugal*.

MENDES, José – O património Industrial na museologia contemporânea: o caso Português. *Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*.

MORAIS DE BRITO, Mónica - Turismo industrial: preservação da memória, descoberta do presente e projeção do futuro complexo industrial e portuário de Sines e da cidade industrial de Santo André. *Revista Turismo & Desenvolvimento*. Nº1,2012

PATRÍCIO, Sandra – *Actividade Industrial em Sines até ao impacto do Complexo Industrial*. *Sineense*, 60, 2008

PATRÍCIO, Sandra – *Memórias da fábrica de cortiça SOCOR*. *Rede do Tempo*. 6, 2011

PATRÍCIO, Sandra – *Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950 (I)*. *Sineense*. 53, 2007

PATRÍCIO, Sandra – *Trabalhar em Sines entre 1900 e 1950 (II)*. *Sineense*. 54, 2007

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

PINHEIRO, Elisa; SILVA, Manuel - A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re) construção das memórias industriais da cidade. Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Coimbra, 2012

QUARESMA, António [et al.] – Pão e Cortiça: Duas indústrias em Sines. 2º Encontro de História do Alentejo Litoral: Actas. 1ªed. Sines: Centro Emmerico Nunes, 2010.

QUARESMA, António – Sines medieval e moderna (séc. XIV-XVIII). In CAMARA MUNICIPAL DE SINES – O concelho de Sines: da fundação à época moderna. Sines. Camara Municipal de Sines, 2013

RAMOS, Manuel - A Fábrica do Inglês: Reabilitação do património industrial corticeiro. Património cultural, a cortiça e os museus.

RÉVEZ, Idálio - Museu da Cortiça de Silves fechou portas empurrado pela falência da Alicoop. Lisboa: Público

SILVA, C. T.; SOARES, A. C. – Produção de preparados piscícolas de Sines romana. Setúbal Arqueológica. Nº 13, 2006

SILVA, C. T.; SOARES, J. - Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana – 1.ª ed. Lisboa: INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, 1993

VALIÑA, Miguel - Turismo industrial: El caso Aléman.Rotur. Revista de ocio y Turismo Coruña. Nº4, Coruña, 2011

Webgrafia:

<http://ancacid.yolasite.com/pip.php#>

<http://museudaindustria.org/conteudo.aspx?args=2,12>

<https://www.publico.pt/local/noticia/nova-casa-do-museu-da-industria-sera-no-antigo-matadouro-industrial-do-porto-1711786>

<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/cs3-mendes-jose-amado-o-patrimonio-industrial.pdf>

<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/11102/1/Patrim%C3%B3nio%20Industrial%20e%20Museologia%20.pdf>

<http://www.retecork.org/pdf/museos/ponencia10.pdf>

[https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/museu-da-cortica-de-silves-fechou-portas-empurrado-pela-falencia-da-alicoop-1444122;](https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/museu-da-cortica-de-silves-fechou-portas-empurrado-pela-falencia-da-alicoop-1444122)

<http://www.sulinformacao.pt/2016/02/fabrica-do-ingles-e-museu-da-cortica-podem-ser-classificados-como-imovel-de-interesse-nacional/>

<http://www.terraruiva.pt/2016/03/10/que-futuro-para-o-museu-da-cortica-de-silves/>

<http://amateriadotempo.blogspot.pt/2012/05/bairros-operarios.html>

<http://revistas.udc.es/index.php/rotur/article/view/1255>

<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1876/1/8-16.pdf>

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6461.pdf>

<http://museudachapelaria.blogspot.pt/p/a-empresa-industrial-de-chapelaria.html>

<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/737/1/75-82Pages%20from%20aObraNasce04-6.pdf>

<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-pinheiro-elisa-silva-manuel-santos-a-covilha-paisagem-cultural-evolutiva.pdf>

http://maeds.amrs.pt/informacao/setubalarqueologica/setubalarqueologica13/9_sinesromana.pdf

<http://www.sines.pt/frontoffice/pages/311>

http://www.sines.pt/uploads/document/file/1591/53_-_Trabalhar_em_Sines_entre_1900_e_1950_-_I.pdf

http://www.sines.pt/uploads/document/file/1599/61_-_Os_oper_rios_corticeiros_em_Sines_I.pdf

http://www.sines.pt/uploads/document/file/1598/60__Actividade_industrial_em_Sines_at_a_o_impacto_do_Complexo_Industrial.pdf

http://www.sines.pt/uploads/document/file/3611/SM_07_-_Hist_ria_do_Sanat_rio_Pratz_parte_I.pdf

http://www.sines.pt/uploads/document/file/3611/SM_07_-_Hist_ria_do_Sanat_rio_Pratz_parte_I.pdf

http://www.sines.pt/uploads/document/file/3611/SM_07_-_Hist_ria_do_Sanat_rio_Pratz_parte_I.pdf

http://www.sines.pt/uploads/document/file/3099/Jornal_Redes_do_Tempo_n.__06.pdf

<https://www.youtube.com/watch?v=1908K0iXXJA>

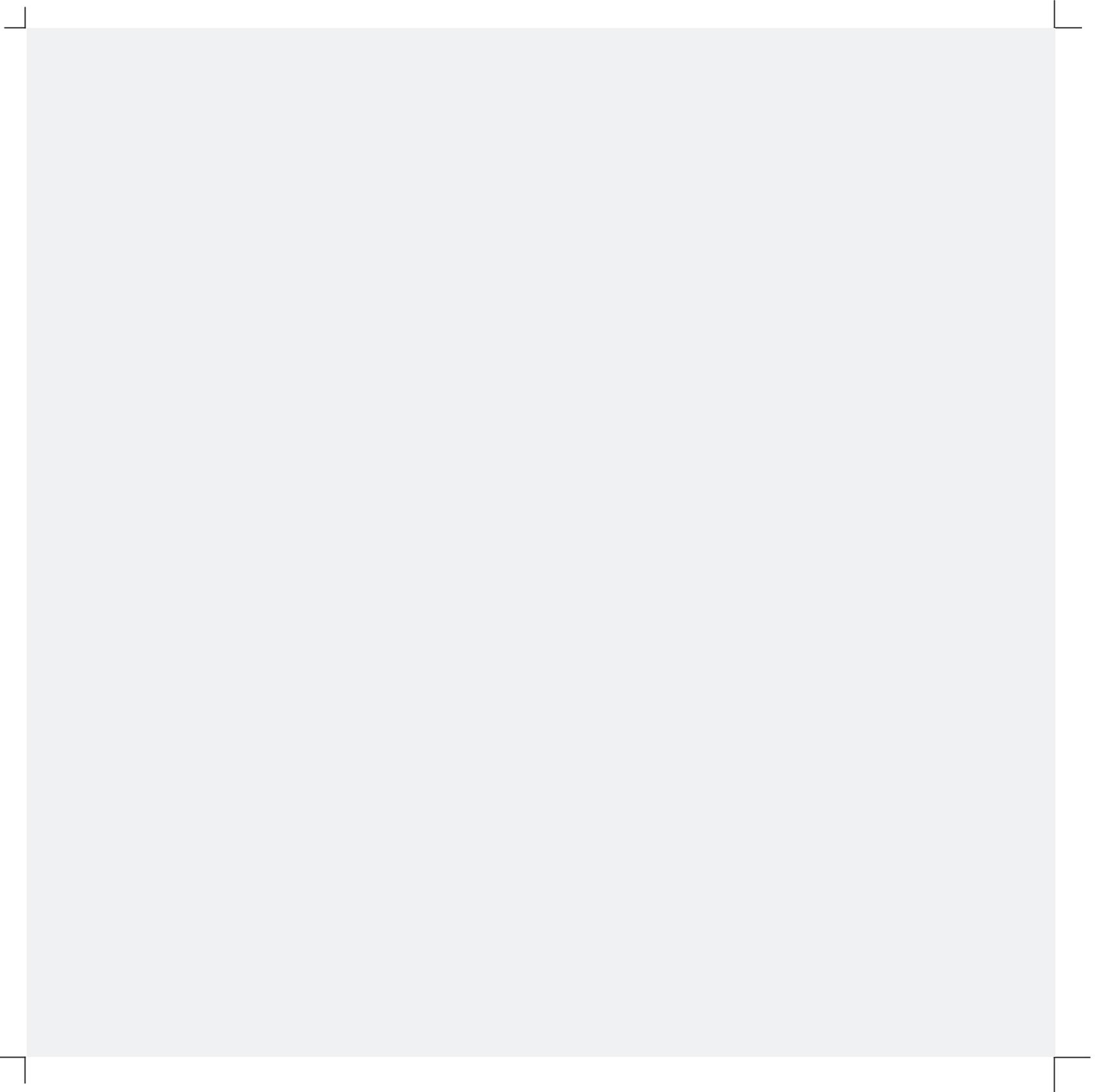
http://www.sines.pt/uploads/document/file/1592/54_-_Trabalhar_em_Sines_entre_1900_e_1950_-_II.pdf

<http://canthecanlisboa.com/history/o-nascimento-de-um-imperio-conserveiro-a-casa-fialho-1892-1939>

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines

<http://olharsinesnofuturo.criarforum.com.pt/t3-breve-historia-do-complexo-industrial-de-sines>

<https://www.google.pt/maps?hl=pt-PT>



Anexo de Fotografias das Industrias Corticeira e Con-
serveira entre 1850 e 1974

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 92 – Vista da Calheta e do Sanatório Pratz (Canto Sup. Esq.)

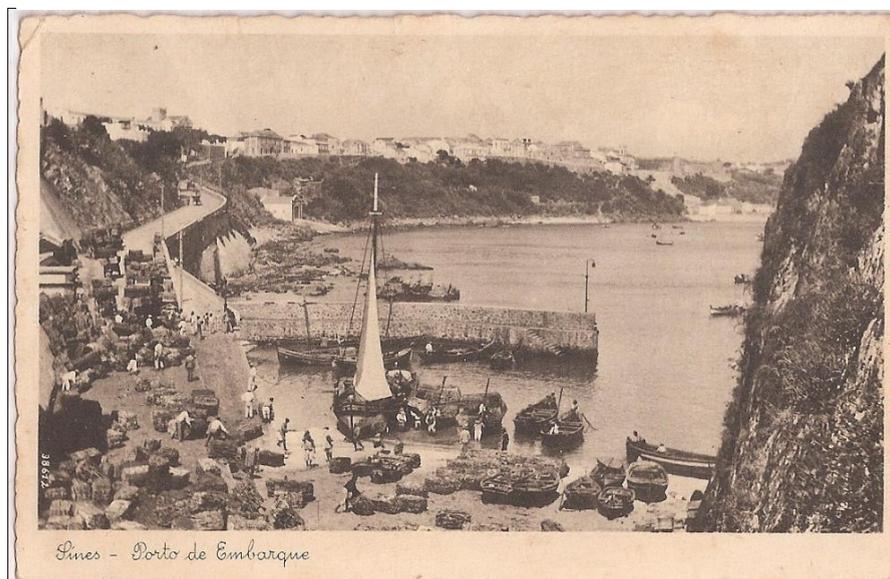


Figura 93 – Vista da Calheta e do Sanatório Pratz (Canto Sup. Esq.)

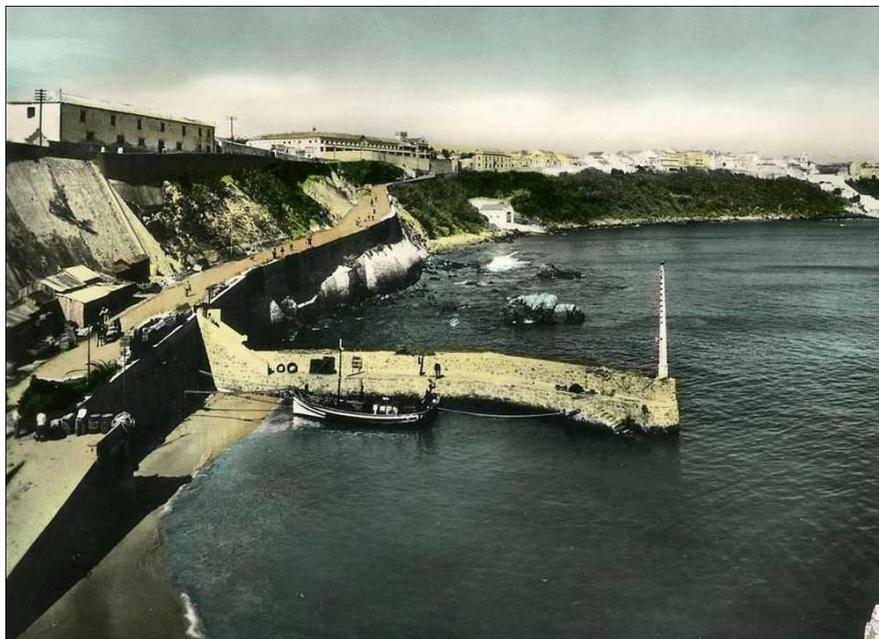


Figura 94 – Vista do Porto e da Casa de Repouso Pratz

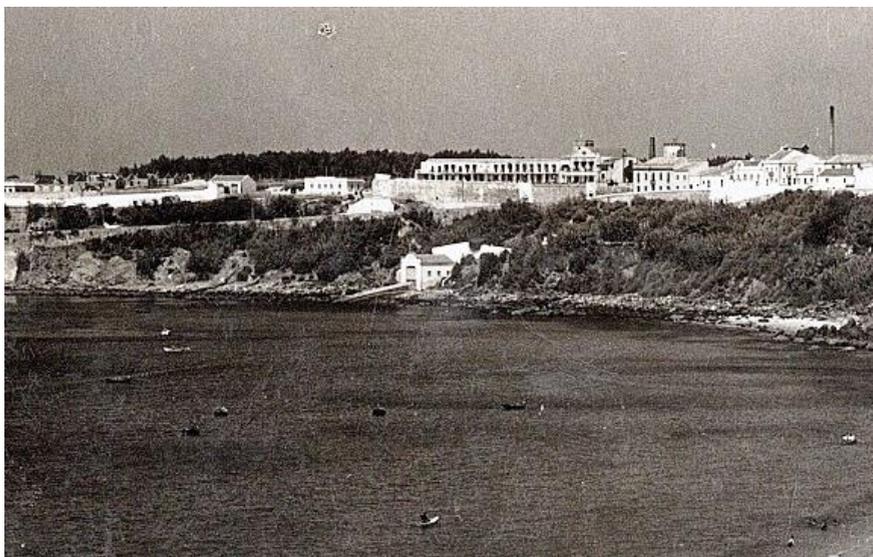


Figura 95 – Vista da baía e do Sanatório Pratz

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 96 – Praia de Sines e fábricas de conservas

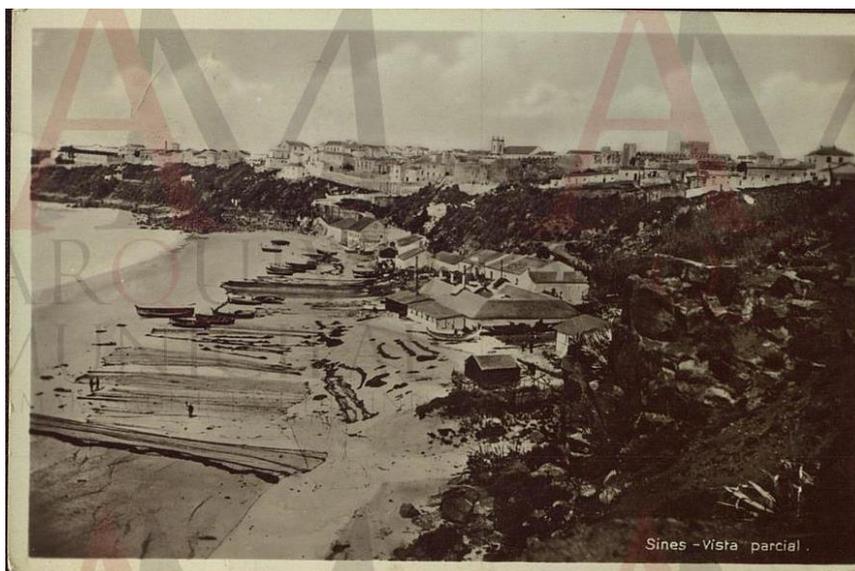


Figura 97 - Praia de Sines e fábricas de conservas

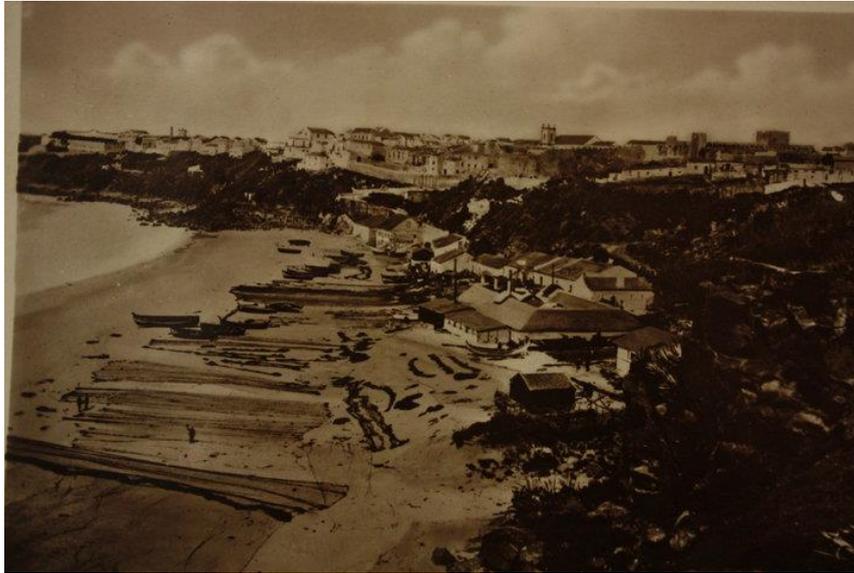


Figura 98 - Praia de Sines e fábricas de conservas

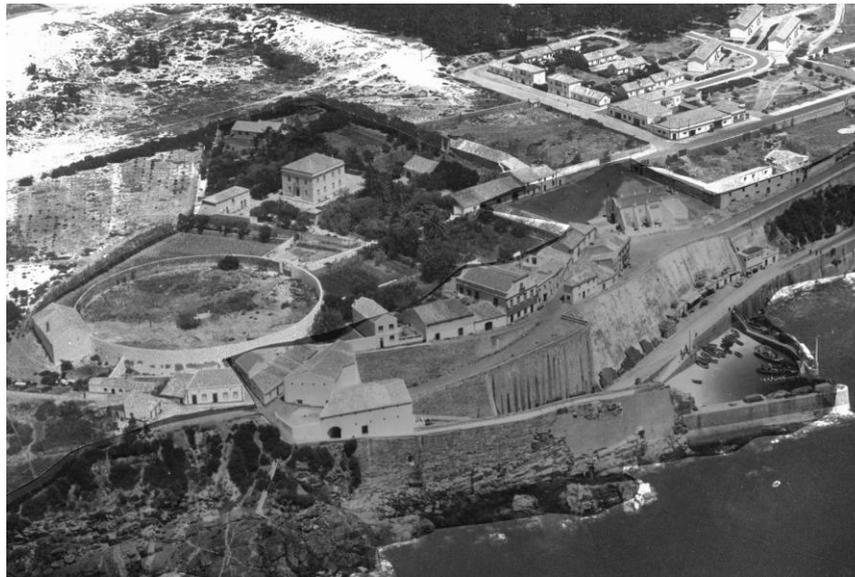


Figura 99 – Vista área da calheta, Casa dos Pidwell e fábrica da cortiça Pidwell

REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Casos de estudo e análise de Sines



Figura 100 – Fábrica Frank Edwards Pidwell (Edifício com a chamin)



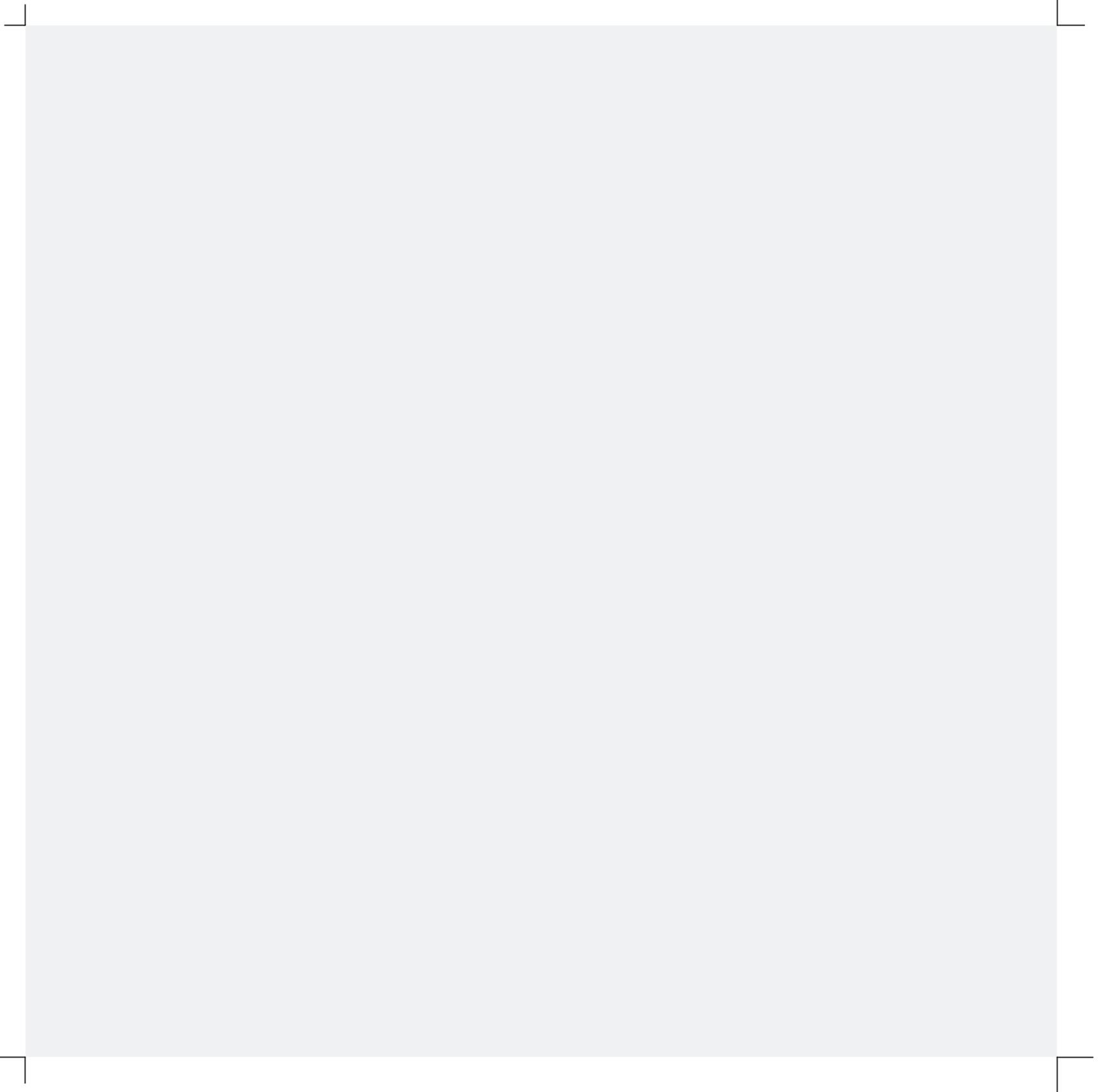
Figura 101 – Destruição da Fábrica de F. Pidwell pelo ciclone de 1941



Figura 102 – Vista aérea de Sines 1952 em pano de fundo as fábricas da Rua de Ferreira



Figura 103 – Vista aérea de Sines 1952- Olhar sobre os conjuntos Pratz e da Júdice Fialho



ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Masterplan IBA Emscher Park. Fonte: Masterplan Emscher Zukunft: Das neue Emschertal. In : https://www.garten-landschaft.dewpcontentuploadssites5201404Garten_Landschaft_Masterplan_Emscher_Zukunft.jpg

Figura 2 – IBA Emscher Park – Duisburg.
Fonte: <http://images.cdn.baunetz.deimg102043735c854d6303187fd.jpeg>

Figura 4 - Schacht XII. Fonte: <http://oma.eu/search?q=zollverein>

Figura 3 – Vista Geral Sobre o complexo mineiro de Zollverein. Fonte: <http://oma.eu/search?q=zollverein>

Figura 5 – Vista Geral Sobre o complexo mineiro de Zollverein. Fonte: <http://oma.eu/search?q=zollverein>

Figura 6- Kohlenwäsche . Fonte: <http://oma.eu/search?q=zollverein>

Figura 7 – Masterplan Zeche Zollverein Fonte: <http://oma.eu/search?q=zollverein>

Figura 8 – Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande (1865?). Fonte: <http://mgrande.net/mg/histria/a-real-fabrica-de-vidros-da-marinha-grande/>

Figura 9 – Planta da Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande (1890). Fonte: Autor

Figura 15 - Escola Profissional e Artística da Marinha Grande. Fonte: Autor

Figura 12 – Galeria de Exposições. Fonte: Autor

Figura 13 - Biblioteca Municipal da Marinha Grande. Fonte: Autor

Figura 14 - Museu do Vidro. Fonte: Autor

Figura 11 – Teatro Stephens. Fonte: Autor

Figura 10 – Teatro Stephens. Fonte: Autor

Figura 17 – Edifício da resinagem inícios do século XX. Fonte: http://opinhaldorei.blogspot.pt/2013/10/o-edificio-da-fabrica-de-resinagem-da_15.html

Figura 16 – Planta do edifício da Fábrica de resinagem. Fonte: http://opinhaldorei.blogspot.pt/2013/10/o-edificio-da-fabrica-de-resinagem-da_15.html

Figura 18 – Planta da requalificação do edifício da resinagem. Fonte:
<http://www.archdaily.com.br/br/625507/requalificacao-da-fabrica-de-resinagem-de-marinha-grande-cor-arquitectos>

Figura 22 – Fachada da Fábrica da resinagem. Fonte: Autor

Figura 19 – Nucleo de Arte Contemporânea da Marinha Grande. Fonte:
<http://www.archdaily.com.br/br/625507/requalificacao-da-fabrica-de-resinagem-de-marinha-grande-cor-arquitectos>

Figura 20 – Ligação interior entre o NAC e o Museu do Molde. Fonte: Autor

Figura 21 – Vista do NAC da rua . Fonte: Autor

Figura 27 – Interior Área Produção Preexistente. Fonte: <http://www.fabricaasa.eu/>

Figura 24 – Fachada Frontal actual. Fonte: <http://www.fabricaasa.eu/>

Figura 26 – Fachada Frontal Preexistente. Fonte: <http://canelahortela.com/fabrica-asa-reabre-em-guimaraes-com-nova-vida/fabrica-asa/>

Figura 25 – Interior da Fábrica. Fonte: <http://www.fpguimaraes.pt/fabrica-asa-e-uma-cidade-dentro-de-guimaraes/>

Figura 28 – Interior Área Administrativa Preexistente. Fonte: <http://www.fabricaasa.eu/>

Figura 23 – Fachada Frontal Preexistente. Fonte: <http://www.antoniochaves.com/fotografia-industrial/fabrica-asa/>

Figura 29 – Empresa Industrial de Chapelaria (1914?). Fonte: <http://museudachapelaria.blogspot.pt/p/a-empresa-industrial-de-chapelaria.html>

Figura 30 – Piso -1. Fonte: Um caso de reutilização de património arquitectónico industrial. o caso do Museu da Chapelaria de S. João da Madeira.

Figura 31 – Piso 0. Fonte: Um caso de reutilização de património arquitectónico industrial. o caso do Museu da Chapelaria de S. João da Madeira.

Figura 32 – Piso 1 e 2. Fonte: Um caso de reutilização de património arquitectónico industrial. o caso do Museu da Chapelaria de S. João da Madeira.

Figura 33 – Vista Aérea Complexo da Oliva. Fonte: Memória da modernidade industrial: Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 38 – Área Fabril atualmente. Fonte: Memória da modernidade industrial: Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 37 – Area Fabril. Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 35 – Área Administrativa Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/04/oliva-oficinas-metalurgicas.html>

Figura 36 – Area admisnistrativa Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/04/oliva-oficinas-metalurgicas.html>

Figura 40 - Intervenção Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 39 – Preexistência Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 41 – Vista Aérea Armazéns de Fundação e Fabricos Gerais Fonte: Google Earth

Figura 46 – Entrada principal do complexo Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 44 – Armazéns de fundição Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 47 – Rua Interios do Complexo Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 42 – Armazéns de fundição Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 45 – Fabricos Gerais Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 43 – Armazéns Fundação Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 48 – Plantas do preexistente Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 49 – Plantas da Intervenção Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 53 – Sala de exposições Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 52 – Incubadora de negócios Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 51 – Auditório Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 50 – Escola de Dança Fonte: Memória da modernidade industrial Três intervenções no património do movimento moderno português

Figura 54 – Vista aérea da real fabrica de panos . Fonte: http://5.fotos.web.sapo.ioiB3c09e2e318982699_6op2N.jpeg

Figura 56 - Entrada da Real Fábrica de Panos. Fonte: <http://www.patrimoniocultural.pt/en/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-de-lanificios-da-universidade-da-beira-interior/>

Figura 57 - Planta da requalificação da Real Fábrica de Panos. Fonte: <http://museu.ubi.pt/?cix=3029>

Figura 58 – Vista Aérea da Real Fábrica de Panos. Fonte: <https://sociologico.revues.org/444?lang=en>

Figura 62 - Caldeira da antiga fábrica. Fonte: <http://www.patrimoniocultural.pt/en/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-de-lanificios-da-universidade-da-beira-interior/>

Figura 61 - Planta programática da requalificação. Fonte: <http://museu.ubi.pt/?cix=3029>

Figura 59 - Fachada sul do Museu dos Lanificios. Fonte: <http://www.patrimoniocultural.pt/en/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-de-lanificios-da-universidade-da-beira-interior/>

Figura 60 - Maquinaria em exposição. Fonte: <http://www.patrimoniocultural.pt/en/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-de-lanificios-da-universidade-da-beira-interior/>

Figura 63 - Oficina 1A. Fonte: Produção de preparados piscícolas na Sines Romana

Figura 64 – Oficina 1B. Fonte: Produção de Preparados piscícolas na Sines Romana

Figura 65– Oficina 2A e B. Fonte:Produção de preparados piscícolas na Sines romana

Figura 66 – Oficina 2C. Fonte: Produção de preparados piscícolas na Sines Romana

Figura 68 – Fabrico de Miguel Raposo.Fonte: Arquivo de Sines

Figura 69 - Interior de uma fábrica Sineense. Fonte audiovisual: A voz e as mãos de Antero Raposo _ Trecho de um vídeo)

Figura 70 – Postal de 1904, Canto Superior Esq. Uma das raras imagens da fábrica Pratz. Fonte: www.delcampe.net

Figura 71 – Sanatório Pratz. Fonte: Arquivo de Sines

Figura 73 – Fábrica SOCOR. Fonte: Jornar Redes do Tempo 2012

Figura 74 – Actual Corticeira em funcionamento em Sines . Fonte: Autor

Figura 75 – Fachada Principal da Fábrica Júdice Fialho anos 80. Fonte: Cabo de Sines (2013)

Figura 76 –Interior de uma das naves da fábrica Júdice Fialho. Fonte: Redes do Tempo 2009

Figura 77 – Início da Construção do Complexo Portuário década de 70. Fonte:Sines no Tempo

Figura 80- Refinaria da Galp em Sines. Fonte: <http://www.galpennergia.com/PT/agalpennergia/os-nossos-negocios/Refinacao-Distribuicao/ARL/Refinacao/RefinariaSines/Paginas/OutrasUnidades.aspx>

Figura 81-Central Termoeléctrica de Sines. Fonte: <https://www.edp.pt/en/media/bancodeimagens/Pages/BancodeImagens.aspx?ImageSubCategoryTitle=Termoel%C3%A9ctricas>

Figura 82– Fachada principal Corticeira de Sines Lda. Fonte: Autor

Figura 83 – Alçado tardoz Corticeira de Sines Lda. Fonte: Autor

Figura 84– Alçado tradoz corticeira de Sines. Fonte: Autor

Figura 87 – Alçado Tardoz Corticeira. Fonte: Autor

Figura 85 - Fachada Principal Corticeira . Fonte: Autor

Figura 86 – Fachada Principal Corticeira . Fonte: Autor

Figura 88 – Chaminé, caldeira e grua. Fonte: Autor

Figura 90 - Estrutura em tijolo. Fonte: Autor

Figura 89 – Caldeira. Fonte: Autor

Figura 91 - Tanque de abastecimento de água. Fonte: Autor

Figura 92 – Pormenor da estrutura actual da cobertura. Fonte: Autor

Figura 94 – Vista da Calheta e do Sanatório Pratz (Canto Sup. Esq.). Fonte: www.delcampe.net

Figura 95 – Vista da Calheta e do Sanatório Pratz (Canto Sup. Esq.). Fonte: www.delcampe.net

Figura 96 – Vista do Porto e da Casa de Repouso Pratz. Fonte: www.delcampe.net

Figura 97 – Vista da baía e do Sanatório Pratz. Fonte: www.delcampe.net

Figura 99 – Praia de Sines e fábricas de conservas. Fonte: Arquivo de Sines

Figura 98 - Praia de Sines e fábricas de conservas. Fonte: Arquivo de Sines

Figura 100 - Praia de Sines e fábricas de conservas. Fonte Arquivo de Sines

Figura 101 – Vista área da calheta, Casa dos Pidwell e fábrica da cortiça Pidwell. Fonte: Arquivo de Sines

Figura 102 – Fábrica Frank Edwards Pidwell (Edifício com a chaminé). Fonte: Arquivo de Sines

Figura 103 – Destruição da Fábrica de F. Pidwell pelo ciclone de 1941. Fonte: Arquivo de Sines

Figura 105 – Vista aérea de Sines 1952- Olhar sobre os conjuntos Pratz e da Júdice Fialho. Fonte: Arquivo da Marinha Portuguesa

Figura 104 – Vista aérea de Sines 1952 em pano de fundo as fábricas da Rua de Ferreira. Fonte: Arquivo da Marinha Portuguesa

VERTENTE PRÁTICA



I - VERTENTE PRÁTICA

Trabalho de Grupo

Pontos de Equilíbrio numa cidade de Contrastes

O actual exercício da disciplina de Projecto Final de Arquitectura integra-se na programação do Concurso da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2016.

Este é um exercício de reflexão sob a cidade de Sines, com o objectivo de analisar a potencialidade do lugar tendo em conta aspetos como a escala, a produção, os limites e o tempo.



Sines é uma cidade piscatória (Fig.1) pertencente ao distrito de Setúbal, região do Alentejo e sub-região do Alentejo Litoral.

A cidade é limitada a norte pelo município de Santiago do Cacém e a sul pelo município de Odemira. Desde a fundação da cidade de Sines, o mar e os seus recursos definiram a economia, a cultura, a composição e até o carácter da sua população. Actualmente encontra-se em Sines a maior e a primeira área portuária de Portugal, assim como a principal Cidade Industrial Logística e Portuária. Neste território coabitam diversas estruturas, entre máquinas de transporte, circulação ferroviária, rodoviária e pedonal, praia, pesca e extração mineral, com diferentes escalas. Tal como as escalas, são várias as dimensões, distâncias e velocidades associadas a programas e recursos de produção, de logística e de lazer: do turismo, do espaço do mar e além-mar, dos recursos energéticos e infraestruturais.





F2|



F3|

Figura 2 | Calheta

Figura 3 | Praia de Sines, anos 60

Figura 4 | Perspectiva da cidade de Sines, actual

Caracterização de Sines

Sines é uma cidade de dois andares, o planalto e o aterro, onde todo o potencial encontra-se na conta superior, aí localizam-se os equipamentos, as actividades, as melhores vistas. Privilegia-se o contacto visual com o mar. Este facto remete-nos ao passado, onde tudo acontecia na cidade e a descida à praia era ocasional, devido à actividade piscatória e aos banhos fêrreos/banhos no geral (Década de 30).

Até 1970, Sines caracterizava-se como uma vila, o seu desenvolvimento prende-se com a chegada do complexo industrial. Este marco vem revolucionar a todos os níveis uma pacata vila, na qual o desenvolvimento estava estagnado, onde as indústrias se encontravam em plena decadência, mas onde começava a crescer um potencial a nível turístico(Fig.2), e a vinda de Marcello Caetano com o seu projeto megalómano vieram transformar uma paisagem e uma cultura que dificilmente voltará a ser a mesma. Dá-se um boom demográfico de tal maneira que a população chega a crescer para o dobro, consequência da vinda de trabalhadores do interior alentejano, da zona de Setúbal e os retornados das ex-colónia que vinham essencialmente para trabalhar na construção do porto.

Durante os próximos anos, após a sua fundação,

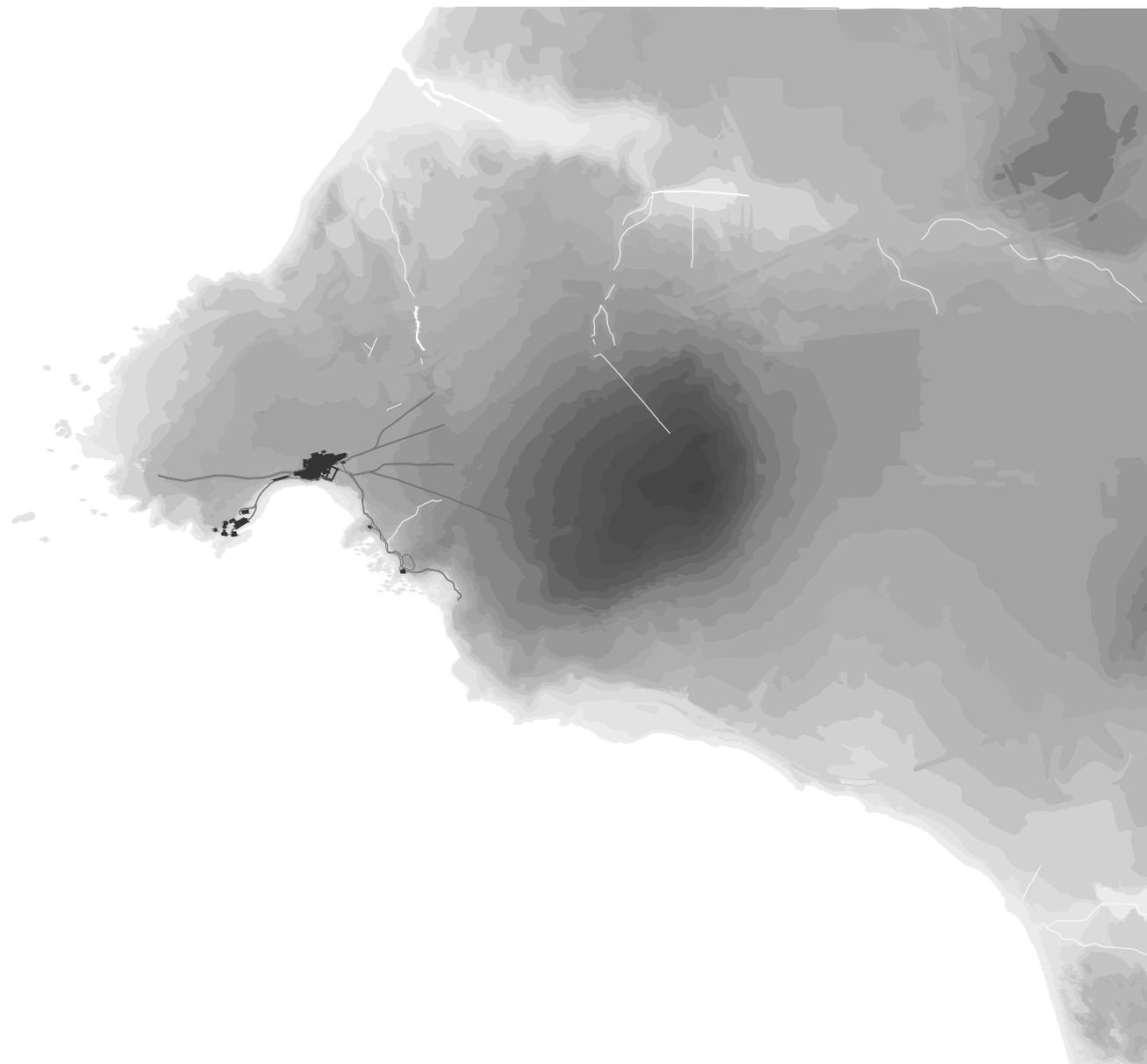
nascem infraestruturas portuárias(Fig.3) fazendo marcas num território cuja relação com o mar passa a ter outros intervenientes e como tal a cidade distancia-se, concluindo o cenário atual demonstra dois organismos autónomos: a cidade e o porto, na qual a relação é estritamente territorial, o porto a partir do momento em que se fixa passa a exercer poder sobre a cidade deixando a mesma confinada ao planalto e ao crescimento entre os seus limites.

A situação geomorfológica altera-se completamente, a construção de um porto de águas profundas obriga a que sejam carregadas toneladas e toneladas de pedra de uma pedreira aberta no perímetro a sudeste da cidade, situação que levou ao corte de uma das mais importantes estradas que faziam a ligação Sines-Cercal e impondo-se como um limite ao crescimento da mesma, acontecimento replicado quando se dá a construção do bairro 1º de Maio na qual é interrompida a Estrada de Santiago.

O futuro do porto passa pela extensão dos molhes de maneira a maximizar a sua eficiência o que leva ao aumento da área de exploração da pedreira e a cidade procura reencontrar-se dentro dos seus limites, através de planos urbanos (Costa Norte, cidade desportiva, Sul, reabilitação do centro histórico, entre outros) cuja finalidade não resolve os problemas atuais e do ponto de vista arquitetónico-urbanístico não são eficazes

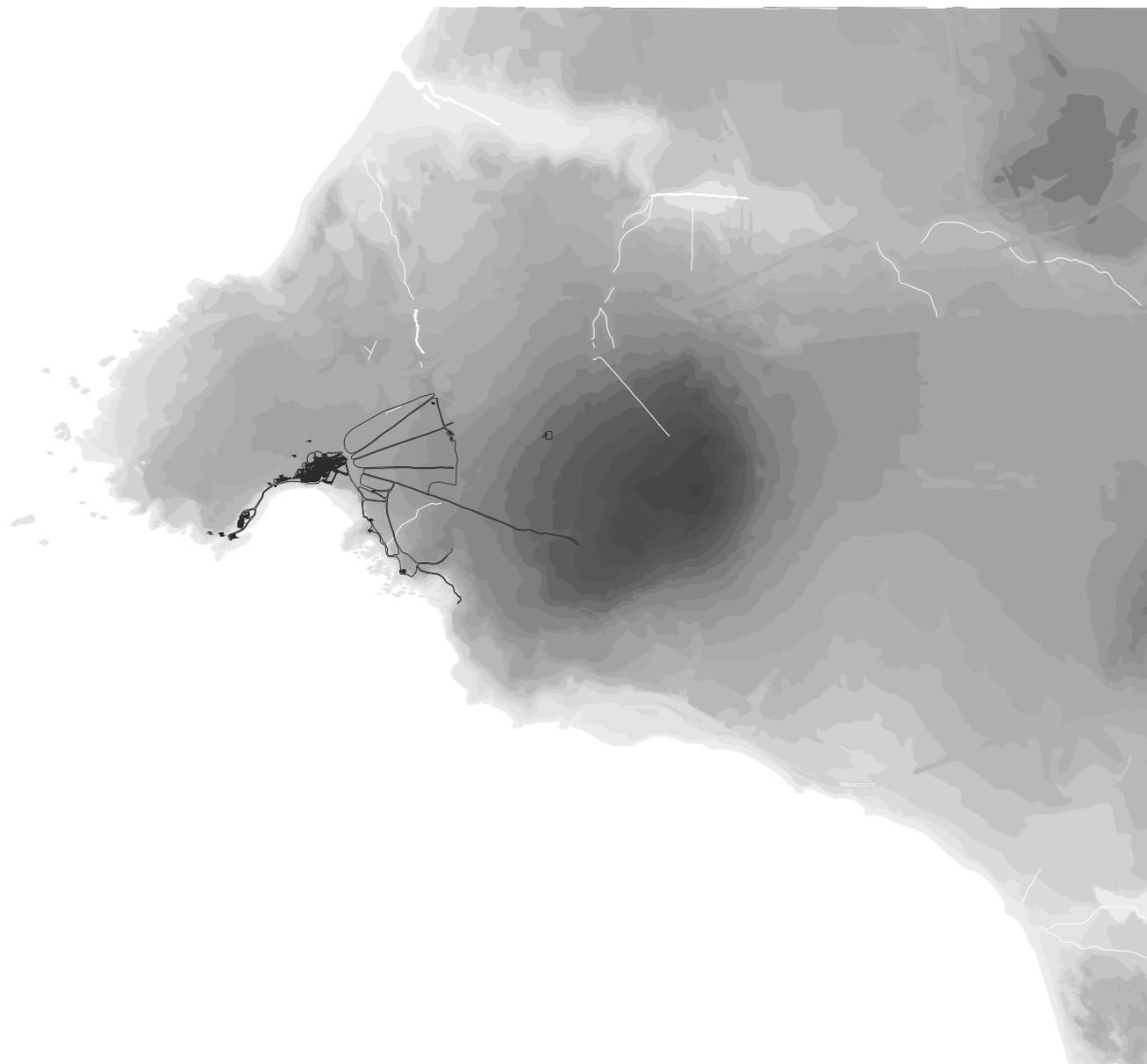
uma vez que as necessidades da cidade não são supridas e a sua posição submissa contrasta com a do porto.





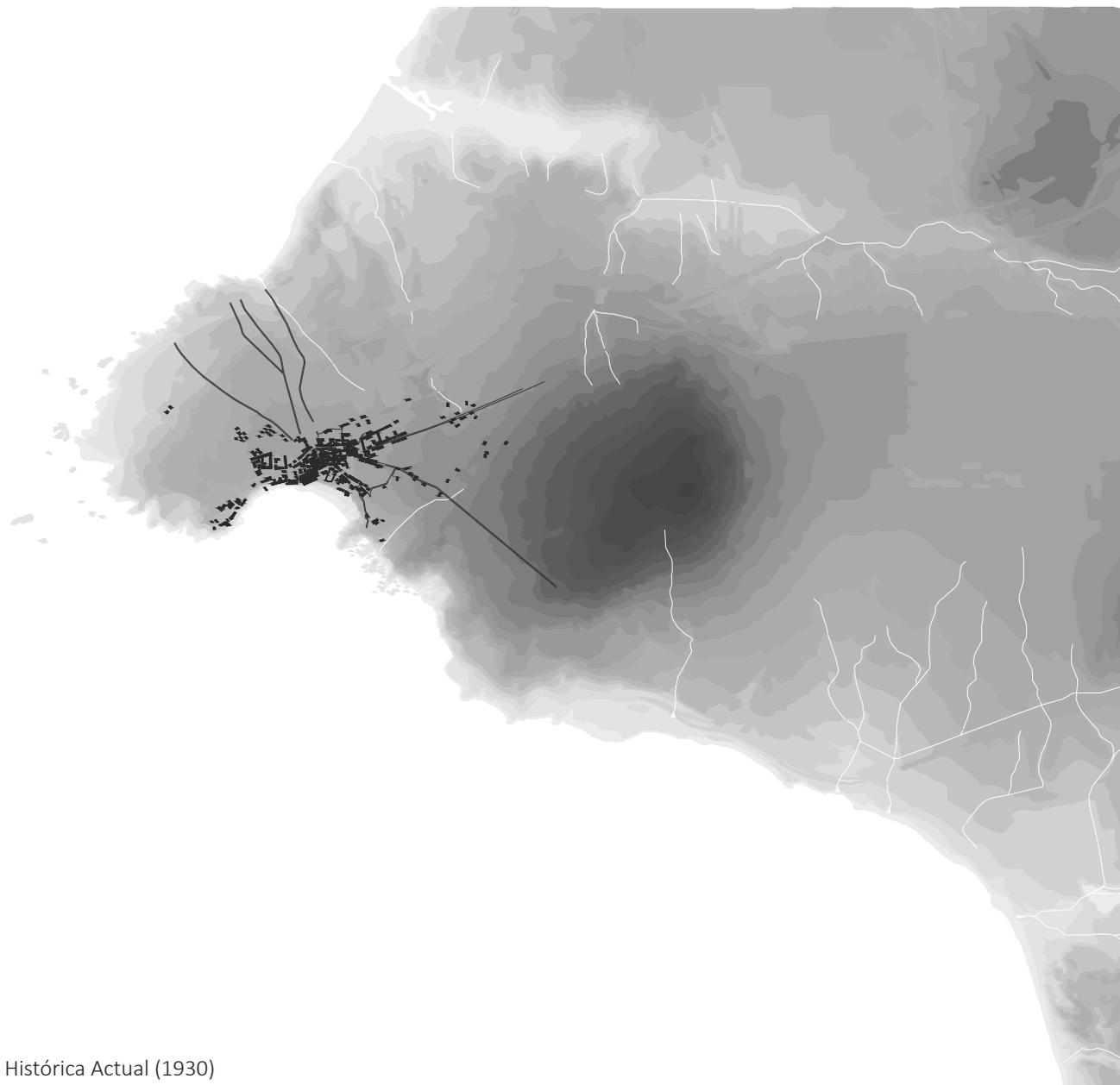
Evolução Histórica Actual (1621)

0 200 500 1000



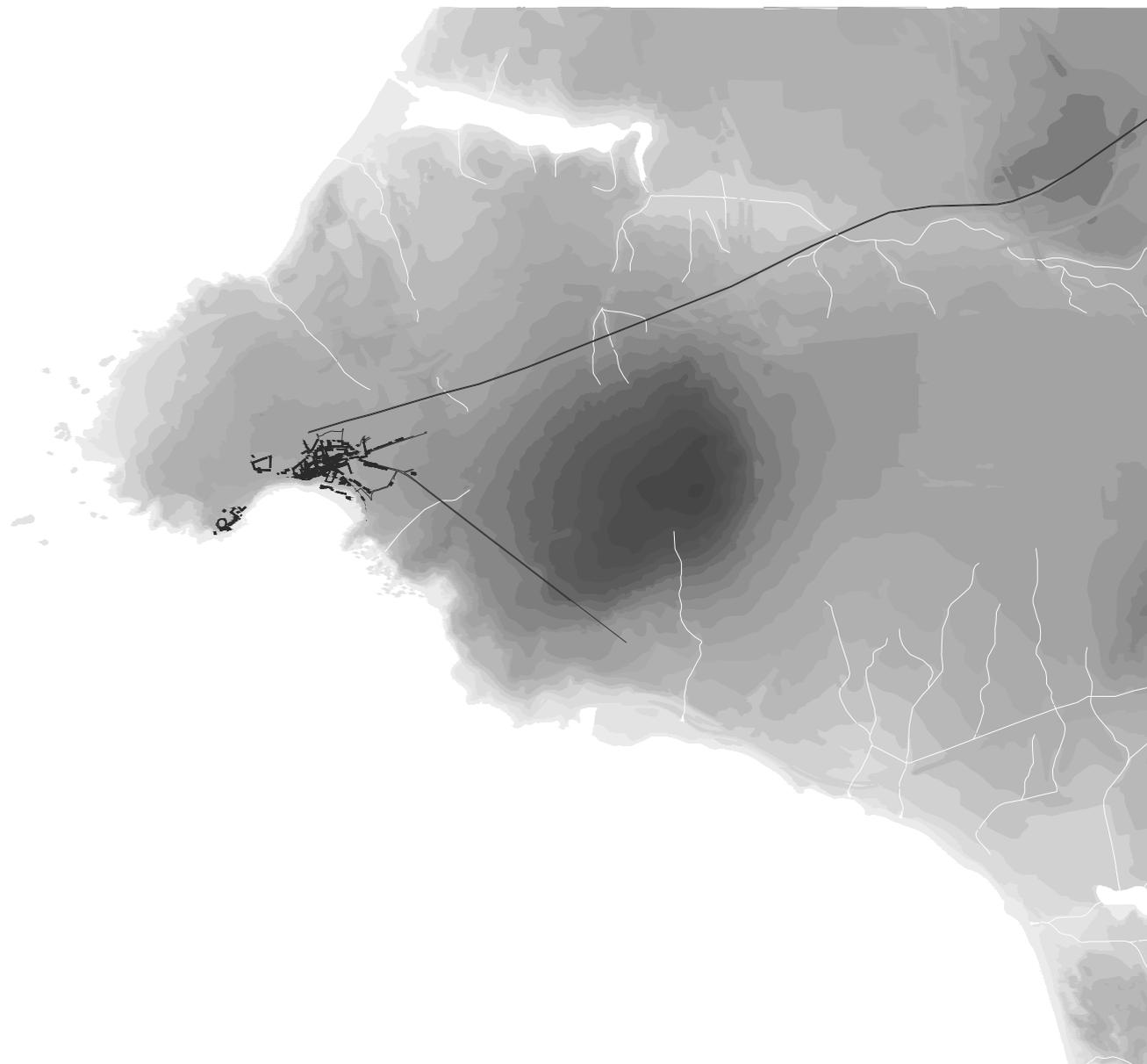
Evolução Histórica Actual (1787- 1790)

0 200 500 1000



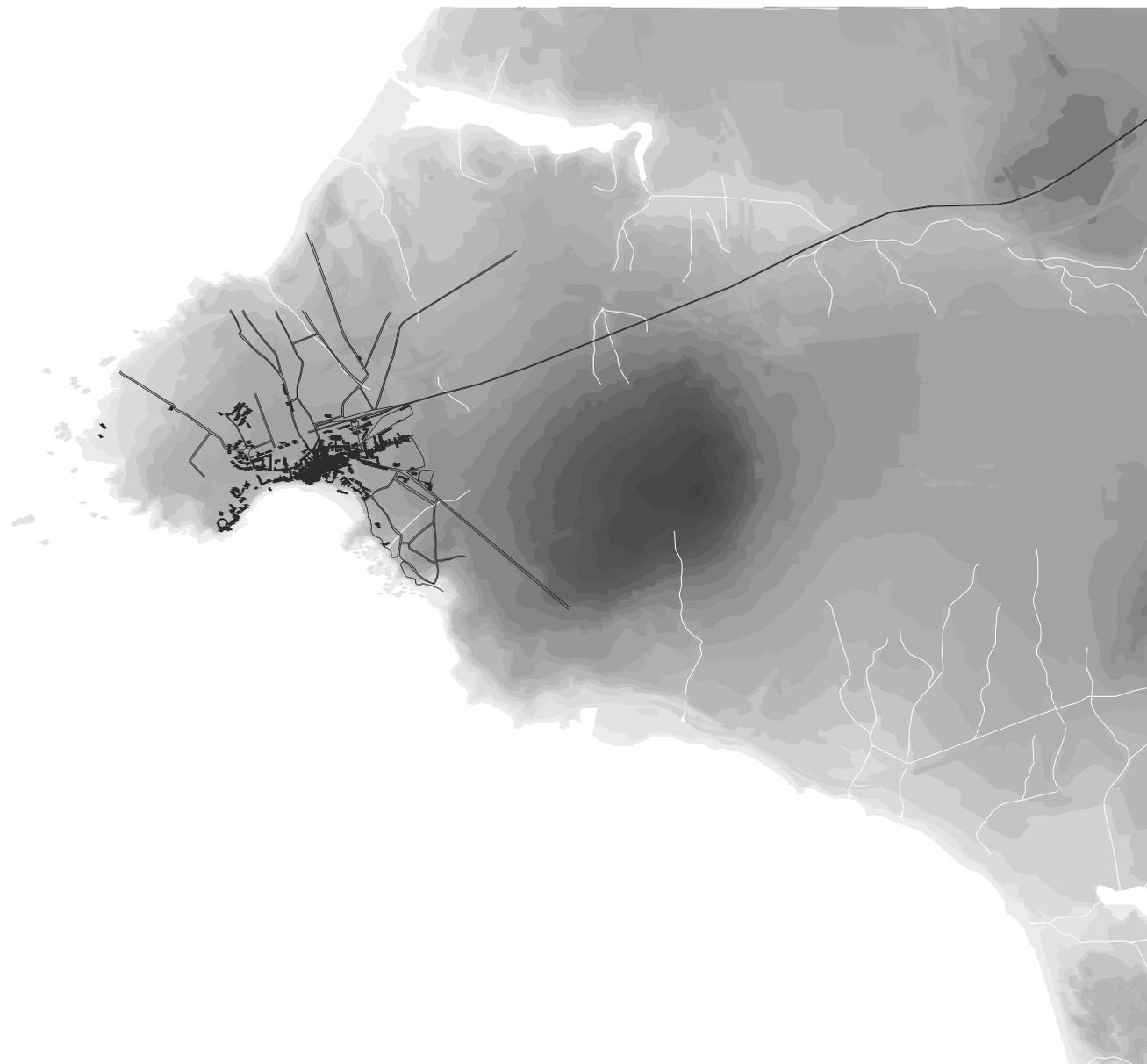
Evolução Histórica Actual (1930)

0 200 500 1000



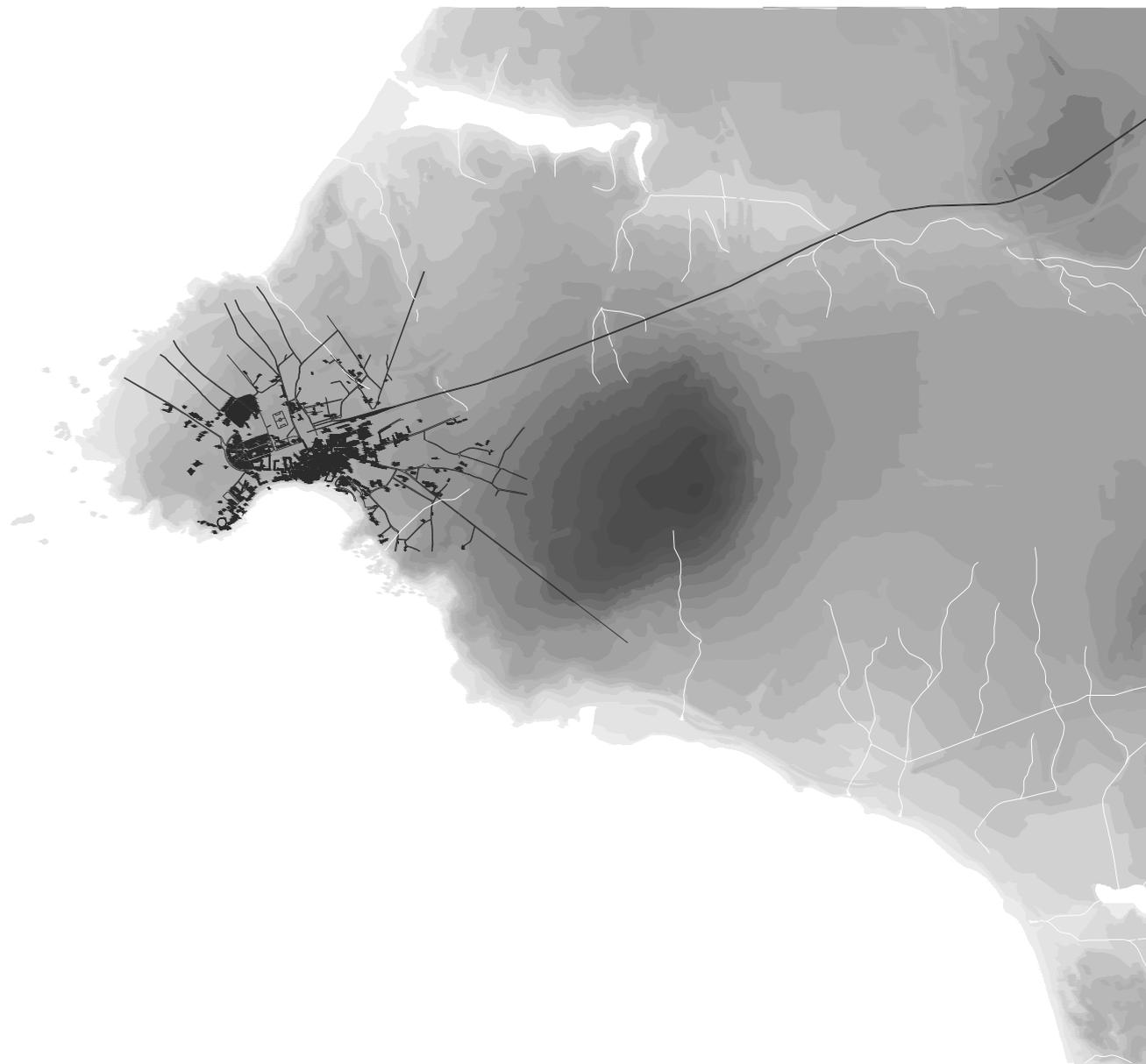
Evolução Histórica Actual (1945)

0 200 500 1000



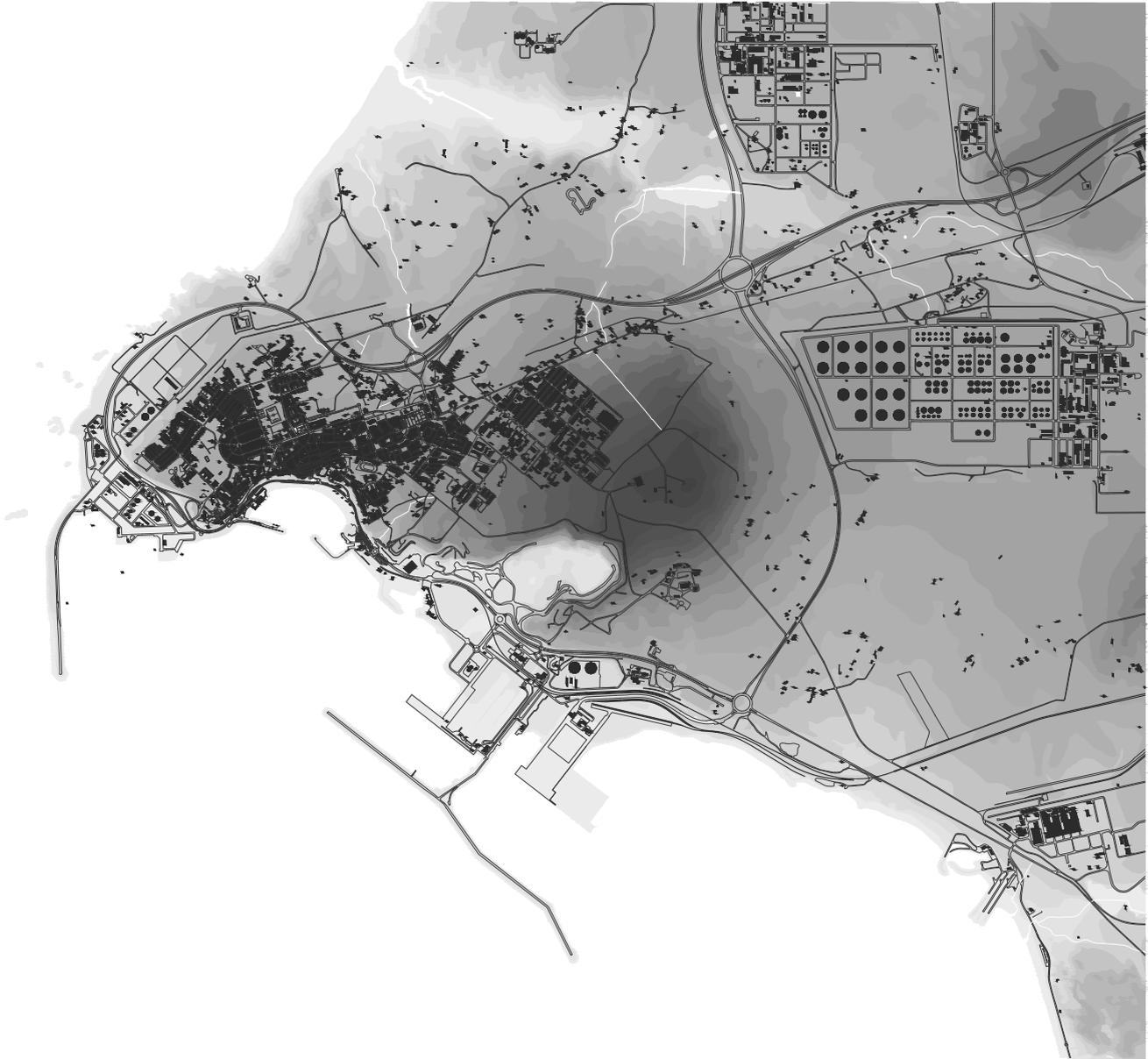
Evolução Histórica Actual (1953)

0 200 500 1000



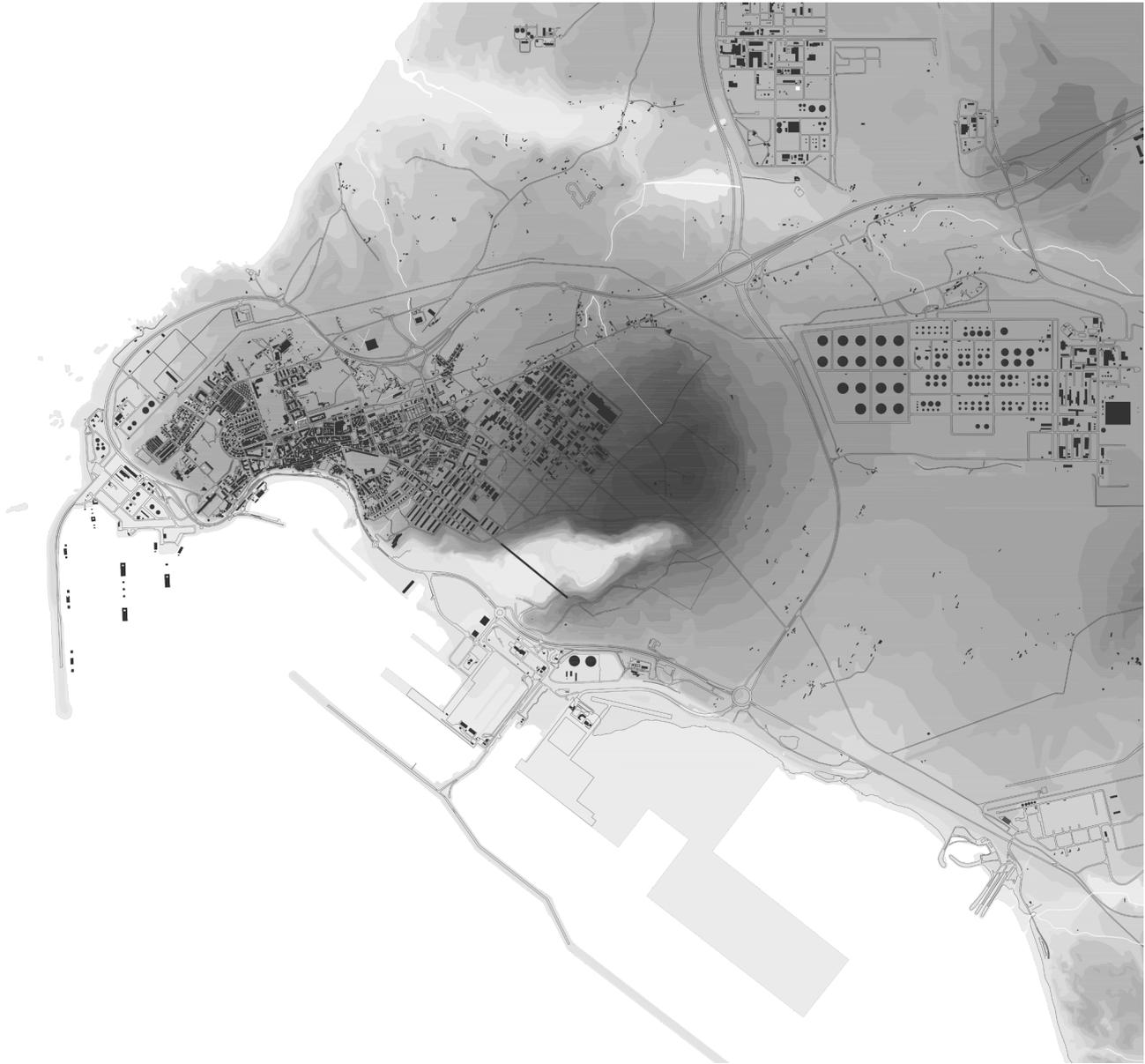
Evolução Histórica Actual (1971)

0 200 500 1000



Evolução Histórica Actual (2013) Actual

0 200 500 1000



0 200 500 1000

Evolução Histórica Actual (Futuro) Proposta



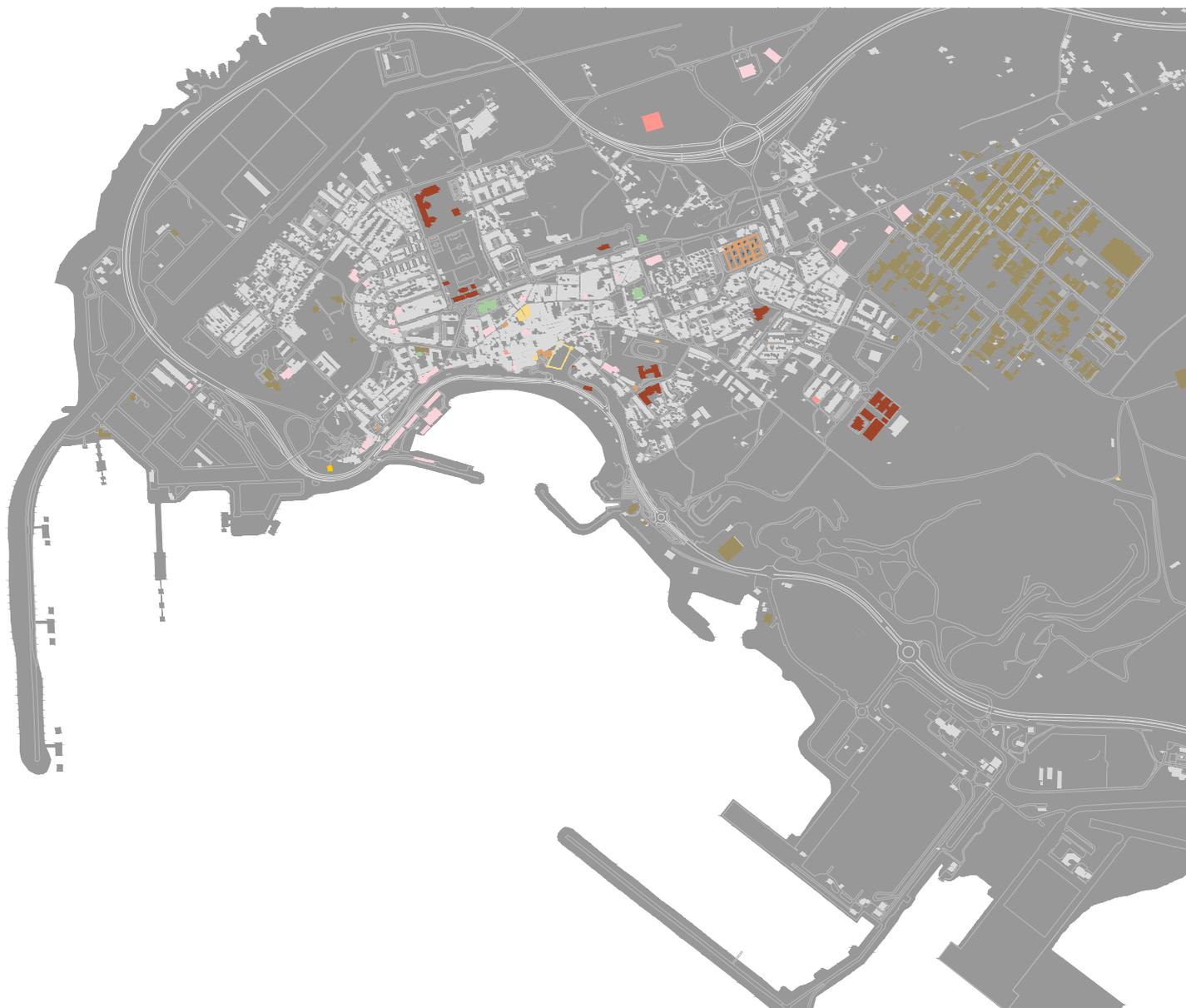
Mapa de Verdes



Verdes Urbanos

Verdes Florestais

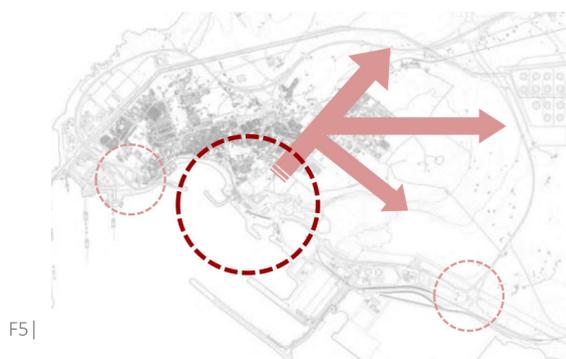
Verdes Agrícolas



Mapa dos Equipamentos



- | | | |
|-------------------------|------------------------------|---------------------------------------|
| Habitação em Construção | Devolutos: Barraca/Telheiros | Saúde |
| Lazer | Cultural | Religioso |
| Comércio e Serviços | Equipamentos Escolares | Edifícios Desportivos |
| | | Áreas Industriais e Infra- Estruturas |



F5|



F6|

Figura 5| - Esquema do nó proposto

Figura 6| Vias reforçadas com a proposta

Figura 7| Locais intervencionados

Figura 8| Antigo Caminho da N^a Sr^a das Dores

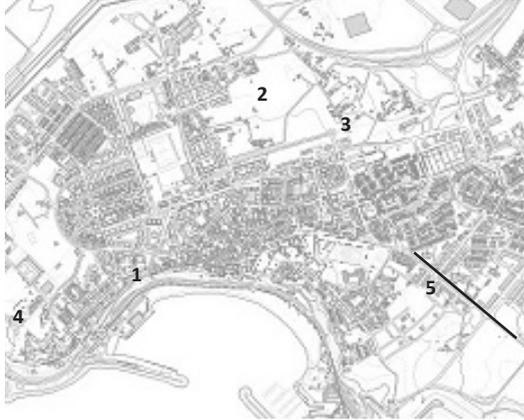
Proposta

A relação Cidade-Porto necessita de ser reestruturada através da indústria, do turismo, da cultura e da educação, como ferramentas para o crescimento da cidade e para a melhoria da qualidade de vida da mesma. Pretende-se a interligação a indústria com a cidade, supera-se o estigma dos espaços de produção para evidenciar a possibilidade de formas de habitar complexas e agregados.

É neste contexto que a intervenção em Sines surge, a essência da mesma passa por intervir em zonas que consideramos pontos-chave da cidade, pontos de equilíbrio entre a cidade e o porto. Dito isto, foi necessário encontrar uma escala intermédia que amenizasse a relação entre ambos.

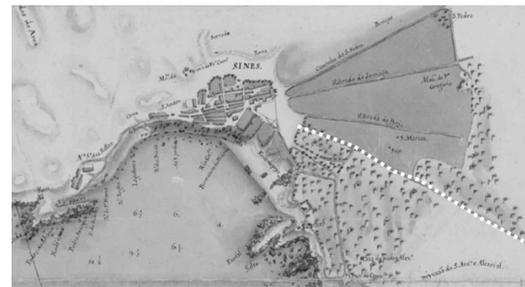
A intervenção dá-se após as obras portuárias estarem finalizadas e consequentemente a exploração da pedreira estar cessada, com isto depois de uma cuidadosa análise às componentes histórico-urbanísticas, território e arquitetónico-urbanísticas enunciam-se 3 princípios gerais de intervenção: Redefinição da linha costeira marítima e linha do planalto; Redefinição da estrutura verde; Reestruturação da malha urbana através da reverificação de eixos históricos.

A pedreira surge na paisagem como uma “feri



F7|

sará a funcionar no Palácio dos Pidwell(3); Redefinição da sede da APS (4), a sede atualmente ocupa uma posição privilegiada no promontório junto ao Forte do Revelim; Um dos edificios propostos pretende recuperar a memória de uma via importante (Caminho da Nossa Senhora dos Remédios) (5), cortada devido a exploração da pedreira.



F8|



Figura 9| Relação entre a cidade (vermelho) e o porto industrial (Porto) . Planta Actual

Figura10| Relação entre a cidade (vermelho) e o porto industrial (Porto) . Planta de Proposta

A redefinição da estrutura verde toca essencialmente em dois pontos: A recuperação da antiga floresta e prolongamento desta massa verde para o interior da vila, colmatando a falta de espaços verdes de cariz público no tecido urbano e a criação sobretudo daquele que é “O” grande verde da cidade, e por fim dar continuidade ao verde da falésia, culminando no parque urbano na pedreira.

O último ponto refere-se à redefinição da linha costeira e da linha do planalto através da supressão da necessidade de haver um porto que sirva as pequenas industrias ligadas à cidade, ou seja o porto da cidade. Este novo desenho de frente tem como objetivo: em primeiro lugar dar continuidade à avenida marginal prolongando esta até aquele que é o limite dado pelo porto e em segundo, através de um novo desenho de frente, reaver uma relação de proximidade com o mar perdida facto reforçado pela construção da marginal impondo uma distância.

Este novo desenho implicou redefinir as funções atuais do porto de recreio, aumentando a capacidade de apertamento para 250 barcos, os serviços de apoio à mesma são melhorados e por fim é adicionada uma nova frente comercial, apoiada por um amplo espaço verde de recreio, que pretende dinamizar e dar sentido urbanístico àquela que é a única área não reclamada pelo

complexo portuário. Além destes serviços é redenhada a plataforma do Centro Náutico, visando melhorar as condições atuais de operacionalidade e mantendo alguns elementos apenas por questão de memória da construção do porto e de logística também.

Por fim a proposta de equipamentos para a cidade de Sines, que revela potencial do ponto de vista turístico, cultural e educacional, surge de acordo com o crescimento das ZILs, além de amenizarem o confronto com o porto e requalificarem os espaços da cidade, acredita-se que possam dar pistas e/ou direções para o desenvolvimento futuro da mesma.

PONTOS ESSENCIAIS

REDEFINIÇÃO DA LINHA COSTEIRA MARÍTIMA E LINHA DO PLANALTO.

_Desenhar um porto civil, o porto da cidade.

_Redesenhar o clube náutico e a marina assim como outros serviços de apoio.

REDEFINIÇÃO DA ESTRUTURA VERDE

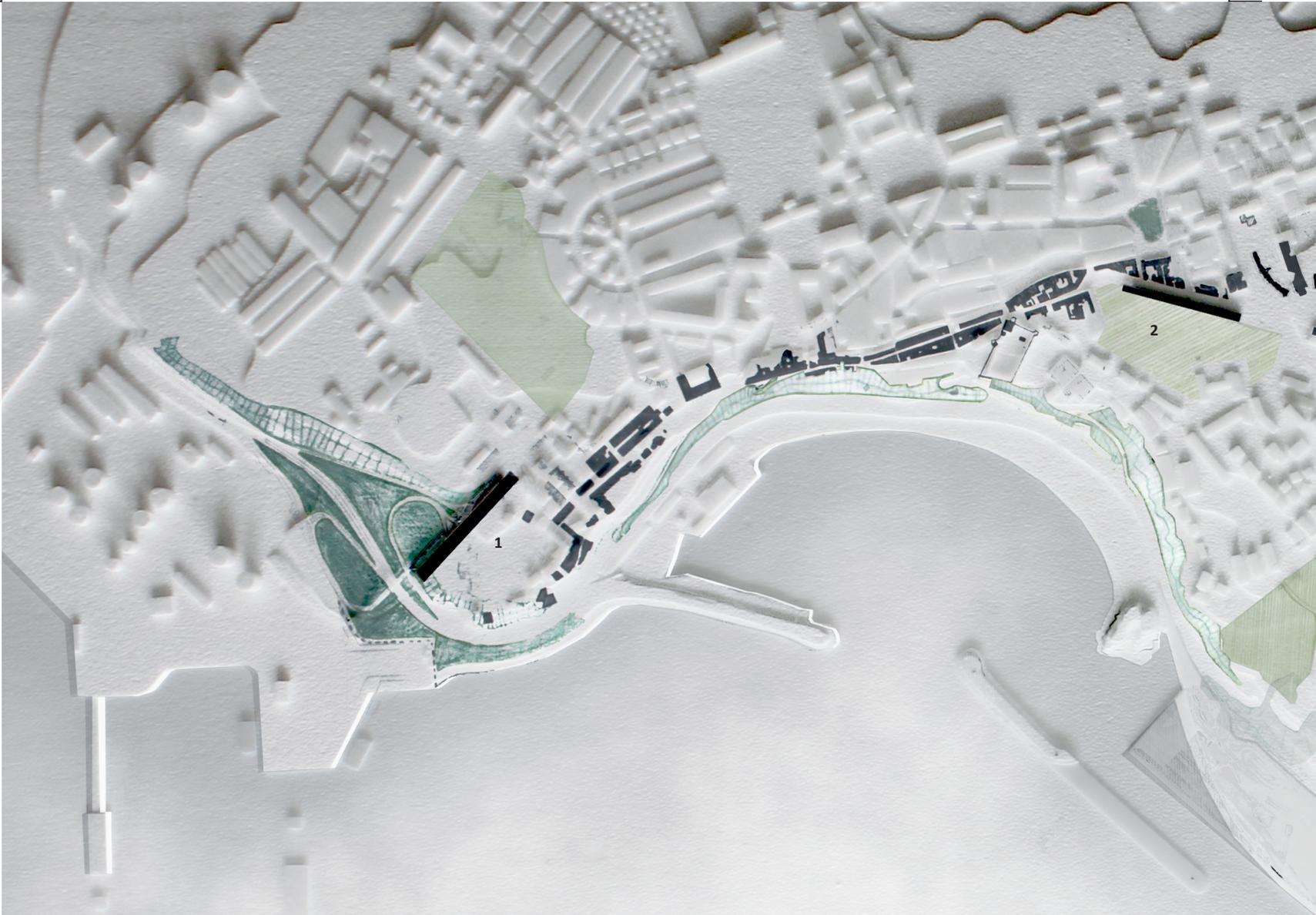
_Falta de espaços verdes na cidade, sobretudo O grande espaço verde que sirva a mesma.

_Recuperar a antiga floresta e contaminar a cidade com espaços verdes, ou seja, prolongar a massa verde a norte de modo a dar uma continuidade ao verde existente na falésia. A pedreira (Parque Urbano) surge como o ponto final desta massa verde.

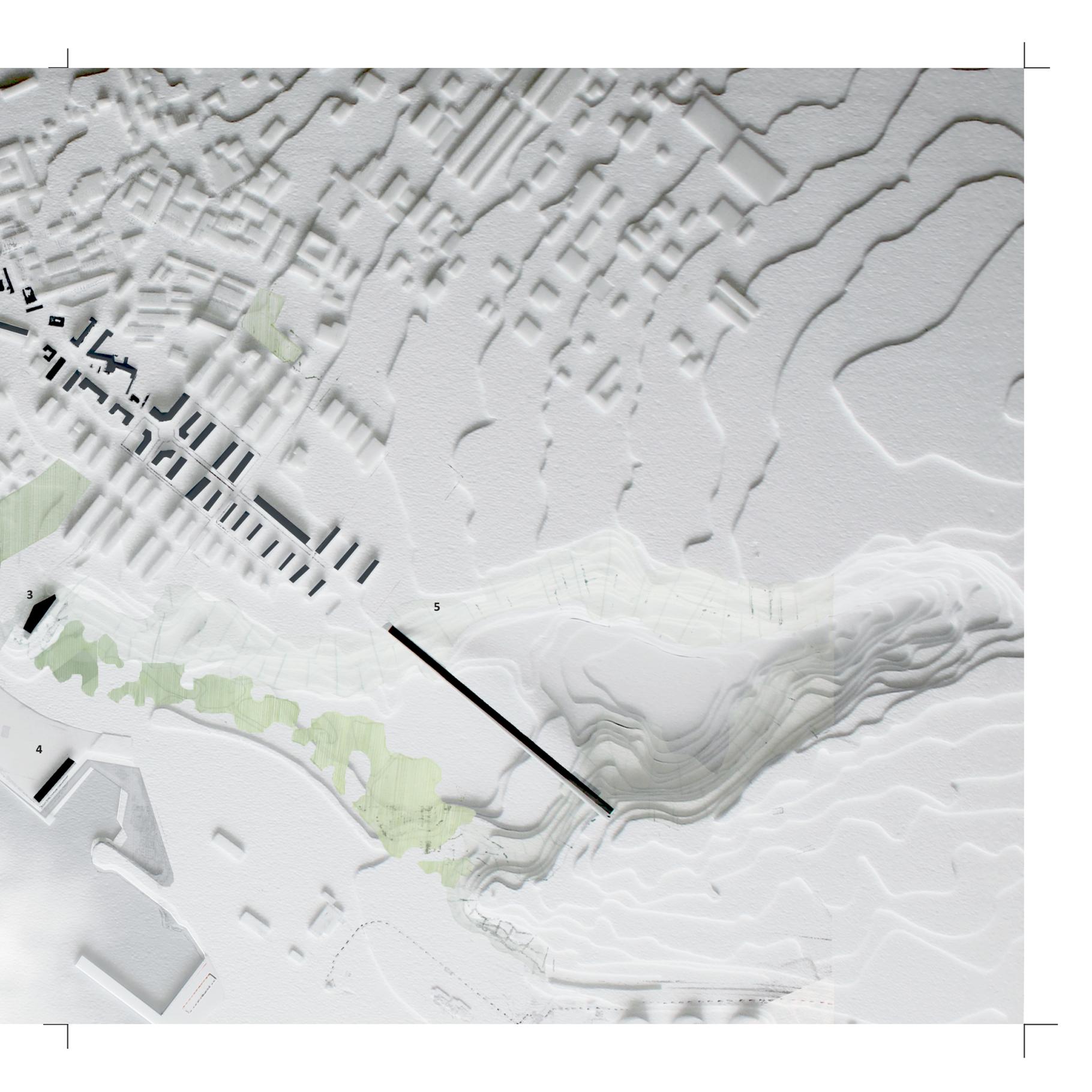
REESTRUTURAÇÃO DA MALHA URBANA ATRAVÉS DA REVERIFICAÇÃO DE EIXOS HISTÓRICOS

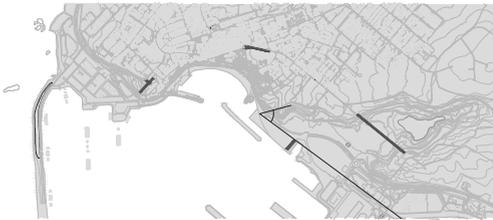
_Reorganizar e redefinir a malha urbana, através da permuta de edifícios e da redefinição de vias.

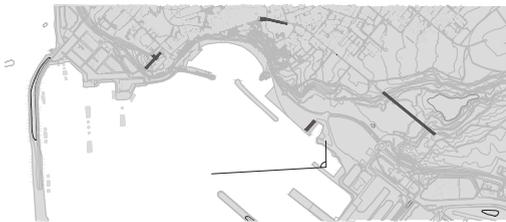
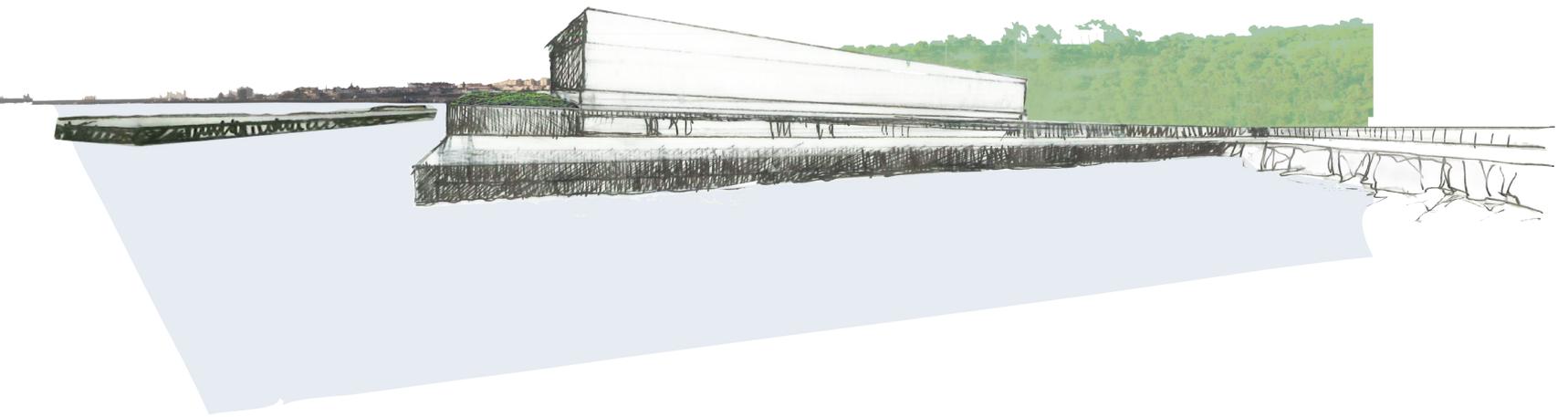
_Ocupar vazios expectantes, para a construção de equipamentos de naturezas distintas, tanto de apoio às actividades portuárias assim como às cidadinas.

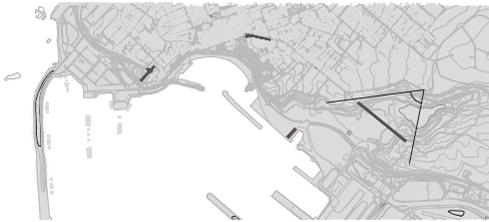
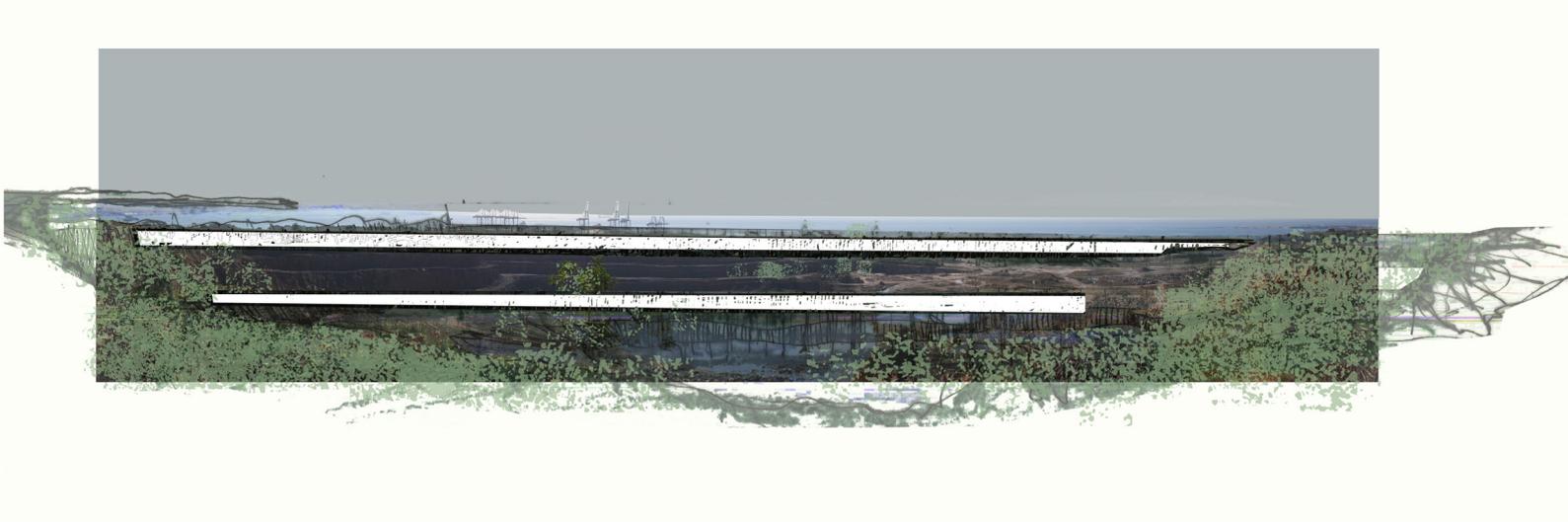


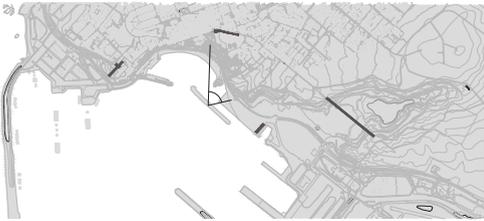
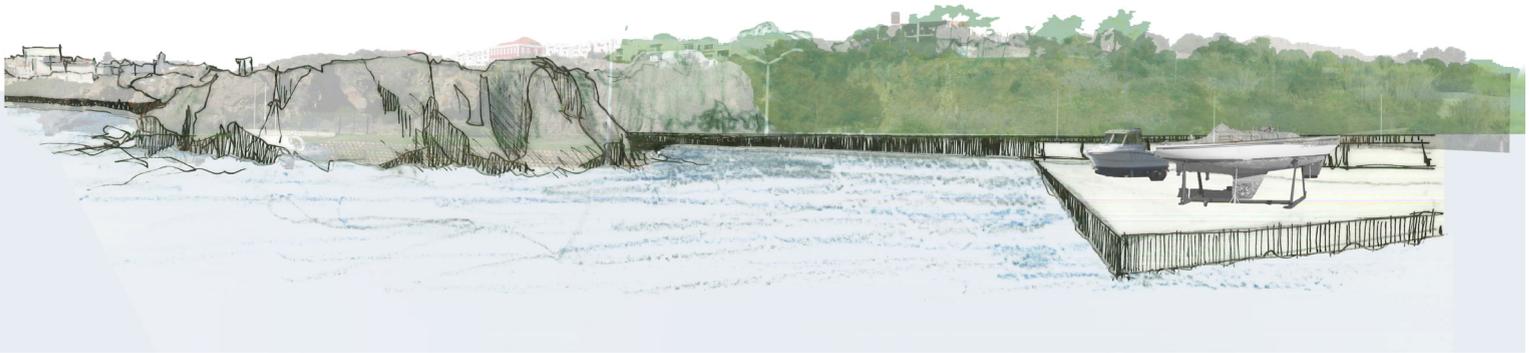
- 1 . Hotel + Escola de Hotelaria _Urbino Santos
2. Residencia de Estudantes _ Rúben Soares
3. Hotel + Termas _Jennifer Martins
4. Centro Nautico _João Ramalho
5. Centro Administrativo + Comercial de Sines + ETLA

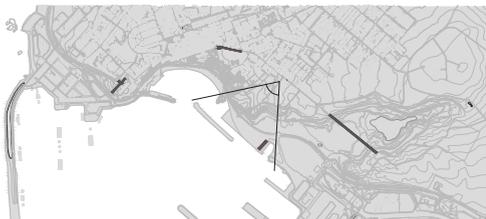
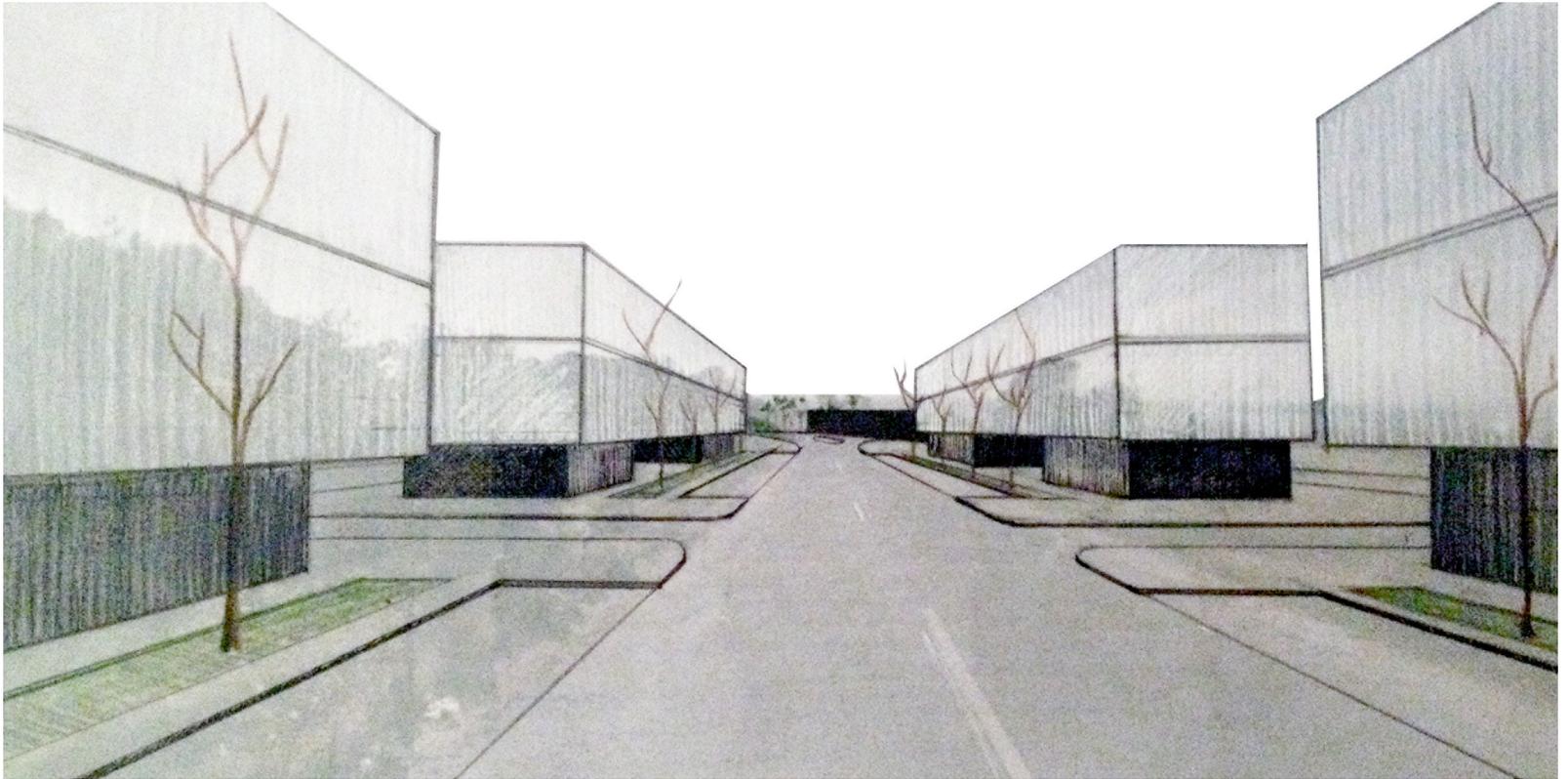


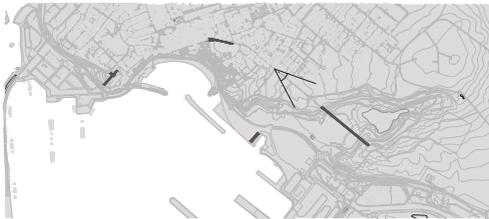
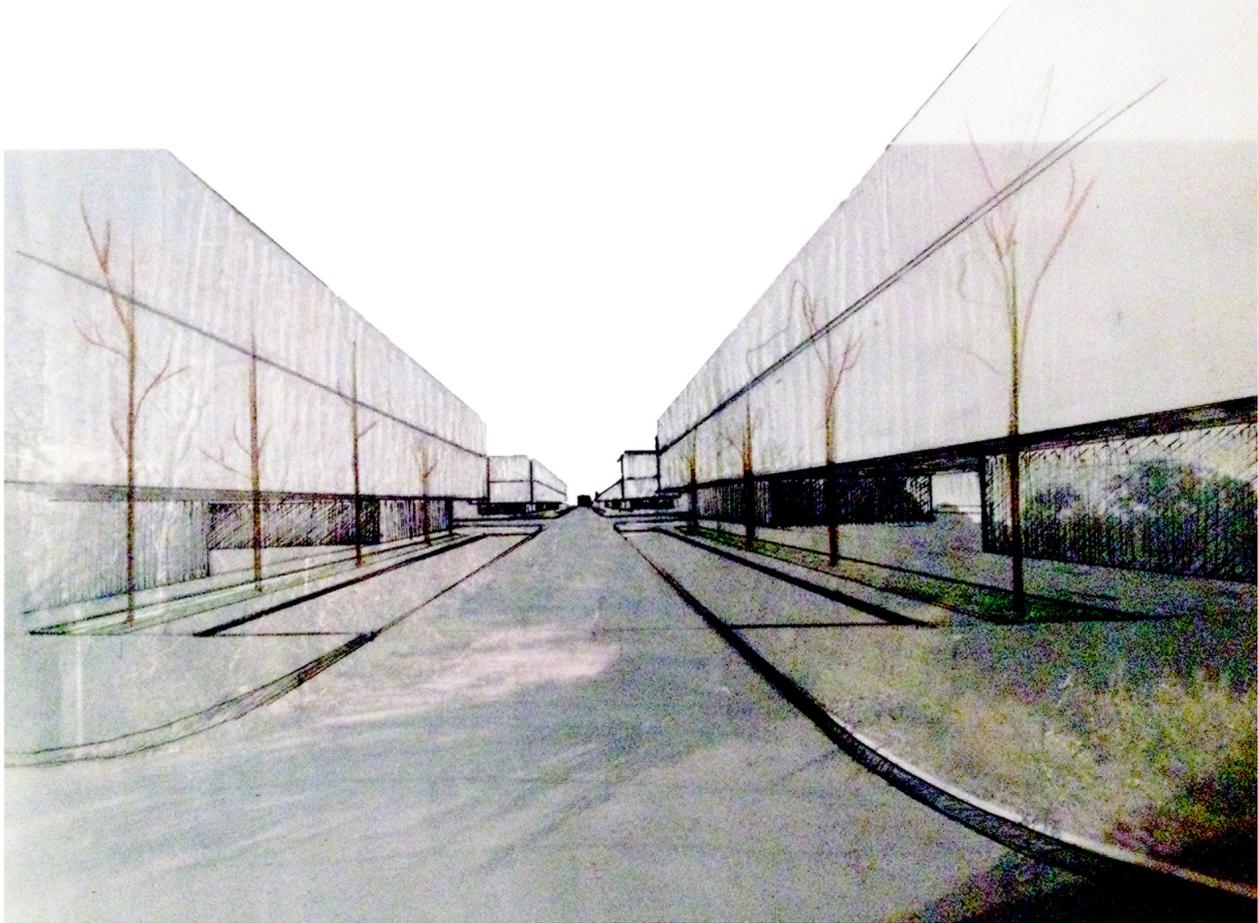


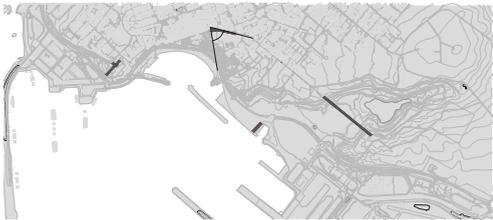


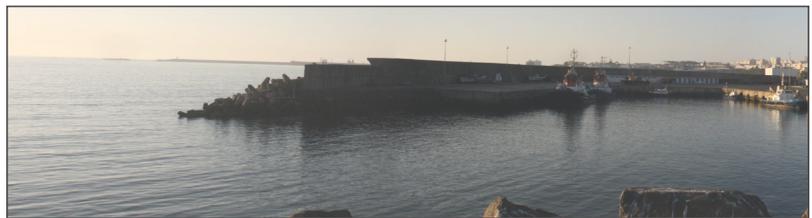
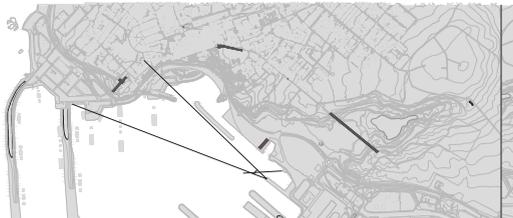
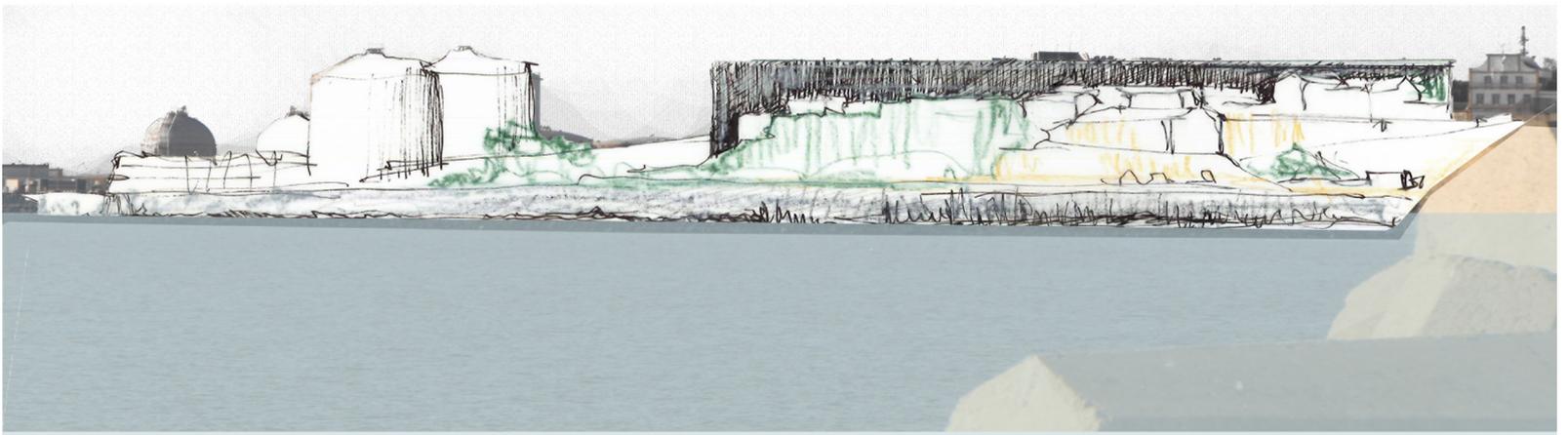












“Criar arquitectura consiste em exprimir aspectos representativos do mundo real, como a natureza, a história, a tradição e a sociedade numa estrutura espacial, que é um conceito abstracto composto por uma lógica clara e transparente.” Tadao Ando



Da estratégia ao plano urbano

A declarada intenção de reclamar, em nome da cidade, do último troço não planeado do território foi o ponto de partida para o planeamento da nova frente marítima de Sines.

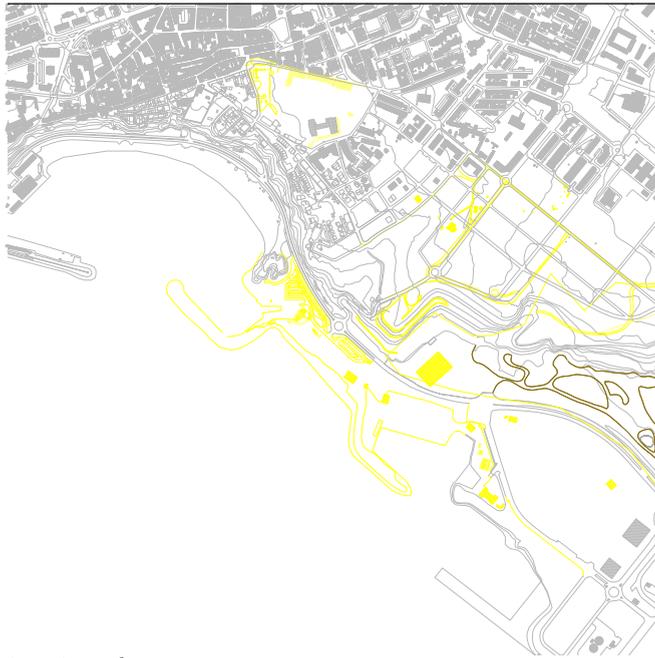
O contexto de atuação naquele troço teve em conta os aspetos morfológicos do mesmo, que pelas suas declaradas características tornou o exercício apaixonante e desafiante. O troço a ter em conta traça-se entre o Porto de Recreio e o Clube Náutico de Sines

Destes aspetos morfológicos os mais importantes foram o cheiro, o contacto quase direto com o mar e também a intensidade com que este embatia nas rochas.

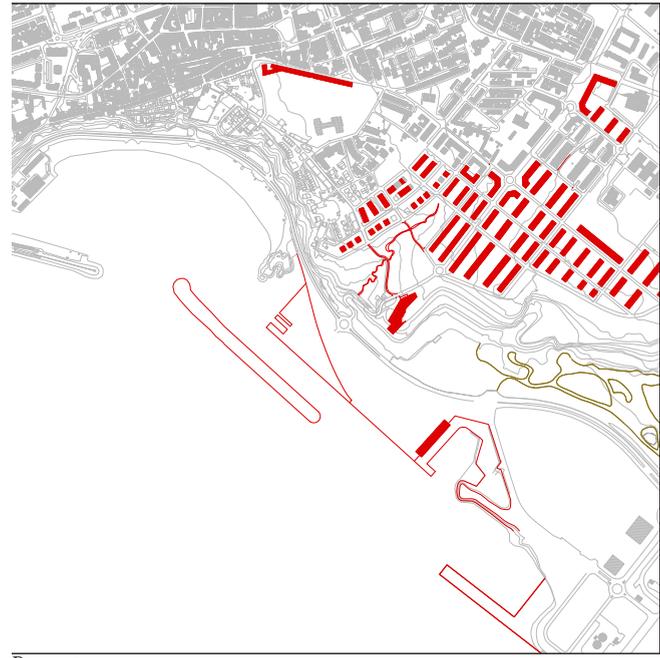
O desenho para a nova frente passava pelos seguintes pontos: a intenção de dar continuidade à marginal proposta pelo grupo implicava o prolongamento em determinadas partes do aterro existente construído sob um sistema de estacas e caixotões, onde a sua forma orgânica proporciona o novo aproximar da cidade ao mar. O “libertar” daquele que, nos tempos de pré-complexo industrial, era o remate da praia, o Pontal. A criação de uma toalha de água contínua é concretizada ao “desbastar” o molhe existente do porto de recreio, deixando apenas o suficiente para a passagem de barcos de pequeno calado e evitar o assoreamento do porto de recreio. O novo troço do molhe nasce do aproveitar das pedras do desbaste do molhe antigo prolongando-o para servir de proteção aos barcos de grande calado.

Igualmente é retirado ao porto de serviço o molhe de proteção e o seu mega-muro de proteção, uma vez que a proposta contempla a deslocação do mesmo para o extremo oposto na direção do porto do carvão.

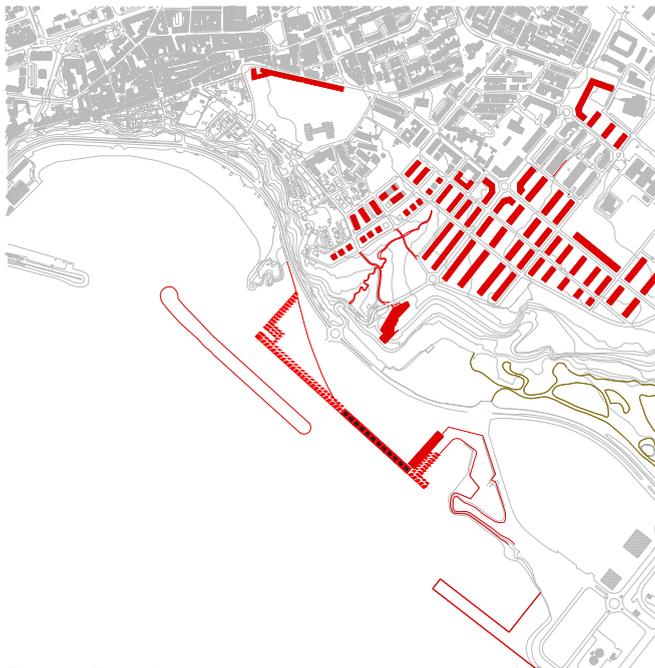
As infraestruturas existentes (Edifício do Porto de recreio, Armazéns da APS, Edifício de apoio ao serviço de comércio) são demolidas e integradas no novo plano.



Situação atual



Proposta



Planta de Estacaria



Planta de demolições e adições

O novo desenho a nível programático está separado em 3 momentos distintos. Os serviços de apoio aos navegadores do porto de recreio e nova frente comercial, o grande espaço verde público de apoio à cidade e a frente comercial e a plataforma do Clube Náutico. A base do desenho tem por exemplo a nova frente marítima de Salónica, organizando-se em 3 layers: Passeio junto ao mar, espaços verdes de permanência de transição entre rio e cidade e layer de estacionamento.

Como a diferença de cotas entre o nível da estrada cota +6.50 e a cota da marina +3.50, que se mantém, surge uma grande pala em betão que se levanta do chão à cota +11.00 de forma a proporcionar um pé direito confortável para a instalação da nova frente comercial e dos serviços da marina.

O primeiro momento tenciona melhorar a situação atual do porto de recreio no que respeita à sua área de implantação e ação. Os problemas encontrados ao nível da falta de espaço tanto para os barcos a seco, como para o movimento do travellift levaram à solução apresentada na planta geral. Entre os serviços de apoio aos navegadores estão balneários, lavandaria, instalações sanitárias, recolha de resíduos sólidos e líquidos, combustível e eletricidade. Além destes proporciona-se a oportunidade de alargar as opções de comércio relacionado com a atividade de navegação como lojas de artigos para embarcações e Escola de Navegação. Para a administração do porto de recreio e do S.E.F propõem-se o melhoramento das instalações e melhor articulação com os restantes programas.

Integrada com a marina está uma nova frente comercial. Pretende-se com esta nova frente oferecer à cidade um espaço que possa reforçar o contacto com o mar e com a cidade num panorama diferente do vivido no planalto e dar uma vivência oposta à da constatada.

O segundo momento é o do jardim de apoio à cidade, marina e clube náutico. Este espaço verde que ocupa mais de metade da área proposta, a nível urbano, encara o troço intervencionado de maneira diferente à que se pode experienciar. A ida ao local mostrou que a



Nova Frente de Salonika



falta de planeamento e oportunidades provocava uma falta de afluência ao mesmo e o jardim e a frente comercial vêm de certa forma, contrariar o constatado e reforçar a posição da cidade em confronto com o porto. O desenho dos percursos pedonais inspira-se no que se pode constatar do local, a escolha múltipla de percursos, não impondo um percurso fixo, mas impondo ordem aos mesmos.

O remate deste jardim faz-se numa grande praça de frente para o edifício do clube náutico, onde se propõem atividades lúdicas de grande escala.

Este remate pretende oferecer pistas na direção em que a cidade futuramente se poderá desenvolver.

O terceiro e último momento relaciona-se com o Clube Náutico.

Clube Náutico de Sines

A escolha do tema ligado ao mar está intimamente relacionada às memórias de infância e da partilha de momentos com quem nos marca. O mar é o tema maior numa cidade que dele sempre dependeu e como tal decidiu-se apostar no programa de reativação do clube náutico de Sines. A situação de abandono em que o clube náutico se encontra deve-se à inexistente ligação com a cidade o que cria uma ilha de lazer isolada do restante.

A nível da implantação o edifício sugere ser o remate de todo o plano urbano proposto, declarando-o como o novo Pontal. A retirada do muro de proteção do porto de serviço, indicou a direção que o novo edifício teria de tomar, uma vez que se pretendeu sempre recuperar o contemplar da cidade, os limites da falésia a ela inerente e do mar. Como tal o primeiro gesto foi de uma massa elevada sem qualquer tipo de receios e constrangimentos, que com o passar do tempo viesse a perder o seu “peso”, mas que se mantivesse elevada para poder filtrar, e fixar o olhar nas linhas primitivas do território.



Esta posição de antítese em relação ao antigo muro permite que suprir outra necessidade sentida, a da comunhão total com o mar, a pedreira, o verde da falésia e do jardim e o construído envolvente, o assumir da realidade constatada.

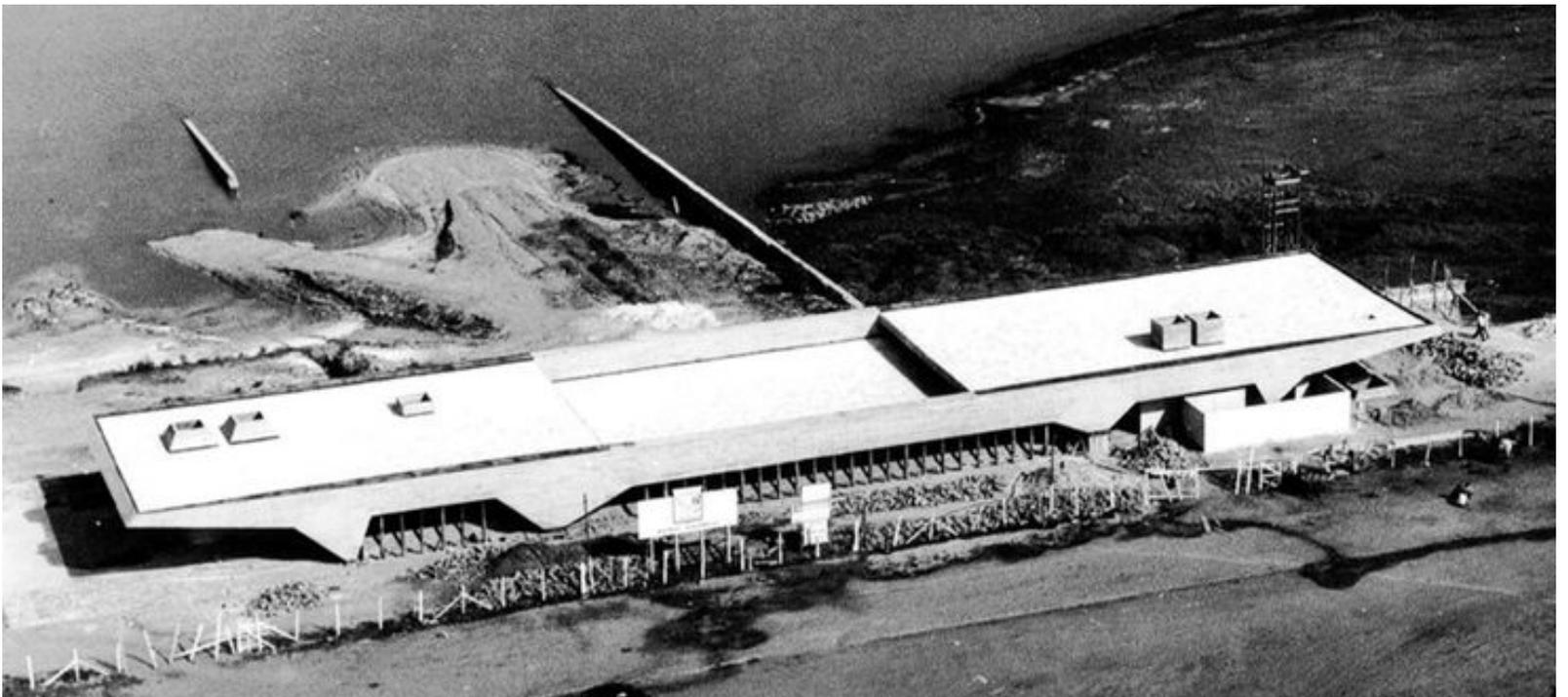
A organização programática do mesmo incidia num programa muito simples do ponto de vista arquitetónico, cuja maior necessidade estava ligada ao equipamento do clube náutico e a proteção dos barcos a seco. Para tal foi decidido desde o início que as funções de clube náutico estariam dissociadas fisicamente da programática social do mesmo, como tal surgem dois grandes volumes, uma em vidro que albergava os programas públicos e outra grande caixa onde se inseria o programa semi-privado do C.N.S, abrigados pela grande massa elevada. Dentro destas massas existiam outras que pelas suas características opacas criavam um ambiente multifuncional através dos vazios criados entre si. O volume do C.N.S separa-se em duas áreas, a da pesca desportiva e a da vela e outros desportos náuticos tendo como ponto unificador o volume dos balneários que faz a transição da cota da entrada +6.50 para a cota +3.50. Na cota +3.50 ainda se encontram os vazios criados no terreno para a colocação de barcos. A rematar o interior desta massa esta a caixa que contém a estufa para pintura dos barcos e a zona técnica do CNS.

A cota da entrada do mesmo um passadiço confere um local de contemplação da grande caixa e do ambiente de preparação/arrumação de material náutico.

O volume de vidro corresponde ao programa mais público e multifuncional. A ideia de ter um remate ao plano projetado desmaterializa-se através da possibilidade de ir até à varanda, que protegida pela grande massa elevada, permite uma contemplação do universo náutico, natural e industrial. A organização do programa dentro deste volume baseou-se na ideia simples de o vazio ser espaço servido e as caixas, o opaco, ser o serviço. Nos extremos encontram-se os espaços de permanência e de reunião, respetivamente o restaurante e a sala polivalente, enquanto que no centro se encontram um espaço misto, que depende das



Neue Galerie Berlin - Mies Van der Rohe



Santa Paula Yacht Club - João Vilanova Artigas

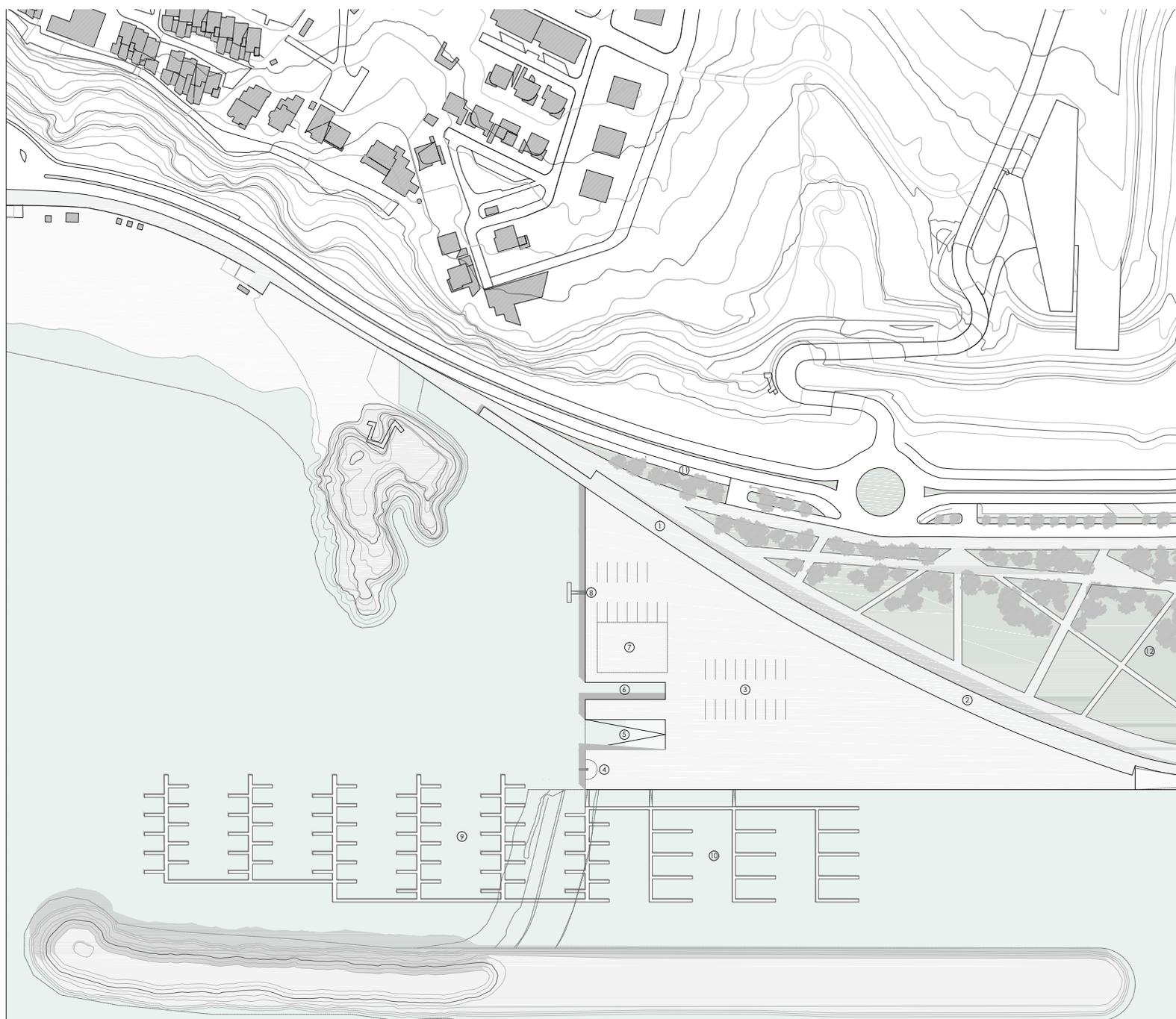
condições meteorológicas para o seu uso e da torre. O espaço misto funciona como atravessamento em dias sem vento e funciona como esplanada coberta em dias de vento. A entrada principal é efetuada junto desse espaço misto e adjacente à torre. Esta torre que na sua primeira leitura é uma caixa com os seus planos ortogonais bem definidos, mas que no seu interior contempla uma escada em caracol independente da caixa. A escada na zona escura da caixa permite visualizar um feixe de luz que serve de chamariz para a subida da mesma. Após se perder a noção do mar chega-se ao topo onde se pode contemplar acima dos molhes o horizonte que poucas as vezes é possível de ver da cota da entrada.

O restaurante é o espaço de eleição graças à sua localização. A grande característica a manter do original seria a possibilidade de haver um espaço de permanência para o final do dia desfrutar do pôr do sol entre os molhes e visualizar o horizonte.

É servido por uma das caixas onde se encontra a cozinha e instalações sanitárias de apoio.

A questão estrutural do edifício divide-se em duas partes. A primeira é relativa à massa elevada. Esta grande pala evoca, através da sua materialidade, utilizada pelos pescadores nas suas embarcações, a madeira. A solução como laje vigada, em madeira lamelada colada, permitiu vencer um vão de 15mts que se repete pelo corpo oblongo. A métrica de 12x15mts confere alguma harmonia na utilização do espaço. A massa assenta em pilares redondos maciços em madeira de 45cm de diâmetro na caixa de vidro e de 50cm quadrangulares na caixa do CNS. Estes pilares estão ancorados ao pavimento por uma estrutura metálica. Para amortizar o peso da cobertura estão as caixas de serviço em betão armado onde a mesma assenta aliviando as cargas. A solução estrutural conferiu duas caras ao edifício. A fachada virada à praça pretendeu-se que tivesse um aspeto mais sóbrio nas suas linhas e na fachada virada ao porto evidenciar o carácter industrial do edifício.



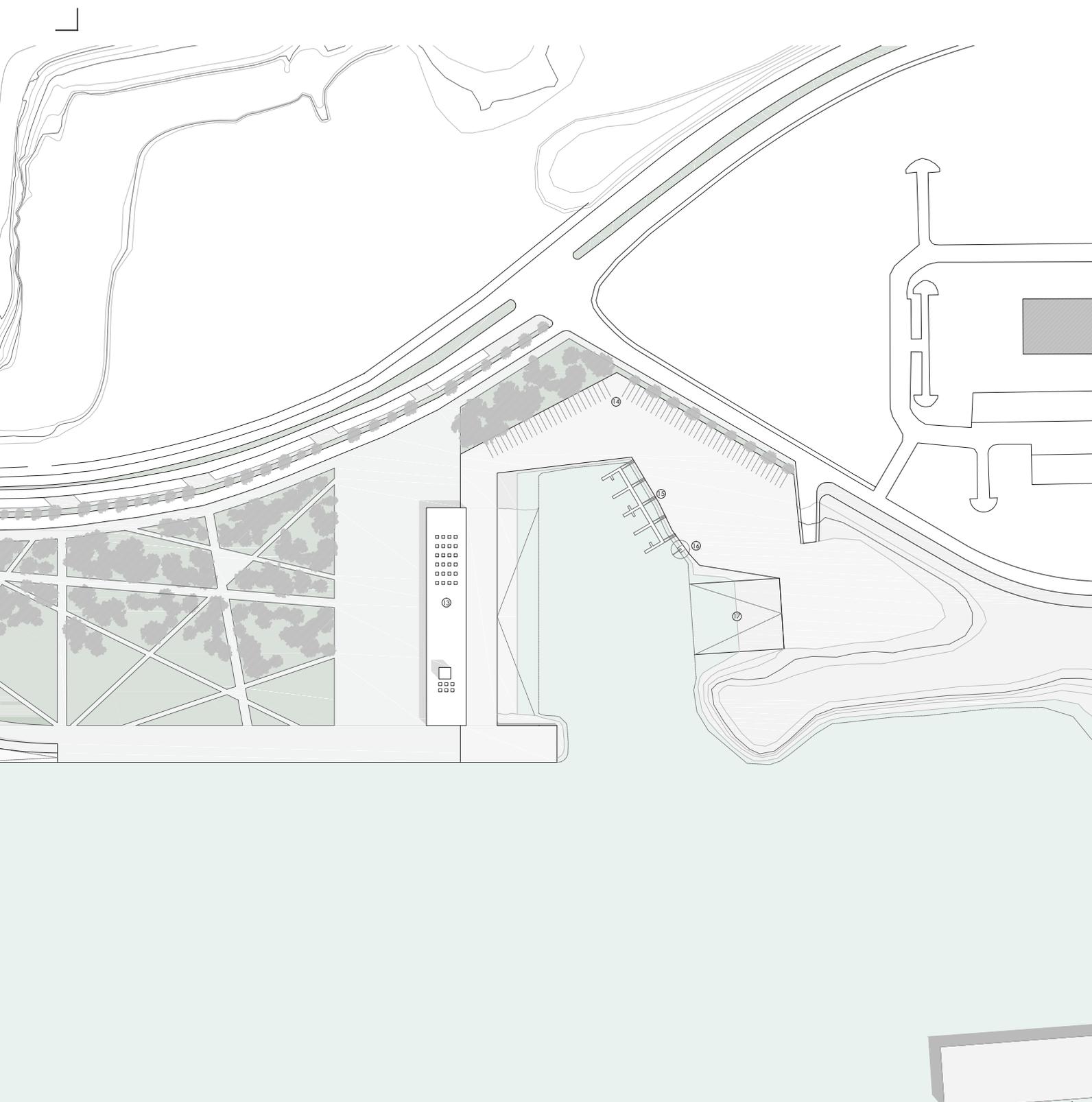


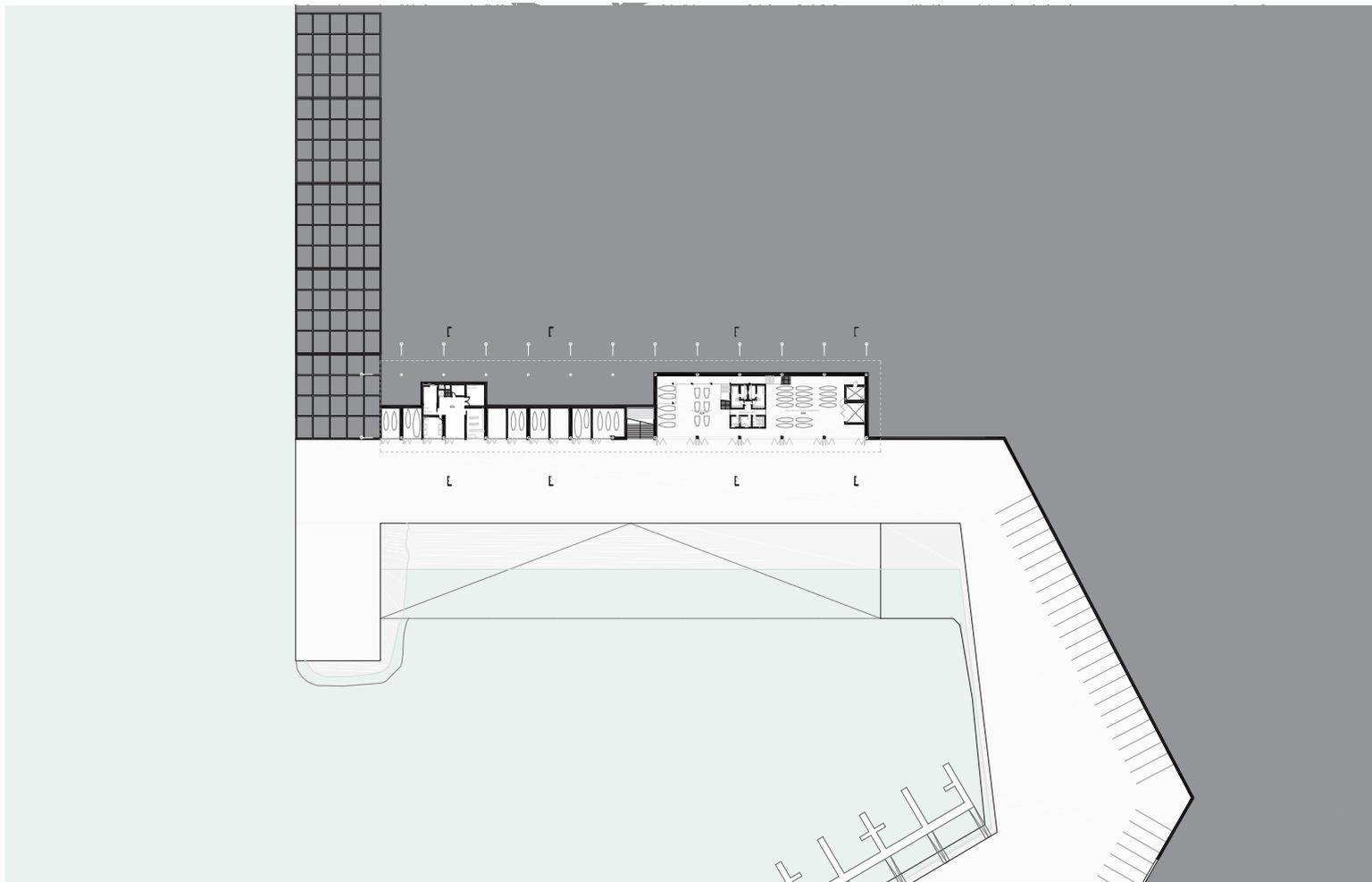
1 - Serviços da Marina 13800m² (Apoio à navegação)
 2 - Nova Frente Comercial 2700m² (Lojas, Restaurantes)
 3 - Estacionamento para barcos a seco (18 Lugares - 1800m²)
 4 - Grua para varagem (6Ton.)

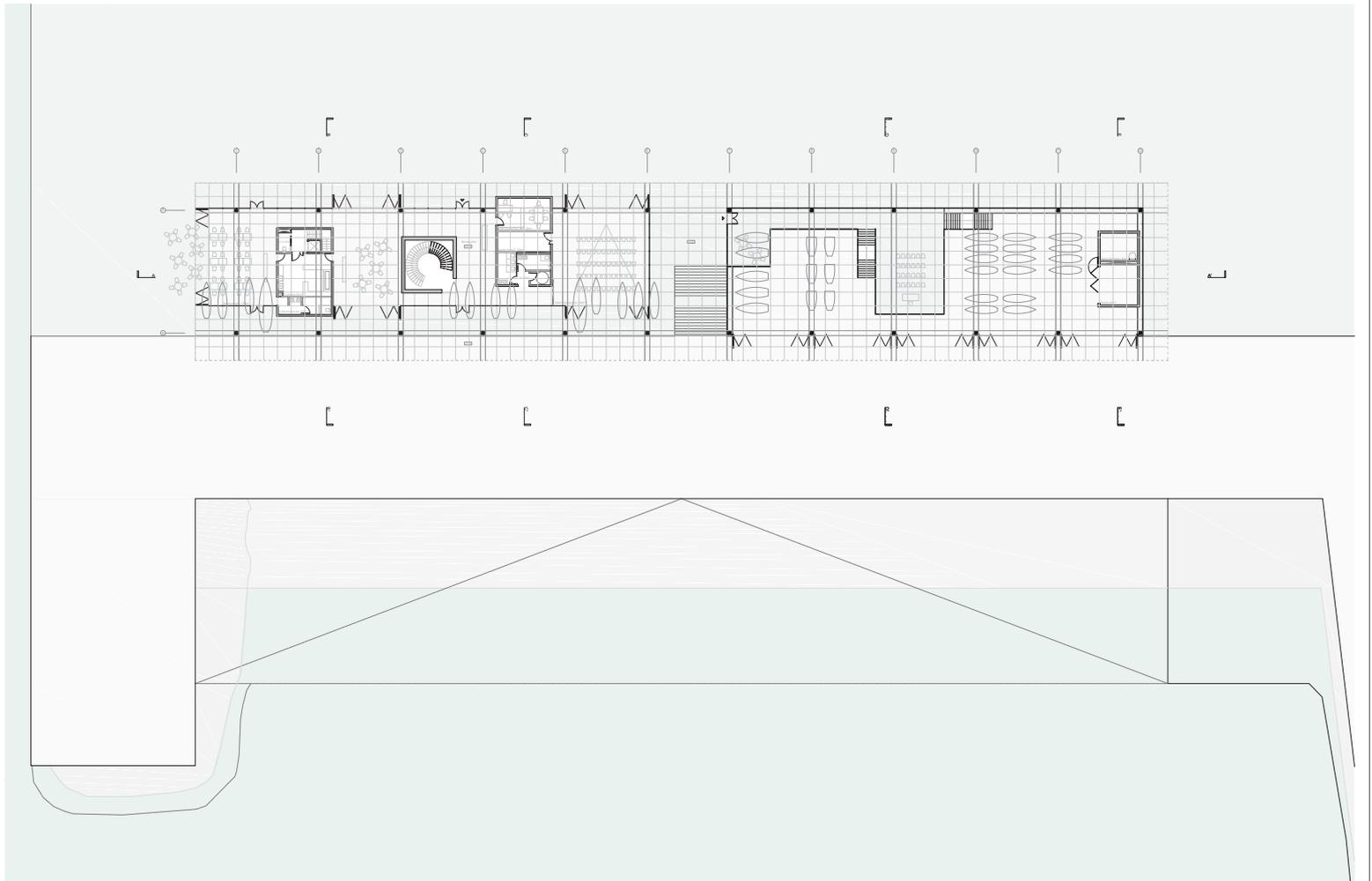
5 - Rampa de Varagem 8%
 6 - Travellift (Até 50Ton.)
 7 - Espaço de Reparações 875m²
 8 - Plataforma de Abastecimento de Combustível, Resíduos Sólidos e Água Sujas

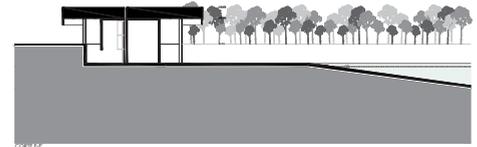
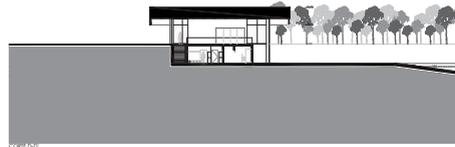
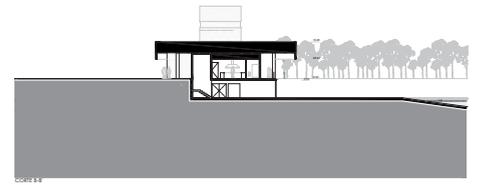
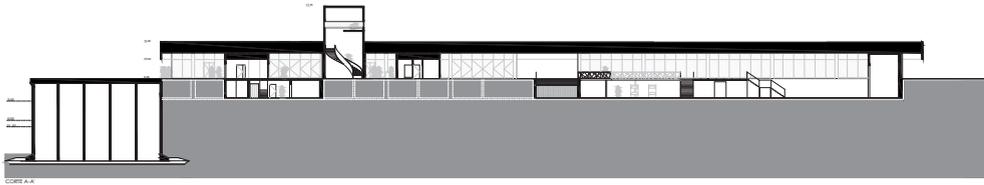
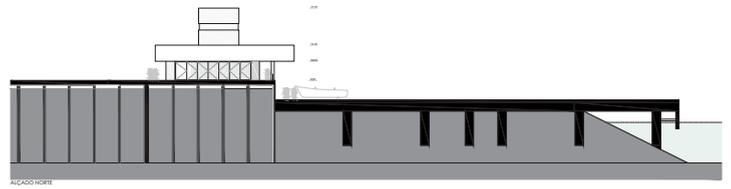
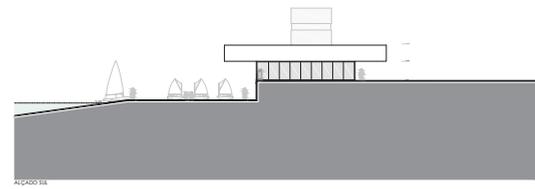
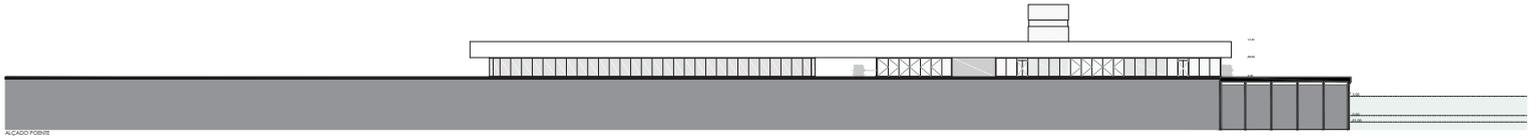
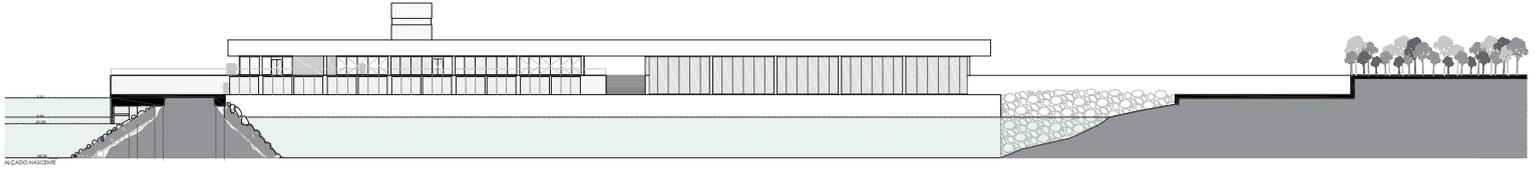
9/10 - Plataformas de Estacionamento para barcos (250 Lugares)
 11 - Sistema, extracção de resíduos sólidos e águas sujas
 12 - Espaço verde de apoio à cidade e ao porto de recreio (34000m²)
 13 - Clube Náutica de Sines

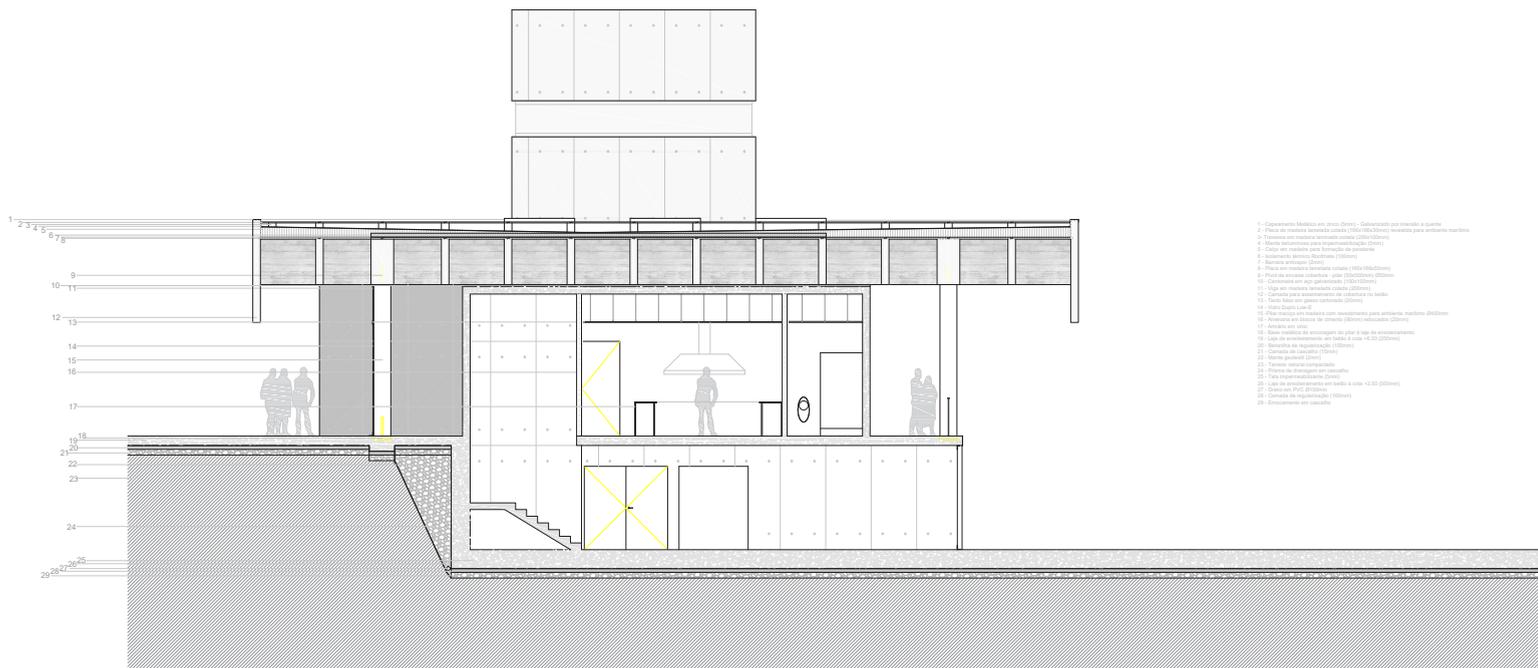
14 - Espaços de Estacionamento de barcos a seco
 15 - Estacionamento de Pesca Desportiva do C.N.S
 16 - Grua de Varagem
 17 - Antiga rampa de apoio a construção do porto de Sines











- 1 - Capote de Mòdica en pedra de marbre - Capote de Mòdica en pedra de marbre a quatre
- 2 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm) ceràmica per a parets exteriors
- 3 - Terra de pedra de marbre ceràmica ceràmica (100x100x10mm) ceràmica per a parets exteriors
- 4 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm) ceràmica per a parets exteriors
- 5 - Colze en ceràmica per a parets exteriors
- 6 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 7 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 8 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 9 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 10 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 11 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 12 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 13 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 14 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 15 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 16 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 17 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 18 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 19 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 20 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 21 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 22 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 23 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 24 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 25 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)
- 26 - Placa de ceràmica ceràmica ceràmica (100x100x10mm)

